

Andreia Nascimento

A romantic illustration featuring a couple in silhouette, embracing and holding a lit torch. The background is a vibrant sunset sky with a gradient from orange to blue. A crescent moon is visible in the upper left, and a bare tree stands on the right. The title 'Amor em Saturno' is written in a large, white, cursive font across the center.

Amor
em
Saturno

Nem tudo ficou em Sonora
#2



PERIGOSAS NACIONAIS

Amor Em Saturno

Andreia Nascimento

2018

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Andreia Nascimento

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é de entreter. Nomes, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Revisão: Marcelle Nader.

Outros títulos da autora:

Over You

Até Agora

Eu Prometo Tentar

Eu Prometo Te Amar

Paixão em Sonora #1

Trilogia Certezas do Amor

Um

— Heitor, eu te amo.—Limpo a garganta para a voz sair com mais facilidade.— Eu te amo.— Balanço a cabeça, me assegurando que estou falando em voz alta.— Heitor, eu meio que... *amo* você.

Grito de frustração, mas desta vez ninguém vem até meu quarto. Minha mãe agora tem aulas de pintura, meu pai está trabalhando e Ben, está fazendo o que ele faz de melhor: estudando. Entre a volta de Heitor e hoje, se passaram seis meses e mesmo tendo certeza que o amo – eu pesquisei no Google –, apenas não consigo me declarar em voz alta.

Volto para a frente do espelho, inspiro o ar como vi na aula de introdução de Ioga – não passou disso, acabei assinando um mês e tive que pagar vinte nove e noventa pela a aula do mês que *não* usei –, umedeço meus lábios e tomo a coragem para confessar. Talvez, se eu treinar o suficiente,

PERIGOSAS NACIONAIS

não engasgarei quando disser em voz alta.

— Heitor, eu amo você!— A confissão é boa.— Eu amo *você*.

— Não me diga que Heitor está aqui em algum lugar. — Ben está parado à porta segurando uma mala em uma mão e a outra na altura dos olhos.— Ele ao menos está vestido?

Levo segundos para entender o que aquilo significa.

— Ben! — disparo em sua direção, jogando-me sobre seu corpo. — Mas, você só iria chegar semana que vem!

Ele aponta para o calendário, onde está marcada com um círculo vermelho a data da sua chegada, e sim, é hoje. Se um dia eu for capaz de passar o dia com a mente na Terra, será algo majestoso. Respiro para falar que estava realmente viajando, mas não o faço. Porque antes de eu ser capaz organizar as ideias, ouvimos passos velozes dentro de casa, o que nos causa um susto e tanto, levando em conta que os donos da casa não estão aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Para nossa sorte é apenas Bella e Eli, que entram sem cerimônia. *No meio do dia*. As pessoas deveriam ser capazes de trabalhar sem ter que invadir casas alheias.

Elas param bruscamente ao verem Ben petrificado ao meu lado. E quando seus olhos caem sobre a doce *Eli*, eu preciso revirar meus olhos. Todo romance é lindo, desde que não envolva seu irmão.

— Ben? — Bella diz o nome dele baixinho, provavelmente se perguntando se é uma miragem. Não avisei a ninguém que ele chegaria hoje, até porque, eu tinha esquecido do fato.— Parece o déjà vu mais estranho da minha vida.

Eli sorri. Mas não, não sorri como um ser humano normal. Ela derrete em uma expressão tão meiga que eu tenho certeza que poderia chamar alguém para lhe exorcizar e sairia alguma coisa.

— Oi, Ben — Eli cumprimenta, e agora, Bella é quem revira os olhos. — Não *me* avisou que chegaria hoje.

— Porque seria surpresa — Ben confessa, nem um pouco constrangido.

— Enfim... — Bella ignora o clima que estava se formando e bate palmas. — Heitor — ela solta o nome e prende o ar. Ben me olha, seus lábios tem um sorriso perverso pelo que presenciou e eu quero socar seu braço — foi indicado a um prêmio! Ele e toda a equipe que foi à Síria. Pode acreditar nisso?

Eu assinto, mas Ben nega com a cabeça.

— Continuando — Bella repreende Ben com um olhar, e prossegue. — Sabe nosso sonho de universitárias pobres demais para viajar? — Assinto, continuo pobre demais para viajar até mesmo à padaria. — Uma palavra para vocês... — ela solta a frase e faz suspense. — PLANETÁRIO!

Meneio a cabeça para o lado. Eu nunca quis ir visitar nada de Planetário algum, mas entendo exatamente aonde Bella quer chegar. Bella quer ir a Saturno. Porém a viagem desta vez não é de doze horas.

— O que está propondo? — Apoio minhas mãos nos quadris.

— Uma viagem a Saturno. — Eli olha para Ben. Em um ano, ele fez questão de não voltar em casa. Heitor foi e voltou da Síria, mas meu irmão se

PERIGOSAS ACHERON

mantém refém dos livros em uma cidade que fica a sete horas daqui.

— Bella, por mais que a ame — digo, dando um passo a frente e segurando seus ombros. Preciso sair daquela nuvem de tensão sexual que está sendo emanada por Ben e Eli. — Não acredito que Heitor nos queira em sua premiação. Não pode apenas presumir que ele nos quer em tudo.

— Você é a namorada dele! — É, mas não quer dizer nada. — E eu sou a irmã. A irmã! Claro que ele me quer lá. Quem mais vai aplaudi-lo?

— Deve haver muitas pessoas com mãos lá. — Ela se joga no sofá como uma adolescente emburrada. — Heitor sabe que está aqui tentando me convencer a ir em uma viagem que ele nem mencionou? — Ela nega com a cabeça.

Isabella é uma peça mesmo. Acho que as aventuras literárias não preenchem mais o vazio da vida dela. Precisa mesmo fazer essas coisas por si mesma.

— Achei que seria bom. — Ela se faz confortável no sofá. — Sonora foi memorável para todos nós. Está se aproximando a data de um ano

PERIGOSAS ACHERON

do festival. E como todo mundo não cumpriu a promessa do que “Acontece em Sonora, fica em Sonora”. Achei que seria bacana uma viagem.

Seria ideal. Poder contar a Heitor que o amo, seis meses depois do nosso namoro oficial. Mas não podemos apenas impor nossa presença nessa viagem, e eu não me importo com o Planetário. Isso é fato.

— Tem a Fonte da Esperança — ela continua, como se pudesse ler meus pensamentos. — Tem o Museu da Comunicação. Tem toda uma cidade histórica. Lá tem pessoas que podem ler nossa sorte em cartas. A cidade é mágica, Gio. Por favor!

Pondero os prós e os contras. Se estiver tudo bem com Heitor, posso ir, mas se for algo para o qual ele nem estava considerando me convidar, é melhor deixar para lá. Definitivamente.

— Está bem. — Ela vibra com a resposta. — Mas Bella, eu não quero que Heitor se sinta obrigado a me convidar, precisa deixar claro. Então o Marco vai?

— Sim. — Ela vive no próprio conto de fadas. — Quer dizer, ele queria fazer mesmo uma viagem,
PERIGOSAS ACHERON

nada melhor do que essa viagem. É romântica! E muito importante para Heitor. Acredite em mim.

Com certeza algo para inflamar mais um pouco seu ego. A sorte é que ele é bom mesmo em ser jornalista, agora tem uma indicação de que realmente é. Se ganhar o prêmio, Deus nos livre desse momento.

— Isabella, é bom que eu não me arrependa de ir — ameaço, ela dá de ombros. — Heitor precisa mesmo falar comigo, não vou jogar isso sobre o seu colo e impor que devo ir. Ele tem um trabalho importante e deve significar bastante esse prêmio, inclusive para o jornal.

Ficamos em silêncio. Então percebo que todo o apartamento está em completo silêncio. Bella semicerra os olhos em minha direção, mas não trocamos palavras.

— Acha que Eli e Ben estão... — fecho os olhos. Deus, não deixe Bella terminar essa frase. — Agora você sabe como me sinto.

Então foi uma vingança de todas as vezes que supôs ou saiu comigo e seu irmão, é apenas muito estranho.

— Bella, você nunca me viu trancada em um quarto com Heitor. — Ela dá de ombros. — Até porque você não mora com ele.

— A mesma coisa. — Ela revira os olhos. — Mas eu amo vocês dois juntos. Amo mesmo. Então é uma viagem a Saturno? — Concordo com a cabeça. — Nossa primeira viagem com nossos namorados que amamos muito. — Engulo em seco. *Amamos muito.* — Sinto que estou tão adulta. Ah, tenho vários livros no porta-malas de Eli para você. Todos lidos e resenhados.

Respiro para agradecer, mas alguém solta um suspiro forte na porta de entrada. Nos viramos rapidamente e quem está petrificado é: *meu querido namorado*. Ele fecha os olhos como se a subida de escadas tivesse baixado sua pressão.

— Gika, esse elevador está quebrado há quatro meses — reclama. Claro que ele vai reclamar. — Não entendo como pode apenas haver dois elevadores e apenas um funcionar. Eu não venho mais aqui, enquanto ele não for consertado.

— O síndico — digo, mas ele apoia as mãos nos quadris, fitando a irmã. — Ele apenas não se
PERIGOSAS ACHERON

importa. Ele mora no primeiro andar.

— Eu me importo — sua voz ainda é cansada.
— Por favor, aponte o endereço que irei passar por lá. Isabella, não deveria estar trabalhando?

— Deveria — ela afirma colocando um fone no ouvido —, mas eu decidi não fazer. O que você está fazendo aqui? Nenhum míssil disparado?

— Eu vim aqui fazer meus trinta minutos de exercício diário. — Ele dá a volta parando em nossa frente. Bella faz um cara de nojo e provavelmente agora se dá conta do que pareceu aquela afirmação. — Subir as escadas, Bella. Quanto a você... — Ele aponta para mim. — Uma viagem, nós dois. — Bella esbarra seu joelho no meu com uma força absurda. — O que acha?

Nós dois?

Seu olhar tem um suplicio que não costumo notar, mas está implorando. Bella sabia que Heitor me chamaria, porém, a ideia dele nunca foi levá-la.

— E se fosse uma viagem com todos? — Ele então, entendeu exatamente o que a irmã estava fazendo ali. — Precisa de mãos extras para aplaudi-

lo. Ou não?

— Eu queria realmente que fosse *somente* sobre nós dois. — Ele senta-se ao meu lado e pega minha mão, entrelaçando nossos dedos. — Estamos na mesma cidade e parece que éramos mais unidos quando trocávamos mensagens.

— Só precisa dar carona. — Me aproximo, colocando minha perna sobre a sua. — E então elas se viram. Bella fez uma grande propaganda da cidade. Você não quer deixar sua irmã querida para trás.

— Eu realmente quero — ele sussurra com um olhar perverso. — É tudo que mais quero. Mas o que posso fazer? Não tem como se livrar, não é?

Nego com a cabeça, ele se inclina e deposita um beijo leve sobre meus lábios.

— Obrigada, Gio! — Bella fica em pé num pulo súbito. — Vou listar *nosso* guia turístico para não perdemos nada. NADA! E quando Eli acabar de fazer o que está fazendo, diga que estou a esperando lá embaixo. Tem casal demais aqui.

— Ben chegou? — Será que alguém poderia

lembrar que meu irmão estava chegando? — Achei que era semana que vem.

— Eu também! — concordo. — Por que você acha isso?

Pergunto desconfiada, ele me olha como se fosse óbvio demais.

— Você quem disse. — É, um dos motivos de eu não ser mais jornalista. Notícias precisam serem exatas. Minha mente viaja pelo espaço demais para estar no presente. — Temos algumas semanas até a viagem, porém, terei que viajar. Esse é o motivo de ter vindo. Como sabe, as pessoas que fizeram o documentário comigo, trabalham em uma filial, então meu editor-chefe pediu que eu fosse até lá. Preciso treinar uma equipe que acabou de ser contratada. Então como todos querem ir à viagem, poderia ver coisas como hotel e tudo que estão planejando, mas lembre-se de nós dois.

— Prometo que lembrarei. — O celular dele vibra no bolso e retiro minha perna. — Pode atender.

— É Taylor. — Assinto, mas ele bloqueia o celular, o devolvendo ao bolso. — Isso significa PERIGOSAS ACHERON

que preciso ir, mas ficaria se pudesse. Taylor e Alec irão também até Saturno. Depois disso eles virão trabalhar na matriz comigo. Mas esse não é o momento para explicar o que está acontecendo. Preciso ir, está bem? Diga a Ben que disse “Oi”.

Ele se levanta em um rompante, leva o celular ao ouvido, e me deixa para trás. Suspiro, apoiando as pernas sobre o sofá e fecho os olhos; entretanto sinto uma presença à minha frente e quando abro meus olhos, ele está. Seu sorriso está lá.

— Não iria embora sem fazer o que vim fazer aqui. — Se curva sobre meus lábios, os beijando com mais intensidade, não igual quando chegou.

Desta vez, fico tentada a puxá-lo, mesmo sabendo que ele precisa ir. Eu não me canso de tê-lo comigo. Tão próximo e tão presente. Juntando gestos simples e transformando coisas que antes considera a coisa mais brega do universo, em motivos para me fazer sorrir o dia inteiro.

— Eu vou sentir falta desses lábios — diz, ao se afastar. — Até a volta.

— Também vou sentir sua falta. — Não somente dos seus lábios, mas de você por

PERIGOSAS ACHERON

completo. — Quando chegar, avise.

— Claro — afirma tomando coragem para ir.
— Preciso mesmo ir, Giovanna. Você não pode me olhar assim.

— Com meus olhos? — Desta vez, fico de joelhos sobre o sofá. Ele está do outro lado do móvel. — Não tenho como olhá-lo de outra forma. É como todo ser humano literalmente enxerga.

— Com esse olhar... — ele volta a se aproximar. — Como se fosse sentir falta, como se...
— pausa, então sorrio. — Não sorria! Droga, estou atrasado. Encontro você na volta e é bom que avise às suas amigas que nessa viagem, somos prioridade um do outro. Nada mais, nada menos.

— Ó capitão! Meu capitão! — Bato continência. Ele sorri. — Terminei o filme e entendo o que quis dizer.

— É uma longa lista. — Sim, é imensa. Decidimos começar essa lista de ver e rever filmes antigos como um programa só nosso, porém, começou tudo quando ele estava na Síria e eu precisava de algo mais para me inspirar. — Depois podemos saber o que achou de tudo.

— Ansiosa por isso — sussurro.

Ele volta a meus lábios e os morde com carinho. Heitor adora um drama. Então vai, sem olhar para trás, com toda a certeza, reclamando de todos os lances de escadas que irá encontrar em sua frente.

Sento outra vez no sofá. Eu o amo. Eu o amo como se ele fosse o único na droga do universo. Com toda a força e velocidade que meu coração bate. É como se ele fosse algo vital, como oxigênio.

O que aconteceu com minha vida?

Dois

Durante todo tempo em que Heitor esteve fora, eu estive enclausurada em meu quarto. Fiz três trabalhos com Eli, mas não passou disso. Ben e ela estão saindo constantemente, então prefiro não ficar no meio do caminho dos dois, já que claramente querem estar sozinhos. Então, restou somente eu. Bella está com Marco e eles são aquele tipo de casal que bastam dois segundos na presença deles e seu corpo não processa mais tanto açúcar.

Foram dias de tédio, mas pude olhar de perto — pela internet é claro — tudo que Saturno tem. Descobri que a cidade na verdade, cresceu em volta do Planetário, por isso leva esse nome. O lugar é propício para visualizar as estrelas, por isso o espaço foi construído. Eu nunca fui até esta cidade, mesmo quando minha escola fez uma viagem até lá. Mas acredito que Ben foi uma vez, com meu pai, em suas viagens de garotos. Eles tinham bastante desses programas quando eu era criança.

Vou rolando as fotos, analisando a cidade e estou feliz em ter escolhido ir. Parece realmente uma cidade mágica, como Bella sugeriu. As casas são coloridas e há muitas referências sobre o universo.

Uma mensagem chega em meu celular. É Heitor. Inalo o ar com força. Esses dias eu continuei treinando na frente do espelho como confessar meu sentimento, espero que ele siga todo o roteiro que projetei.

“Vamos? Traga Ben.”

Simples e única. O que meu namorado quis dizer é: Vamos encarar cinco horas de viagem com todo mundo que conhecemos? Traga seu irmão.

Abaixo a tampa do notebook e encaro a mala ao meu lado. São apenas três dias. Vai ficar tudo bem e pode ser que eu consiga uma nova ideia para um romance. Segundo Bella, estou adiando o inevitável; preciso passar para um segundo livro. Mesmo os e-mails nada satisfatórios com rejeições clara, ainda estou apegada a ideia de meu primeiro romance e não consigo seguir em frente. Dou uma última olhada no espelho, estou pronta para me

PERIGOSAS ACHERON

cansar durante cinco horas, mas ter o final de semana perfeito é a meta.

Bato na porta do quarto de Ben, mas quem abre é Eli. Eu não fazia ideia que ela estava aí.

— Bom dia, minha melhor amiga que fez festa do pijama com meu irmão — digo, em apenas um fôlego analisando seu short curto e suas pernas perfeitas. Preciso ceder aos exercícios físicos.

— Sem pijamas — responde, fecho os olhos tentando fazer a imagem não crescer em meus pensamentos. — Estou pronta. Bella acabou de me enviar uma mensagem. Taylor e Alec irão com Heitor, por esse motivo todos os assentos estarão ocupados. Então Bella vai com Marco. Assim sobra mais espaço para bagagens.

Concordo com a cabeça, não posso exigir nada. Pelo que entendi, tanto Taylor quanto Alec são de outros países, faz mais sentido que Heitor os leve mesmo. Sigo para o *elevador*, Ben disse que se movimentar faz bem, porém não é obrigado a ficar subindo e descendo escadas. O síndico não ficou tão feliz com a reclamação do garoto que nem mora mais no prédio, segundo meu pai.

Despeço-me da minha mãe e faço a velha promessa de trazer meu irmão inteiro, ele faz o mesmo, assim como Eli. Minha mãe gosta de Eli. Lá fora, Heitor está ao celular, então puxo minha mala com paciência. Bella está de óculos escuros e seus cabelos em cachos largos. Às vezes, parece uma grande modelo, mas é apenas toda a combinação de menina/mulher que exala. Marco está apreciando o sol da manhã, recostado contra o próprio carro.

Heitor tem uma expressão preocupada, mas não o cumprimento imediatamente. Vou até Bella que sorri com gentileza.

— Oi, Marco. — Ele ergue os próprios óculos escuros e me fita com um sorriso. — Hey, Isabella. Gostei do vestido.

Bella faz uma pequena reverência e sorri.

— Heitor enviou duas matérias para redação — Bella sussurra ao meu ouvido —, porém eram para edições diferentes e eles misturaram tudo. Está possuído, precisamos pegar a estrada, porque ele tem um almoço lá. Tenha paciência, por favor.

— Está insinuando que não tenho paciência? —
PERIGOSAS ACHERON

digo, levemente alterada. — Certo, o que quer dizer para eu não levar para o lado pessoal?

Entendi.

— Gio, quer que eu coloque sua mala aqui? — Marco sugere, mas não parece uma oferta verdadeira, há algo mais ali. — Venha — insiste. Não respondo. Apenas o sigo até o fundo do carro. Ele abre o porta-malas e fica na frente fazendo uma barreira. Então segura meus ombros e se curva sobre meu ouvido.

— Irei pedir Bella em casamento. — Respiro para gritar, mas ele cobre minha boca com a mão. — Preciso que me ajude com um plano.

Assinto. Então lentamente ele vai retirando a mão da minha boca e lá se vai todo meu batom. Continuo com uma vontade imensa de gritar, mas não faço. É desnecessário.

— Estou muito ansiosa por isso! — digo, animada.

— Pelo o quê? — Heitor está ao meu lado com um homem e uma mulher que nunca vi em minha vida. — Giovanna, estes são Taylor — ele aponta

para a mulher. Taylor é uma mulher?! Ela foi uma mulher por todo tempo que ele passou na Síria? — E esse é Alec.

Olho para Marco ao meu lado, mas levo um tempo até entender o que está acontecendo.

— Hã, prazer — digo ao estender a mão em direção a *Taylor* e depois para Alec. — Espero que ganhem o prêmio.

— Podemos ir? — Heitor sugere, todos assentem, menos eu.

Preciso parar com a paranoia que está se firmando em meu cérebro. Taylor diz alguma coisa para Alec e ambos têm um sotaque carregado para o português. Ben está me fitando, provavelmente analisando minha expressão de quase choque.

E quem acreditou que tudo se resumiria apenas ao amor?

Heitor aponta em direção ao próprio carro e sugere que Ben e Eli vão com Marco. Desta vez, me certifico de pegar meu livro, tenho certeza que ele não precisará que eu vá o entretendo.

Alec tem um notebook nas mãos e assim que

entra no carro abre o aparelho. Fala alguma coisa em espanhol para Taylor que responde. Heitor entrega um caderno a Alec, antes de entrar no carro. Tranquilizo minha mente e sento-me ao lado de Heitor. Olho para trás, mas os dois passageiros agora estão com fones de ouvidos, o que eu agradeço mentalmente. Espero que a música esteja alta.

— Bom dia!— Heitor chama minha atenção pela falta de cumprimento e sorrio. — Não está se sentindo bem?

— Estou bem — consigo dizer. — Não sabia que Taylor era uma mulher.

Outra vez, meu cérebro não processa informações facilmente.

— Como não sabia? — Ele não sai do lugar, está me fitando. — Giovanna, o que tem a ver o gênero de Taylor? — Abaixo meus olhos para o livro que tenho na mão. — Podemos não fazer isso agora? Preciso mesmo chegar para a reunião.

— Achei que seria sobre nós dois. — Ele força um sorriso, mas não é elegante. — Está bem. Tenho coisas para fazer com Marco. Não se

PERIGOSAS ACHERON

preocupe comigo.

— Com Marco? — ressalta o nome do *futuro* cunhado como se fosse uma palavra nova. — Gika, eu realmente quero que seja sobre nós dois. E espero que também queira a mesma coisa, não podemos brigar sem motivo. Não faça isso.

— Vou apenas ler meu livro. — Ele segura minha mão e a aperta com cuidado. — Você poderia ao menos cumprimentar-me direito?

— Seu batom está borrado. — Passo a mão na boca e quero sorrir.

— Foi o Marco que colocou a mão quando eu quis gritar. — Ele meneia a cabeça para o lado como se não fizesse ideia do que aquilo deveria significar. — Coisa do Marco, mas não se preocupe. É coisa boa.

— Marco, namorado da sua amiga — ele pontua —, colocou a mão em sua boca para você não gritar? Gio, está se ouvindo?

Abro o livro e o ouço respirar fundo antes de dar a partida no carro. Sorrio, quase sentindo a

vingança de coisas que entendemos errado. Claro que para mim teria importado saber que Taylor era mulher, ainda mais por ele ter dividido um pequeno apartamento com ela por seis meses. Além do mais, ela é uma mulher muito atraente, ao menos a meus olhos, preferia mesmo que ele tivesse confessado isso antes. De preferência quando chegou a Brasil.

— Relaxa, Heitor — digo, ao tirar sua mão da minha. — Marco vai... — Pauso. Não sei se devo falar, mas sua expressão está esperando uma confissão. — Pedir à Bella que se case com ele.

Ele apenas sorri. Claro que Heitor sabia que Marco irá pedir Bella em casamento. Apenas queria que eu confessasse.

— Não tenho nada marcado para hoje a noite — declara, ao enfim sair do estacionamento.— Podemos fazer alguma coisa juntos. Quero mesmo um tempo com você.

— Está bem — concordo. — Se nada acontecer e você não tiver que me deixar para trás. Esqueci que ser jornalista, as vezes, é abandonar tudo e ir ver com os próprios olhos.

Não diz mais nada. Ele sabe que não menti.
PERIGOSAS ACHERON

Volto ao capítulo que parei ontem à noite, mas lembro de todo treino na frente do espelho. É como se as palavras precisassem jorrar de mim. Ben disse que preciso mais do que um “Eu te amo”. Nem sempre está nas três palavras e sim no ato de dizê-las.

Deixo meus olhos percorrerem até seu corpo confortável. Seus olhos estão focados no tráfego a nossa frente e isso me faz sorrir. Outra vez, sem motivo. Eu o amo. Muito.

**

Desta vez, foi uma viagem super objetiva. Não paramos para comer, mesmo Bella implorando no viva-voz do celular de Heitor. Ele estava atrasado, a saída da cidade estava com o trânsito horrível e ele não podia se dar ao luxo de pararmos.

Foram cinco horas sem parar por nenhum segundo. Bella está com um humor espetacular – ensope essa palavra de sarcasmo – Nem mesmo os carinhos esporádicos de Marco a fazem sorrir. Eli está com o braço enrolado ao de Ben, enquanto eu fico observando a imagem à minha frente. Meu humor está normal. Não estou derretendo de amor

PERIGOSAS ACHERON

como Eli, nem possuía de raiva como Bella. Quase posso sorrir dessa cena.

— Tenho dez minutos para tomar banho — Heitor declara e me entrega uma segunda chave. — Pode subir comigo?

Bella revira os olhos, impaciente. Ela quer que Heitor a peça perdão por não ter parado, mas ele não se importa, e ela deveria mesmo saber disso.

Arrasto minha mala com uma mão e com a outra livre entrelaço nossos dedos. Sempre que estou com Heitor em um elevador, a memória viva de Francine — a desalmada — volta à minha mente causando calafrios.

— Gika, prometo que depois que passar essa reunião — ele solta minha mão, diminuindo o espaço entre nós dois —, sou todo seu.

— Todo meu? — Dou um passo a frente, fazendo com que não haja nada mais nos separando.

Ele respira para responder, mas a porta se abre e seu celular vibra no bolso. Ele fecha os olhos, tira o aparelho do bolso e balbucia um: É meu editor-

PERIGOSAS NACIONAIS

chefe. Arrasto minha mala para fora do elevador, na outra porta tem um Marco sem respiração. Heitor está analisando o amigo com as mãos apoiadas nos joelhos e respiração ofegante. Uma cena um tanto hilária e constrangedora.

Paro a sua frente e ele pede dois minutos. Alguém está faltando a academia.

— Nós... dois... precisamos... — Ele apoia a mão sobre o abdômen e respira pela boca.— Encontrar o lugar.

— Você quer deitar? — ofereço, com medo de que ele apenas vá cair ali. — Venha, entre. Por que não pegou o outro elevador? Está tentando se matar?

— Eram quatro andares — diz, mais tranquilo. — Precisamos usar a raiva dela contra Heitor, para fugirmos e procurar o lugar perfeito.

— Então você quer usar a fúria da minha irmã — Heitor tira a camisa sem cerimônias e aponta para o banheiro — contra mim? Marco...

— Eu quero a Giovanna, agora! — Ele segura meu pulso, fazendo Heitor arquear as

PERIGOSAS ACHERON

sobancelhas.— Preciso dela, e você vai sair com os gringos. Me empreste sua namorada.

— Ela é toda sua. — O quê? — Devolva inteira, por favor. Tenho grandes planos para a noite.

— Heitor! — repreendo, enquanto Marco está bem recuperado e sorrindo. — Podemos ao menos comer? Bella vai ficar furiosa comigo e eu quero ser a madrinha do seu primogênito. Se for mulher ela vai se chamar Giovanna e se for homem Giovanne.

— Está pedindo demais —Marco olha para Heitor que dá de ombros. — Está bem. Apenas vamos. Heitor, se fosse você...

— Eu o que? — ele atropela o amigo como se Marco tivesse uma arma apontada para sua cabeça.

— Calma, quer saber? — Marco ficou claramente constrangido com a resposta imediata, até mesmo eu me assustei com a resposta iminente. — Eu vejo tudo com a Gio. Claramente tem alergia a casamento.

O quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora faz sentido. Ele atropelou Marco porque sabia que o amigo iria fazer algum tipo de questionamento em relação ao pedido. Como é bom saber o que seu namorado pensa sobre casamentos.

Não digo mais nada. Ele não corrige a constatação do Marco, então eu apenas dou um passo para trás. Não que eu estivesse planejando subir ao altar com Heitor, mas mesmo assim, sinto que poderia ser um problema. Seria como se tudo fosse totalmente em vão.

Bato a porta atrás de mim. Marco chama o elevador e sorri como se agora tivesse sido esperto suficiente para chamar a caixa de ferro. Sorrio para meu próprio reflexo, treinando, mas é uma missão falha. Porque as palavras “Eu amo você” dançam em minha frente, provocando, como uma odalisca sensual. E se Heitor apenas estiver comigo para passar o tempo? Sei que estamos longe do ponto exato que Marco e Bella estão, mas... isso pode tornar tudo diferente.

Tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Três

Tenho certeza que passei por essa árvore quinze minutos atrás. Por aquele cacto florido também. Meu Deus, estamos perdidos!

Maldita hora em que eu sugeri que procurássemos um lugar da onde desse para ver as estrelas em sua magnitude, à noite. Agora estamos perdidos em uma cidade que não conhecemos e o pior: Marco não sabe usar o GPS. Tento não trazer o pânico para a superfície, mas o sol está descendo, se acalmando, então o surto está aflorando em minha cabeça. Tudo que não preciso é estar perdida em Saturno.

Seria um belo título para um filme, já que temos perdido em Marte, porém o Saturno de verdade não é propício para habitação, mas também tem quem diga que Marte não é.

Tenho certeza que Marco está com medo de me olhar, provavelmente sabe também que quero gritar

com ele. Não somos melhores amigos, mas o último ano também não nos deixou ser inimigos. A princípio, fiquei feliz em pensar em mim para essa missão, mas agora;*porém*, agora, eu quase posso odiar essa missão.

— Marco, querido. — Ele estaciona o carro ao lado de uma cerca, onde toda a vegetação que ela protege é verde e linda. — Você sabe onde estamos?

Seus olhos estão fixos no celular e seu maxilar trincado. Essa combinação nunca é boa.

— Gio, querida — seu tom de voz é uma imitação barata do meu. — Por favor, não me mate.

— Marco! — exponho toda minha indignação. — Por que eu? Por que não Eli?

— Eu li seu livro. — Ah, está tudo bem agora. — Se há uma pessoa capaz de tornar esse pedido um ato romântico, é você.

Eu quero gritar para ele que aquilo é ficção. FICÇÃO, MEU CARO. Eu inventei aquela porra toda. Não é porque escrevo, que sou a pessoa mais romântica da Terra. Nem de Júpiter. De nenhum

planeta do Universo.

— Marco, se você estiver enrolado numa folha de bananeira —a droga da imagem se forma em minha mente e quero sorrir —, e pedir Isabella em casamento com um anel de coco, ela aceitará. Meu Deus, Bella o ama.

— Mas não quer dizer que não precisa ser memorável. — Está bem. Certo. Eu realmente ainda estou em transição para deixar de *ser* um robô por completo. — Entendo que não queira me ajudar.

— Esse é o problema — digo, pegando meu próprio celular. — Eu quero ajudá-lo. Eu amo Bella. E acredito mesmo que ela amará o esforço. Entretanto, não elimina o fato de que nos perdemos.

— Sinto muito por isso. — Parece realmente arrependido. — Estou nervoso. Quero que seja perfeito. Muito por sinal. Quero que ela tenha o sonho realizado. Bella lê muito. Isso me deixa inseguro, vocês escritores não são justos conosco quando criam personagens.

Sorrio, eu tentei ao máximo trazer bastante
PERIGOSAS ACHERON

realidade para meu romance, não idealizar muito um cara ideal, até porque ele não existe. Somos todos humanos quebrados, sendo ajustados, reajustados e nunca perfeitos.

Mas há algo que deixei passar.

— Você leu meu livro em qual oportunidade?

— Procuro as palavras mais gentis para usar. Não me lembro de ter mandado nenhuma cópia para Marco.

— Quando Bella pediu que eu lesse. — Puxo o ar com força. Ah, Isabella. — Ela leu seu livro cinco vezes. — ELA O QUÊ? — Precisou que eu lesse também... — Ele passa as mãos nos cabelos e puxa uma espécie de gaveta embaixo do banco do motorista. — Aqui.

Ele tem meu manuscrito nas mãos. E estou chocada.

Totalmente em choque.

— Eu tomei a liberdade... — ah, tomou. — para mostrar a minha mãe. Bella havia mencionado, porém antes de falar sobre ele para minha mãe, eu li.

— Vocês fizeram uma espécie de Clube do Livro com meu livro? — Estou totalmente confusa e tentando não levar para o lado pessoal. — Qual a primeira regra do Clube?

Ele sorri.

— Gio, não pode levar isso para o lado pessoal. — Levar o que para o lado pessoal? — Bella apenas quer que tudo dê certo em sua vida. Ela quer um segundo livro, porquê acredita tanto no primeiro que está disposta...

— Disposta? — Ele me entrega nas mãos as páginas impressas com anotações em caneta cor de rosa.

— Bella recebeu uma proposta de ir trabalhar com minha mãe. — Que conversa confusa. Quem é a mãe que ele tanto menciona? — Porém, disse que aceitaria se seu livro fosse o primeiro — O PRIMEIRO? — que ela pudesse trabalhar. Minha mãe não acha justo que Bella fique lendo livros e apenas falando sobre eles, se pode fazer mais. Ela pode editar livros. Há mais o que se fazer em uma editora do que em uma revista falando sobre livros. Bella é famosinha no mundo literário.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em resumo? — Sinto meu coração bater na garganta. Mas ele também parece estar falhando.

— Bella quer publicar seu primeiro livro. — BELLA QUER PUBLICAR MEU PRIMEIRO LIVRO? — Giovanna? Quem é a pessoa que mais entende de livros que você conhece? — Meneio a cabeça para o lado sentindo um formigamento me dominar.

— Está bem. — Sinto minha pressão abaixar. Está deitada no chão. Rente, inerte e inútil. — Se meu coração parar, diga para Heitor que eu o amo.

Ele solta uma risada sonora e eu fico séria.

— O quê? Ele não deveria saber sobre isso? — Então não reajo. — Gio, não me diga que nunca disse isso a Heitor? — Ele pega o manuscrito o colocando de volta embaixo do banco. — Precisa reler seu livro?

— Marco, nem todos sabem lidar com sentimentos. — Ele dá partida no carro, porém me analisa com empatia. — Não sou como Bella. Não sou como Eli. Eu tenho medo. Muito medo do que vem depois de dizer essas palavras em voz alta.

PERIGOSAS ACHERON

— Um conselho: *Se seu coração se aquecer e bater forte contra o peito—* ele pausa e sorri —, *se tudo for colorido e tiver cheiros de flores... É de verdade. Precisa confessar, dizer em plenos pulmões. Grite ao universo e apenas ele ouvirá você.*

— Não pode usar minhas palavras contra mim.
— Estou ligeiramente enjoada depois dessa conversa com Marco. A última pessoa que esperei compartilhar meus pensamentos. — Obrigada por ler, significou muito para mim.

— Precisamos de um segundo livro, Giovanna
— provoca — *Grite sob a multidão, mas somente ele ouvirá.* Sabe o motivo?

—*Porque ele reconhecerá dentro de si.* —
Odeio ter escrito isso.

De volta à estrada, encontramos uma nova saída. Bem, ao menos tem uma placa enorme dando direções. Ali está o nome do espaço que foi sugerido pela mulher do restaurante que almoçamos. Tenho umas quinze ligações perdidas de Bella e Eli. Porém avisei a Ben que estaria saindo com Marco. Mas não fui capaz de falar a

PERIGOSAS ACHERON

Eli, às vezes, segurar informação não é seu ponto forte.

E o espaço é lindo. É como a mulher mencionou. A cidade de Saturno é quase um observatório a céu aberto. Então eles criam espaços direcionados para o estudo de estrelas, assistir chuvas de meteoros e outras coisas que o universo nos proporciona.

O lugar tem um espaço arborizado e outro totalmente gramado, por esse motivo se chama Gramado de Urano. É totalmente aberto ao público, as pessoas geralmente vêm para fazer piqueniques. É muito, muito romântico por sinal.

— O que acha? — Marco parece encantado com o lugar. Sorrio em aprovação. — Podemos vir todos. Como a cerimônia de premiação é amanhã, podemos vir no sábado à noite. E nos dá tempo de preparar alguma coisa para comer.

— Acho que ficará perfeito. — Dou uma ultima olhada no local. — Ela ficará feliz, Marco. De verdade.

— Acho que será o momento ideal para você também. — Não acredito mais nessa suposição. —
PERIGOSAS ACHERON

Não para pedir Heitor em casamento, mas contar algo que sei que está entalado.

— Não está entalado. — Mas posso sentir me sufocando sempre que abro a boca. — Está bem. Podemos comprar algo alcoólico, assim terei mais coragem. Que tal?

— Se nada der certo — caminhamos de volta para o carro —, podemos abrir um novo segmento no mercado. Podemos planejar pedidos de casamentos.

Deixo a gargalhada sair com força liberando a tensão que está em meu peito.

— Você é realmente inovador. — Dá de ombros.

Agora sabemos como chegar e para nos certificar disso, tirei fotos sequentes. Não tem mais erro, pelo menos não cometido por mim. Porém é noite, a lua está sobre nossas cabeças. Não tem nenhuma mensagem de Heitor, o que quero considerar uma coisa boa, mas o horário do jantar está se passando agora. Provavelmente encontrarei alguém bem mal-humorado. Heitor não sabe lidar bem com quebra de planos e preferia que não

PERIGOSAS ACHERON

fizesse, mas ele viu que era um motivo maior do que eu.

No caminho, Marco contou o que pretendia falar, e outra vez, usou minhas próprias palavras. Confessou que ficou marcado por elas, pois eu estou sempre em seu campo de visão. Poderia dizer que Marco é meu fã. Que absurdo! Devo estar desidratada.

**

De volta ao hotel, Heitor está com Taylor e Alec no saguão. Estão conversando, Taylor e Alec estão arrumados, mas Heitor não parece propício para noite que ele mesmo tinha em mente.

— É bom que enquanto estavam sem atender o celular — Heitor dispara, enquanto me despeço de Marco, mas ele nos chama com um gesto —, tenham criado um ótimo roteiro. Bella está furiosa com Marco. Ela passou mal.

— O quê?! — Nós dois quase gritamos juntos.

— Eli a levou no hospital. — Ele se despede de Taylor e Alec com um gesto com a mão. — Passou a tarde internada. Deveriam ao menos ter atendido

ao celular.

— E o que você disse? — pergunto. Ele deve ter dito algo.

— Que pedi para vocês irem tirar umas fotos — compreensível —, mas ela viu sua câmera em cima da cama. Então expliquei que tinha pegado a de Taylor.

Quase posso revirar os olhos.

— Ei, a mentirosa aqui é você! — Ele repreende meu gesto. — Eu conto verdades para viver. Eu disse que Marco foi porque precisava de carona. E precisava de urgência em tudo.

— Ainda irá querer sair? — questiono, ele olha para Marco que entende o recado e nos deixa sozinhos. — O que aconteceu?

— Não posso! — Claro que não pode! — Tive de remarcar a reunião que seria depois do almoço para o jantar. — Fecho os olhos para manter o equilíbrio. — Gio, não faça isso. Bella é minha irmã e tem pânico de agulha. Quero saber se lembra desse fato. Sinto muito, muito mesmo.

Alec o chama. Não digo mais nada. Ele me

PERIGOSAS NACIONAIS

beija em um momento tão rápido que não tenho noção se realmente aconteceu.

— Devo esperar acordada? — pergunto, ele volta até onde estou e segura meu rosto com as duas mãos. — Apenas vá, Heitor.

— Prometo compensar, está bem? — Sorrio, não de felicidade, mas porque não há outra coisa a se fazer.

Giro em meu próprio eixo e vou em direção ao elevador. Agora devo encarar uma Bella possuída. Assim como o irmão, são duas pessoas que você nunca vai querer irritar.

No seu quarto, bato na porta, algo ritmado. Marco abre a porta e indica com a cabeça para eu entrar. Ela está coberta até a altura dos seios e uma expressão desagradável está estampada na cara. Seu rosto está pálido e seus cabelos louros no topo cabeça em uma enorme bagunça.

Quero sorrir de sua expressão emburrada, mas não faço. Tento me aproximar com cuidado, sento ao seu lado na cama. Marco pede licença entrando no banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bella, o que aconteceu? — Ela apenas mexe os olhos. — Sêrio. Como isso aconteceu?

— Não importa — diz, emburrada. — Sinceramente, Giovanna. O que está fazendo aqui? Cadê seu namorado?

— Saiu com *Taylor* e Alec. — Desta vez ela me olha com mais compaixão. — Você adoeceu, então ele largou tudo e foi ficar com você. Precisou cancelar comigo.

— Desculpa, Gika — Me curvo sobre sua cabeça e beijo seus cabelos. — Sabe como fico e Eli não ajuda em nada.

— Tudo bem. — Volto a ficar em pé. — Ainda teremos todo final de semana. Fique bem. Se precisar, me ligue.

Prefiro não mencionar o que Marco falou sobre o livro. Quero que ela me conte sobre isso. Bato a porta do quarto e analiso o corredor vazio. Não faço ideia da onde Ben e Eli estão. Solto um longo suspiro, não há muito que fazer.

Estou em Saturno e é como estar em casa: Passarei a noite lendo, o que claramente eu faria em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa.

PERIGOSAS ACHERON

Quatro

Eu estava disposta a esperar por Heitor acordada, mas com a tarde que eu tive foi impossível, segundos depois da meia-noite caí em sono profundo e não faço ideia da hora que ele chegou ao quarto. Só tenho a plena certeza de que ele está aqui, porque está dormindo ao meu lado, nesse momento.

Ao contrário do celular dele, o meu tocou junto com os primeiros raios do sol. Bella está curada. CURADA. É, está bem. Ou seja, faremos turismo pela cidade, será isso ou esperar O *belo* adormecido dar o ar da graça e o conhecendo como conheço, isso pode ser agora ou daqui sete horas. Heitor tem um desequilíbrio de sono que me preocupa, às vezes.

Procuro um papel em sua mochila e pego a caneta que está disposta sobre a mesa onde está seu material, escrevo um bilhete breve sobre descer e tomar café e o deixo sobre o meu travesseiro.

Arrumo seus cabelos que caem nos olhos e me sinto tentada a beijar seu rosto pacífico, mas não faço. Sorrio para meu reflexo no espelho e saio do quarto quando alguém dá uma leve batida.

— Bom dia, minha pessoa favorita. — Ben passa o braço em volta dos meus ombros e beija meus cabelos. — Cadê Heitor?

Aponto para o quarto e sua expressão é de pura confusão.

— Por causa de Bella — digo, estamos sozinhos no corredor —, ele precisou transferir a reunião para noite, então fiquei trancada sozinha, a noite toda.

— E por que não me ligou? — Preciso realmente ver seus olhos nesse momento. — Eli e eu estávamos apenas caminhando aqui perto, procurando algo para fazer.

— Não quero atrapalhar seu romance. — Ele sorri, algo que reconheço. — Estou feliz por você estar feliz.

— Conseguiu dizer a Heitor sobre o que a ouvi treinando na frente do espelho? — A impressão que

tenho é que todos saberão desse fato, menos Heitor. Não posso gritar em plenos pulmões no saguão do hotel.

— Eu mal vi Heitor. — Será complicado contar qualquer coisa, quando não passamos nem cinco minutos juntos. — Era para ser nosso final de semana. Imagina se eu tivesse realmente topado a ideia de vir sozinha com ele? Estaria realmente irritada.

— Ele está trabalhando, Gika. — É, é sempre o que ele está fazendo. — Acredito que ele tem certeza que você, acima de qualquer pessoa, sabe o que é trabalhar em um jornal.

Sinto-me ligeiramente mal por ter pensado algo assim. Eu sei que às vezes, desligar do celular é impossível. Em um mundo de notícias instantâneas se desligar de eletrônicos é luxo. Ele tem uma coluna diária no site do jornal e também escreve sobre vários assuntos em uma revista que trata de notícias sérias do mundo; como guerra, economia mundial e outras coisas.

Ben explicou que Bella decidiu que deveríamos tomar nosso café da manhã na área da piscina, pelo

PERIGOSAS ACHERON

motivo que: ela queria pegar um sol. Só não sei bem se Bella entende o conceito de “pegar sol”. Com certeza não se faz vestida ou com um chapéu que atrapalha e toma uma boa parte do perímetro ao seu redor.

Sento à mesa com a dupla de casal apaixonado e não deixo de me sentir desapontada. Entender é uma coisa, não se sentir desapontada é outra. Dois departamentos diferentes.

— Tenho uma lista de todos os lugares que quero ir. — TODOS. Ela quer ir a todos os lugares possíveis. Marco sorri como se estivesse admirando a coisa mais rara que ele já encontrou na vida. Abaixo o olhar, não quero ficar pensando. — E todos irão comigo.

— Bella, eu a amo. — ela nega com o dedo recusando-se a ouvir minhas palavras —, mas seria bom não me incluir em nada que precise caminhar mais de cem metros.

— Não é opcional. — Eli esconde o sorriso atrás da xícara de café. — Cadê meu irmão?

Olho para Ben que nega com a cabeça. Respiro para responder, mas perco a coragem. Todos estão

PERIGOSAS ACHERON

me olhando, com olhares de pena.

— Vamos deixar Gio decidir se quer vir conosco. — Marco me salva, porque não sei se quero ser a perdida no meio deles. Não era sobre isso esse final de semana.

— Aconteceu alguma coisa que eu deveria saber? — Bella questiona e seus olhos dançam entre mim e Marco. Nego com a cabeça e Marco finge comer. — Está bem, mas Gio, essa cidade é maravilhosa. Tem o mirante, podemos ver a cidade inteira de lá de cima. Temos até umas cinco da tarde para curtir. Depois vamos nos arrumar para a cerimônia de premiação. O que acha?

— Eu não quero atrapalhar vocês — digo, totalmente sem graça por estar confessando aquilo. — Eu trouxe livros, ficarei bem.

— Acha que Heitor não acordará na próxima meia hora? — Sua pergunta provavelmente será respondida em seus pensamentos em alguns segundos... Ela faz uma expressão de: A quem estou enganando? — Gio, somos seus amigos, não deve se sentir uma intrusa entre nós. Que bobagem.

— É, vamos. — Eli estende a mão para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ao menos ao Museu da Comunicação. Precisa ver com seus próprios olhos. A nossa visita ao planetário será amanhã. Depois do museu, se você não quiser ir a mais nenhum lugar, prometemos que a traremos de volta.

Todos assentem com sorrisos bondosos nos lábios. Então assinto também, eles parecem em paz por isso.

Voltamos a focar em toda comida disposta sobre a mesa, mas meu apetite é mínimo. Vou focando em outras coisas, como na água da piscina que se mexe lentamente com vento leve. O céu em seu tom azul perfeito e suas nuvens brancas. Na paz das vozes conhecidas, vou apenas absorvendo. Tomando tempo.

Meus pensamentos estão mudos, estou totalmente alheia ao ambiente. E se eu fechar os olhos, posso sentir meu corpo vivendo. Sentir minha respiração...

— O que perdi? — Me forço a voltar, mas não é uma missão fácil. — Gika?

A mão de Heitor está sobre meu ombro e levo segundos até reconhecê-lo de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — pergunto, todos estão em pé, somente nós dois sentados.

— Por que não me acordou? — O grupo vai saindo lentamente, nos deixando sozinhos. — Poderia ter me acordado.

— Você não gosta disso — relembro. Ele sorri e prende uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — O pessoal está indo ao Museu, vamos?

Ele olha para o celular na mão e sei o que vai dizer. Tomo o ar com um pouco mais de força e sorrio.

— Gika... eu iria, mas... — Ele se aproxima depositando um beijo leve sobre meu rosto. — Está tudo uma bagunça. Terei que escrever algo de última hora. Mas em uma hora no máximo eu a encontro. O que acha?

— Claro. — Não digo mais nada, nem sou capaz. Alec está parado um pouco mais distante, provavelmente esperando que eu saia. — Só não prometa o que não pode cumprir, está bem?

— Não é justo. — E não era para ser. — Gika, eu aceitei essa promoção. Tenho mais

PERIGOSAS ACHERON

responsabilidades...

— Não precisa se justificar para mim. — Saiu mais exasperado do que planejei. — Eu não entendo, não é? Sou apenas a garota que fica em casa falando sozinha. Faça o que tiver quer fazer. Não se preocupe comigo — digo, mais pacífica. — E estou feliz em Bella ter insistido em vir. Teria sido dez vezes pior estar ouvindo toda essa conversa sozinha.

Sorrio para Alec que devolve com gentileza. Vou em direção ao grupo. Eli passa o braço em volta dos meus ombros e Bella segura minha mão. Ben aperta minha bochecha e Marco solta uma piada idiota. Não olho para trás. Porém é algo que dói. Mas irá passar.

**

Segundo a pesquisa breve que Eli fez no Google, o Museu da Comunicação de Saturno é um espaço para viagem ao tempo, com fotos que nos leva pela evolução da forma de se comunicar. O acervo foi construído por moradores antigos, alguns descendentes de muitos fundadores da cidade. Cientistas que vieram apreciar o universo na cidade

PERIGOSAS ACHERON

propiciaram isso. Acabaram se apaixonando pela natureza que cerca o lugar, então fincaram raízes e fizeram a cidade evoluir, assim como a comunicação. Por serem pessoas que usavam tecnologias avançadas, hoje totalmente obsoletas, concordaram que era melhor, as peças retrógradas, estarem em exposição para que as novas gerações possam conhecer de perto, como era se comunicar nas décadas passadas.

O casarão em que fica o Museu faz esquina com várias lojas e café. A cidade é milimetricamente pensada para dar aquele charme de cidade evoluída, porém que se preocupa muito como se parece. A estética de todas as lojas é perfeita, olhando suas pinturas coloridas. Tem floriculturas com flores na entrada. Pessoas idosas jogando xadrez na praça que fica próxima ao Museu.

A caminhada é narrada por Bella que pegou o Guia Turístico de Saturno – tudo que precisa para não se perder nas estrelas – Onde estava ele e essa promessa ontem?

Ao entrarmos, somos contemplados com um

PERIGOSAS ACHERON

milhão de informações ao mesmo tempo. Os olhos de todos brilham e me permito empurrar Heitor para fora dos meus pensamentos. Quero mesmo aproveitar tudo aqui. O rapaz que está na mesinha ao canto da entrada, avisa que podemos visitar as salas multimídias. Porém, cada cômodo é uma espécie de nível e somente andando entre eles é que alcançaremos a tecnologia.

Preciso confessar que estou maravilhada.

No primeiro cômodo tem placas por toda parede fazendo um caminho específico até a próxima porta. A primeira placa tem escrito: *Tudo começou em 1808 quando Hipólito José começou a difundir seus ideais liberais. Escrito e impresso em Londres, Hipólito pregava o fim da escravidão.*

Aos poucos vamos avançando sobre as placas. Como surgiu o primeiro jornal inteiramente brasileiro, mesmo antes da Independência da República. São informações que temos, mas vê-las ali, expostas, nos faz viajar para um tempo em que não existíamos. E assim continuamos nossa trajetória, cômodo por cômodo, como bons visitantes, até as salas multimídias.

Nelas, imagens pretas e brancas são passadas em telas de alta definição, trazendo toda a contradição com o ambiente. Todos estão maravilhados. Levar a notícia é algo importante. Ver como algo precisava levar dias e até meses para atravessar o Oceano até o aqui e agora, onde tudo apenas chega em segundos.

Mas saber como funciona, não quer dizer que estava disposta a ficar sozinha esse final de semana. Não depois do que Marco me contou sobre o livro e muito menos com todo tempo que ele passou viajando. Preciso deixar par lá, mas na verdade, essa não sou eu. Sou incapaz de deixar algo para lá.

De volta à realidade luminosa de Saturno, Ben declara seu desejo por café, Bella também tem uma história para contar sobre aquela cafeteria tão peculiar. Os grãos são moídos na hora, além de estar no mesmo lugar há quase setenta anos.

Quando me ponho em movimento seguindo a voz de minha amiga, seu *futuro noivo* se põe a minha frente, interceptando meu rumo.

— Flores — ele sussurra com o maxilar trincado. — Precisa descobrir o horário de

PERIGOSAS ACHERON

funcionamento da floricultura.

— Por que eu? — intervenho.

— Porque eu não compro flores, Gio — argumenta, certo. — As flores precisam estar frescas para manhã.

— Aposto que sim — ironizo, mas ele não compartilha do meu humor. — Darei uma de perdida e irei até lá. Melhor assim? — Ele assente e segue para dentro do café.

Uma mão segura meu braço e estou pronta para socar a cara do indivíduo, mas quando olho é apenas meu namorado.

— Está vendo? — Ele me puxa contra seu corpo e preciso sorrir. — Eu disse que viria. Desculpa, Gio. Eu não sabia que seria esse caos. Claro que não teria prometido nada se ao menos suspeitasse disso.

— Não se preocupe — digo, ao me aproximar mais um pouco. — Apenas perdeu a viagem ao Museu. — Aponto para o prédio imenso do outro lado da rua. — Iria ficar fascinado, não pelas informações, mas pela forma com que tudo é

mostrado. É muito bacana.

— Eu não quero saber de Museu, Giovanna. — Ele segura minha cintura, puxando-me mais um pouco. — Quero apenas uns minutos com minha namorada. Provavelmente não há nada naquele Museu que eu não conheça.

— UAU! — Dou um tapa de leve contra seu peito. — Soou demais até para você. Vamos até a floricultura, antes que Bella nos veja.

— Por? — questiona, mas seguro sua mão o arrastando dali. — Certo, é sobre o pedido de casamento.

— Você falou pedido de casamento sem “engasgar”? — Ele para na calçada, me fazendo parar bruscamente, também.

— Por que eu “engasgaria” ao falar pedido de casamento? — Não sei! Talvez porque você teve um noivado fracassado ou por seu amigo ter mencionado ontem e parecia que ele estava tentando convencê-lo a soltar um míssil.

— Nada. — Finjo um sorriso, mas ele não se move. — Esqueça, por favor — suplico, mas não

funciona. Heitor não deixa palavras passarem batidas sem serem interpretadas. Ele não seguirá em frente até que eu confesse o que diabos cruzou meus pensamentos.

— Ontem quando Marco perguntou — ele cruza os braços, está pronto para discussão —, você o atropelou, não sei, como se aquele assunto jamais pudesse ser tocado em sua frente.

Ele fecha os olhos e apóia as mãos nos bolsos da bermuda. Não quero fazer isso aqui. Não no meio da rua.

— É por isso que está agindo estranha? — O quê? — Gio, Marco vai pedir minha irmã em casamento, porém não quero saber dos detalhes. Prefiro não ter uma imagem do que ele acredita que seja romântico. Ela é minha irmã. Me diga que não está apenas criando um cenário com palavras não ditas.

— Apenas pensei que depois de Francine... — Sinto-me ligeiramente envergonhada.

— Eu nunca mais iria querer me casar? — sua voz é macia e ele vem em minha direção. — Meu Deus, Gio. Precisa mesmo voltar a escrever. É isso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que fica pensando quando não está fazendo nada?

— Heitor, está me acusando de fazer uma projeção sobre uma ação? — Ele segura meu rosto entre suas mãos e beija meus lábios entre um sorriso. — Podemos não discutir? Temos... hã, provavelmente precisará sair correndo a qualquer momento.

— Não, não agora — diz, confirmando em seu relógio de pulso. — Mas, terei que voltar antes do final da tarde. Eu sei o que disse, tem todo direito de ficar brava, mas eu preciso mesmo conversar com você, só não agora. Vamos encontrar um momento antes de voltarmos para casa, está bem?

Meu coração se contorce em plena agonia quando as palavras são proferidas. O que seria tão importante que precisa ser dito em Saturno?

Seguimos para floricultura de mãos dadas. Ele ergue uma rosa solta e me entrega. Suspiro ao sentir o cheiro, meu coração continua rodopiando. Meu cérebro projetando, mas vou fingir que está tudo bem.

Perfeitamente bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Cinco

Estamos todos sentados em volta de uma mesa, um restaurante um tanto caricato é nosso espaço atual. As mesas são de madeira, delicadas e minimalistas, terminamos de comer, mas o ambiente é tão agradável que Bella insistiu que bebêssemos, menos Heitor, lógico. Há muitos jovens em volta, o som ambiente é regido por gargalhadas frescas sobre as coisas estúpidas que são mencionadas. Eu sei disso, porque é exatamente o que está acontecendo aqui.

Continuo apenas observando o movimento, sinto a mão de Heitor sobre minha nuca e seus dedos brincam com a raiz dos meus cachos e quase posso fechar os olhos com a sensação agradável. Poderia dormir facilmente também. É maravilhoso tê-lo ao menos por algumas horas, melhor do que nada, definitivamente.

Sinto-o se aproximar do meu corpo e apenas

sorrio para ninguém em especial. Ele deposita um beijo em meu ombro e desta vez eu o olho.

— Está tentando me dizer que precisa ir? — pergunto baixo o suficiente para somente ele ouvir.

— Não, só estou com saudade de minha admirável namorada. — Inclino sobre seus lábios e os toco com os meus. Nada demais, apenas o sentindo contra minha pele. — Não quero brigar, nem irritá-la. Estou completamente decepcionado com esse final de semana também e eu odeio ter que deixá-la para trás. Não é fácil para mim.

Pego sua mão e apoio sobre minha perna. Viro apenas o suficiente para olhá-lo de frente.

— Eu sei. — Porque realmente sei. — Apenas parece que estamos no mesmo local, porem em linhas do tempo diferente.

— O que o *Barry Allen* fez agora? — Sempre uma piada. — Não sabia que não havia mencionado que Taylor é mulher e preciso que pare. Gika, a Síria foi difícil, muito difícil. Mas a única coisa que me fazia passar pelos dias lá, era você. Aqui. Lá não é o melhor lugar para romances, nada do que pensou é remotamente verdade, PERIGOSAS ACHERON

precisa acreditar em mim. E trabalho com umas vinte mulheres, isso será um problema?

Sua pergunta me faz querer batê-lo.

— Claro que não. — Ele expande um sorriso. — Só estou nervosa. E realmente com saudades de meu admirável namorado. Não pode dar a uma aspirante de escritora, o que pensar. Catástrofes acontecem em minha mente, nada do que falar será um vídeo de gatinho fofinho, sempre será o desabamento de um prédio.

— E eu sou o dramático? — ele sussurra em meus lábios.

— Vocês estão me adoecendo — ouço Ben disparar em nossa direção. — Agora entendo como Bella se sentiu ontem.

— É verdade — Eli concorda.

— Eli você está pegando meu irmão — rebato, Ben balança a cabeça como se entendesse o pegando. — Acha que é agradável para mim? Eis uma “*headline*”: Não é!

— Agora sabe como se sinto, *sweetie*. — Bella sorri com uma gentileza falsa. — Nem sempre é

PERIGOSAS NACIONAIS

encantador.

— Vocês são um grupo bem estranho. — Marco adiciona mais lenha a fogueira levando o copo de bebida a boca.

— Nem comece, Marco — Heitor repreende. — É um assunto que você não quer entrar sobre irmãos e amigos. Não é, Marco?

— Seguindo para o próximo tópico. — Bella estala a língua segurando um folheto que ela encontrou no restaurante. — Precisamos ir a Fonte da Esperança. Preciso renovar as minhas, porque estou as perdendo.

— Perdendo a esperança no que? — Eli pergunta de um modo engraçado. Aos nossos olhos, o mundo de Bella é colorido em tons neons. Coloridos e brilhantes.

— Em vocês — diz, com um tom rebelde. — Na humanidade. Não sei, Elida. Em alguma coisa, só quero ver a maldita fonte. Podemos?

— Seu desejo é uma ordem — Marco responde, e os não envolvidos no ato de amo, reviram os olhos. Limites são subestimados aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Concordo, precisamos de limites e diminuir os afetos na frente dos irmãos. Apesar de que, somos muitos. É quase um pesadelo. Bella se põe de pé com uma postura digna de general do exército. Marco a acompanha, Eli levanta levemente, quase flutuando, então Ben fica de pé, segurando sua mão e a faz girar no próprio eixo como se dançassem uma musica que está tocando em seus pensamentos.

— Não precisamos ir — Heitor me aborda antes de eu me movimentar. — Bella irá superar.

— Estamos aqui. — E segundo o folheto estamos apenas algumas quadras da Fonte que fica em frente à Catedral da cidade. Apesar de ter sido construída por cientistas, a fé era algo praticado aqui. Ao menos pelas esposas. Então há uma catedral imensa, onde a Fonte da Esperança está localizada à frente.

— Bem, essa é sua escolha. — Por que ele está fazendo parecer uma coisa ruim?

— Heitor, não pode impor que eu mude de planos. — Depois do Museu, eu quero conhecer tudo que for capaz sobre essa cidade. Eu estou em PERIGOSAS ACHERON

Saturno. — O Museu foi espetacular e foi uma das coisas que me fez esquecer que você não estava lá. Vamos, vai ser uma boa experiência. E depois podemos descansar juntos.

— Defina descansar. — Expõe seu sorriso pretensioso demais, cheio de duplo sentido. — Não era bem descansar que eu tinha em mente sobre minha proposta.

— Nunca é — digo com tranqüilidade. — Eu deixo você escolher a forma de descanso se me acompanhar até a Fonte.

Bella continuou sua narrativa sobre a cidade. Foi apontando os prédios com sentidos históricos. Bem, com certeza, é o menos interessado em história. Mas mesmo assim, faz perguntas à Bella que vai até ao Google quando não tem a resposta na ponta da língua. Alguém foi fundo ao estudo da história de Saturno.

Chegamos a tal praça. A Fonte é imensa, quase monumental em um espaço aberto. No topo tem o busto de uma mulher, com os braços em volta de si mesma, como se não houvesse ninguém no mundo para abraçá-la.

Há diversas pessoas em volta, turistas com chapéus protegendo suas cabeças do sol forte. Óculos escuros escondendo metade de seus rostos. E muitas crianças correndo em volta.

Bella para a nossa frente como uma boa guia e abre o panfleto. Sabemos que irá começar uma narração digna de AudioBook.

— A Fonte da Esperança. — Ela toma o ar tornando tudo mais dramático. — Tem o nome original de *Fonte Di Speranza*. Foi construída pelo cientista e arquiteto Vincenzo Conti em homenagem à sua esposa, Violleta Conti, como prova de seu amor. Eles eram italianos e recém-casados quando chegaram a Saturno. Violleta não queria ficar no Brasil, mas Vincenzo disse que construiria um monumento à mão, se a esposa ficasse. Ele fez o desenho sem correções e trabalhou por meses a fio até conseguir. Violleta impôs que ele fizesse todo o serviço sozinho, sem ajuda de artesões. E assim Vincenzo executou o monumento. Perdidamente apaixonado pela esposa e por astronomia, ele disse que faria qualquer coisa para fazê-la ficar. Assim nasceu a *Fonte Di*

Speranza.

Uau. Uma prova de amor e tanto. Deve ser muito bom ter uma declaração em concreto no meio da cidade, que jorra água e atrai pedidos.

— Segundo Vincenzo, enquanto a água corresse fluída pela Fonte — Bella solta um suspiro falho —, sempre haveria Esperança. Não importa qual, mas sempre haveria *Speranza*.

Ela se vira para a Fonte imensa, e volta ao folheto.

Segundo Bella, eles nunca tiveram filhos. Não há descendentes dos Conti aqui. Violleta era estéril, descobriu vários meses depois do casamento. Tudo que restou nesse mundo que lembra os dois foi a Fonte. Então muitas mulheres usam a Fonte de Esperança como forma de pedir um futuro próspero, como filhos ou um amor eterno, como foi o dos dois, que morreram com dias de diferença, de velhice. Vincenzo e Violleta só tinham um ao outro, mas nem mesmo o pedido mais profundo, conseguiu fazer com que eles gerassem um filho biológico. Aos trinta anos, Violleta se juntou a Escola de Saturno que eram apenas para filhos dos PERIGOSAS ACHERON

cientistas abrindo as portas para toda a população. Amante da leitura, ensinou italiano por quarenta anos seguidos e tratava seus alunos como filhos, como os filhos que ela nunca foi capaz de ter.

Estamos paralisados, a história é profunda e eu sabia que não ia me arrepender de ouvi-la e vê-la de perto. Eli abre nossas mãos e deposita uma moeda sobre cada uma delas. Nos entreolhamos. Bella ergue o dedo no ar.

— A Fonte é para pedidos de um futuro. — Olha para cada um de nós. — Mulheres pedem fertilidade, homens pedem amor eterno. Não joguem moedas que não querem usar. Não é brincadeira. Eu acredito nisso.

— Está dizendo que se eu jogar essa moeda na Fonte estarei pedindo um útero pronto para procriação? — Eli pergunta, Bella assente. — Está bem.

Dou um passo em frente à Fonte e todos estão paralisados. Será que tem algo acontecendo que não estou vendo?

— Você vai jogar uma moeda? — Bella questiona, fazendo-me menear a cabeça para o
PERIGOSAS ACHERON

lado. — Entendeu o que eu disse? *Fertilidade*.

Finjo beijar a moeda e jogo sobre meus ombros a olhando nos olhos. Heitor esbarra no ombro da irmã e joga a moeda na Fonte, segura meus ombros virando para ele. Sorrio para seu sorriso, então ele beija meus lábios. Um beijo que não esperava.

O quê?

Ele acabou de jogar a moeda quando sua irmã *ênfatizou* que ele pediria amor eterno. AMOR que ele nunca falou sobre. Nem mesmo eu.

Posso sentir a adrenalina correndo por minha veia. Eu quero muito poder me declarar para ele, mas não depois da tal conversa que quer ter. Isso está quase me preocupando.

Todos dão passos a frente e jogando suas próprias moedas.

Bella insiste que tiremos uma foto. Então Marco faz, parecemos jovens. Apenas jovens, sem paranóias. Eli aponta em direção a sorveteria, não contestamos. A este ponto, todos estão adorando o turismo.

Marco ressalta como deve ter sido muito difícil

PERIGOSAS NACIONAIS

para Vincenzo fazer todo aquele monumento sozinho. Eli diz que foi mais que “bem-feito”, ele queria que a mulher ficasse numa cidade que até então era no meio do nada, é justo que a prova de amor tenha sido feita de concreto. Então questionou se Ben construiria algo assim para ela. Bem, meu irmão disse que se fosse naquela época, faria sim, mas hoje ele encontraria outra coisa. Artesanato não faz muito seu estilo.

— Tudo nessa cidade precisa ser maravilhoso?

— Com certeza, Bella conseguiria a vaga de secretária do turismo da cidade de Saturno.

— São seus olhos — Marco responde tocando seu rosto.

— Limites — Heitor invoca, como se fosse uma palavra de segurança.

— Você acabou de beijar Giovanna — Marco argumenta.

— É, mas Bella é minha irmã. — Podemos fazer isso para sempre, Ben respira para falar, mas Heitor nega com a cabeça. — Então, o que faremos agora? Meu tempo está acabando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parece que está na condicional — Bella replica.

— Podemos voltar para o hotel? — ele pergunta diretamente para mim e assinto. — Amanhã podemos ir até Plutão. — Estreito meus olhos. — Tem literalmente um espaço aqui se chama Plutão. É uma boate.

— A cerimônia vai ser num espaço chamado Netuno. — Bella retorce os lábios. — Meu Deus, eles levaram mesmo esse negocio a sério.

Vamos lentamente caminhando de volta para o hotel. Quando me dei conta, Marco estava ao meu lado como um ninja. Pede para eu desacelerar o passo, então vou diminuindo, nada demais, para Bella não notar.

— A floricultura? — sussurra.

— Até às 18h — sussurro de volta. — É uma cidade extremamente turística. Eles querem vender.

— Obrigado, Gio. — Ele esbarra de leve contra meu ombro. — Falou para ela sobre o manuscrito?

— Não, acho que deveria ser algo que ela deveria me contar. — Talvez esteja considerando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não aceitar. — Não conte nada, por favor. Finja que não sei.

— Não se preocupe. — Sorrimos, cúmplices. — Acho que deveria falar com Heitor nesse momento que terão sozinhos. Foi um gesto bacana o que ele fez na Fonte. Heitor a ama, Gio. Não deve temer.

— Você acredita mesmo que água parada realiza desejo? — Me superei na descrença.

— Sim, eu acredito. — Sua resposta me deixa sem jeito. — E ele também. Não se vive de notícias ruins, sem acreditar no bem. Sou jornalista esportivo, Gio. Nem tudo é sobre gols que balançaram a rede. Mas entendo bem, está com medo, mas não deveria. Lembro de Sonora e foi a melhor viagem da minha vida.

— Da minha também — confesso.

— Foi onde eu pude conhecer meu amor. — Ele aponta para Bella que vai com os braços erguidos contando histórias. — E você?

— Poderia dizer o mesmo. — E não doeu.

**

PERIGOSAS ACHERON

De volta ao quarto, olho a organização de Heitor. Todas as coisas estão arrumadas, alinhadas umas às outras. Nada de bagunça. É como ele é. Meu pensamento me faz sorrir. Sinto suas mãos sobre meus ombros e eu poderia dizer as malditas palavras agora, mas não. Quero mesmo saber o que ele quer me contar, antes de jogar o meu assunto sobre ele.

— Vamos conversar agora? — questiono. Ele está sentado atrás de mim e posso sentir sua respiração em meu pescoço.

— Não mesmo. — Seus lábios encostam contra minha pele. — Quero mesmo descansar.

— Seu descanso envolve me beijar? — Fecho os olhos deixando a sensação percorrer por meu corpo.

— Ah, meu descanso envolve muito mais do que isso. — Sinto seus dedos descerem a alça do meu vestido com delicadeza e ele faz um caminho mais intenso de beijos por meu corpo. — Estava com saudades, Giovanna. De sua voz, de sua pele quente, do cheiro dos seus cabelos. Queria entrar no primeiro avião para casa e vir ficar com você,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas eu não podia. O mundo capitalista afirma que tenho que trabalhar para viver ou morrerei de fome.

— Parece um mundo cruel — consigo dizer quando ele está mais distante, mas não foi longe, ele agora está diante dos meus olhos. — Eu senti sua falta também.

— Por que parecia chocada ao me ver diante da Fonte? — Achei que ninguém tivesse notado. — Um homem não pode sonhar?

Não espera uma resposta, com cuidado extraordinário, me deita contra a cama. Eu quero confessar. Meu coração dói em ansiedade.

—Cla-claro — digo com a garganta seca.

— Posso desejar o quanto eu quiser — diz tão próximo que não sei se ouvi ou imaginei a resposta. — Posso pedir a Fonte... — Delicadamente ele beija meu rosto. — Posso pedir aos céus... — Seus braços estão apoiados nas laterais do meu corpo e sinto o seu peso sobre mim. — A qualquer coisa que exista. Apenas quero que dure, Giovanna. A sensação, o sentimento, apenas quero que dure mais do que uma viagem... Ou, mais do que...

PERIGOSAS ACHERON

Alguém bate a porta. Não com delicadeza, com arrogância.

— Puta que pariu! — ele esbraveja e só agora, noto que está sem camisa. — Será que precisaremos sair de órbita para conseguir a droga de um momento?

O que ele não lembra é que eu estive aqui tempo todo. Deixo o ar sair com um tom de frustração e quando a porta é aberta *Taylor* está lá.

— Heitor, desculpa. — Parece constrangida diante de seu corpo sem roupa. — Apolo precisa de uma reunião via *Skype*.

— Qual o problema de Apolo? — Heitor questiona, mas Taylor dá de ombros. — Deixa eu pegar minha camisa e meu notebook. Chame Alec. Não teremos muito tempo até a reunião que já tínhamos marcado.

— Está bem — Taylor responde, solícita. — Desculpa mesmo.

— Não tem problema, Taylor — ele responde um pouco furioso demais. — É meu trabalho.

Ela assente e ele fecha a porta, dispenso o

pedido de desculpas com a mão. Não adianta falar, não tem nada a ver com nós dois. O mundo não para de girar quando estamos de viagem.

— Gika... — Arrumo minha postura, apenas continuo negando com a cabeça.

— Até a noite, Heitor. — Ele veste a camisa e pega a mochila deixando o quarto.

Não volto para o livro, apenas ligo a TV. Se eu ler mais uma história de amor, tacarei fogo em Saturno.

Seis

Com educação, Isabella pediu a Marco que saísse do quarto e fosse se arrumar com Ben. A princípio, Marco pensou em protestar, mas Eli e eu estávamos paradas, portando nossos vestidos, cobertas apenas por um roupão do hotel. Ele ficou constrangido com nossas vestimentas e saiu sem contestar.

O vestido de Bella é um azul-celeste, com flores rendadas em todo seu comprimento até o joelho, tem mangas que descem até o cotovelo. Sua cintura se ajusta perfeitamente ao desenho do vestido. Ela parece uma daquelas princesas da Disney, pronta para uma festa glamourosa. Um cinto que acompanha o vestido da mesma cor, finaliza a peça simples, dando a delicadeza que minha amiga exala pelos poros.

Seu cabelo tem cachos volumosos e seu louro perfeito reluz. Sua maquiagem é leve e a deixa como uma boneca perfeita. Claro que todos irão

olhar para Bella. Parece mesmo que uma boneca ganhou vida.

Élida sai do banheiro e seu modelo me faz sufocar. Um vestido que se molda a seu corpo em uma imitação de couro. Tem um mini “V” na altura do decote, mostrando o suficiente para causar um infarto em quem olhar. Na altura do joelho tem outra fenda mínima. Bella olha para o próprio vestido, depois para Eli a sua frente, em toda sua potencia de sensualidade com essa peça.

— Uau —Bella sopra e Eli gira no próprio eixo ainda descalça. — Pobre Benjamin. Nem vai ver o que lhe atingiu.

— E com certeza o resto da sociedade também. — Estou deslumbrada diante da roupa. — Eli, mais dois segundos em sua presença e vou começar a questionar minha sexualidade.

Seus cachos naturais e pesados descem sobre os ombros e ela com certeza está orgulhosa de como se parece. Olho para meu próprio vestido vermelho. Vou para o banheiro, estou maquiada e meus cabelos estão em um coque volumoso no topo.

O meu próprio vestido é em um tom de
PERIGOSAS ACHERON

vermelho escuro, lembra um pouco a renda que cobre o vestido de Bella, mas é uma peça mais longa, passando dois palmos abaixo do joelho, mas sua fenda lateral começa no meio da minha coxa dando mobilidade necessária. Meu decote não é tão surreal quanto ao de Eli, as alças são finas dando um ar delicado, que talvez eu não exale como Bella.

Dou um passo para fora e elas aplaudem.

— *Oh, my* — Bella elogia me fazendo sorrir.
— Nem mesmo sei o que me atingiu. Então estamos prontas? Lindamente perfeitas.

— Perfeita é exagero — digo, buscando meu sapato preto com um salto consideravelmente alto.

— Meu amor, olhe para os seios de Eli — Bella rebate, Eli ajusta os seios no vestido e faz uma cara tentando ser sensual. — E sua bunda nesse vestido.

— Meu Deus, Bella. — Pego minha bolsa, querendo mesmo gargalhar, mas quando viro de costas, Eli dá um tapa seguro em minha bunda me fazendo girar com velocidade. — O que é isso?

— Está muito atraente nesse vestido — Eli

PERIGOSAS NACIONAIS

elogia, apenas nego com a cabeça. — Todas sabem fazer massagem cardíaca?

— Heitor não ganhará apenas um prêmio essa noite. — Bella arruma os cachos na frente do espelho e lança uma piscadela em minha direção. — Vamos. Demoramos demais nos vestindo, agora precisamos brilhar.

Bella abre a porta, do outro lado do corredor estão Ben e Marco em seus ternos perfeitos. Não fico desapontada em não encontrar Heitor. O que esperei?

— Não vou fazer nenhum comentário — Marco diz depois de balançar a cabeça —, mas tudo bem.

Bella faz uma pequena reverência e nos permite partir dali.

**

Tudo é elegante em Netuno. O espaço da cerimônia, quero dizer. O som ambiente é leve, muitas pessoas interagindo. Muitos jornalistas, na verdade. Bella aponta para a mesa em que estão Taylor e Alec sentados, conversando entre bebidas.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhamos em sua direção e somos recepcionados com um convite para sentar. Não faço ideia de onde Heitor possa se encontrar.

— Gika — Bella chama meu nome e eu a olho, estamos sentadas lado a lado. — Depois teria um tempo para conversar comigo?

Olho para Marco, que desvia o olhar para o outro lado.

— Claro. — Forço a voz sair, sei do que se trata, mas tenho medo do que irei ouvir. Foi muito fácil quando Marco confessou, mas vindo de Bella, eu posso até chorar.

— Giovanna — Taylor chama minha atenção. — Heitor pediu para avisar que não demorará a se juntar a nós.

A nós. Não a mim.

— Está bem — respondo. Bella toca meu braço e chama a atenção de Eli.

— Vamos até o bar? — pergunta para nós duas.

Apenas seguimos sem pedir explicações. O bar fica do lado oposto do espaço. Do outro lado do balcão tem um cara que nos cumprimenta com um

sorriso gentil. Esforço-me para manter minha mente calma, equilibrada sobre o salto. Meu coração não obedece, mas desconfiei de que não obedeceria mesmo.

Bella pede três doses de uísque e nos entrega o copo. Olho para bebida no copo e meu estômago queima.

— Primeiro um brinde a nós — Bella anuncia erguendo um copo. — Somos magníficas. — Esse é o momento em que Bella denuncia que é irmã de Heitor. — Segundo, obrigada Deus por namorados tão atraentes, não esperaria nada menos que isso.

Eli ergue mais o copo em concordância às palavras da amiga.

— Quando fomos à Sonora — ela se vira completamente para mim —, estava escrevendo um livro, e eu disse que você ficaria entre os mais vendidos. Eu nunca precisei ler nada seu para saber que tinha potencial. E por mais que não acredite em você, Giovanna, eu acredito. Meu terceiro brinde é à minha mudança de carreira. Estou fazendo isso porque acredito tanto em você que quero fazê-la brilhar. Não como glitter, mas como o Sol. Estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

há muito tempo lendo livros e falando sobre eles. Quero editar seu livro e fazê-lo alcançar aquele topo que prometi.

— Bella, não precisa fazer isso. — Ela ama aquela revista.

— Meu amor, Francine ainda é minha chefe — desdenha. — É como me livrar do demônio. Eu sei que não sou treinada para editar livros, e por isso estou me preparando com cursos, mas tenho um contrato em meu quarto, direcionado para você. Ele é seu.

— Obrigada, então. — É tudo que consigo dizer, sinto meus olhos se umedecerem com as lágrimas.

— À Giovanna Sanches. — Eli ergue o copo no alto. — Ao seu futuro.

Então enfim brindamos. Elas me envolvem em um abraço triplo e gargalhamos. Provavelmente ninguém está entendendo nada, mas estou feliz. Muito feliz. Eu poderia chorar como um bebê, mas não faço. Apenas me permito ser esmagadas por elas.

PERIGOSAS ACHERON

Ao nos separarmos, encontramos Heitor parado com as mãos socadas no bolso da calça social. Está usando um terno, assim como o resto dos homens aqui.

— Motivo do abraço coletivo? — pergunta, ao olhar para cada uma e analisar nossos vestidos. — É, estão muito...

— Gostosas, eu sei — Eli diz, ao passar por ele.

Ele sorri negando com a cabeça, Bella segue a amiga nos deixando sozinhos, mas eu quero falar para Bella que estou muito, muito feliz com a notícia.

— As palavras que Eli mencionou. — Ele aponta para o vestido. — Deve realmente ser muito fascinante tê-la visto vestir esse vestido. Entretanto, ajudá-la a se livrar dele, será uma grande produção digna de Oscar.

— Acredito que tem um roteiro perfeito para isso. — Ele segura minha mão e nos aproximamos. — Espero que ganhe esse prêmio. Você merece, muito. Sabe o quanto esse trabalho foi maravilhoso, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não importa, Gika. — Não? — Tudo que realmente quero está bem aqui em minha frente. Um prêmio não muda em nada minha vida.

— É um reconhecimento do seu trabalho. — Ele recosta contra o balcão, o atendente não está por perto. — É isso que significa.

— Acha mesmo que no final do dia isso importou para Vincenzo? — Uma resposta que não tenho. Não faço ideia. — Não importou. Tudo isso só importa porque está aqui, agora. E você está bagunçando meu corpo com esse vestido. Odeio ter que trabalhar tanto.

— Era sobre isso nossa conversa? — Aproximo-me um pouco, para que quase ninguém possa nos ouvir.

— Não. — Entrego o copo com a bebida a ele. — Estamos em Netuno, amanhã iremos a Plutão. Estamos em uma missão no espaço. Sei que estou sendo um péssimo namorado, mas não julgue nosso futuro baseado nessa viagem.

— Não irei — digo, alcançando sua mão. — Acho que Alec quer falar com você.

PERIGOSAS ACHERON

Alec está parado alguns metros de distância. Não digo mais nada, nem espero resposta. Sorrio e saio do balcão voltando até a mesa. A este ponto estou bem imune a decepção.

Trabalho, trabalho e trabalho.

**

Ao fim, tudo ocorreu bem. Agora é a hora dele, do seu discurso. Como Bella premeditou, ele ganhara. O documentário me fez chorar, me fez rezar, apenas emocionante demais para um simples documentário.

— Quando aceitei a proposta do documentário, era porque precisava fugir. — Todos estão ouvindo atentamente. Está claramente nervoso. — É um tanto irônico, fugir para um lugar no qual todos os habitantes estavam fazendo o caminho inverso. Mas como jornalistas, assumimos a missão de levar tudo o que seja notícia ao mundo. É expor através de imagens e palavras que o mundo não é uma superfície plana. Trazer à tona a realidade de uma população que não pode contar a verdade por seus próprios meios, me pareceu um tanto tentador. Aterrorizante também, diga-se de passagem — ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa como se imagens voltassem à sua mente. — Ver através de uma tela é impactante, mas vê-lo ao vivo, foi uma experiência indescritível. Não deixamos o medo nos vencer, apesar de ser uma força latente.

Taylor e Alec estão com as cabeças abaixadas, como se as memórias voltassem vívidas.

— Há um mundo lá fora — sua voz é rouca. — Há humanos que são mortos pela ganância do próximo. Há mulheres enterrando seus filhos em prantos altos. Pais perdendo famílias inteiras. Há dor, sofrimento e falta de esperança. E eu apenas quis mostrar ao mundo que eles estão errados. Que enquanto ignorarmos esse tipo de situação, não alcançaremos a tal almejada evolução. Só animais matam outro como presas, mas nós orgulhosamente dizemos por aí que somos seres pensantes. Não somos; ao menos, não, enquanto matar pessoas for nossa meta. Nunca poderei apagar o que vi e vivi. Mas fico feliz por ter feito, faria tudo outra vez. Precisamos não só abrir nossa mente, mas também o nosso coração. O seu próximo é tão real quanto você, a dor dele, poderia ser a sua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma onda de aplausos invade o ambiente e todos ficam de pé. Bella me olha, sorrindo e aplaudindo fortemente as palavras do irmão. Meu coração se contraí, porque as imagens filmadas não saíram da minha mente, mas são coisas editadas. E todas as outras ocultadas? O cheiro? O barulho? Toda a percepção sensorial ao redor?

É algo muito, muito pior de se ter guardado na memória.

Repreendo a mim mesma por cada vez que pensei o quanto eu queria que ele estivesse comigo. Ele estava fazendo algo importante, sim, sendo o condutor de uma mensagem, de um suplício de ajuda de uma população condenada.

Ele para a minha frente e eu o abraço com força. E um sentimento me atinge.

Ele poderia não ter voltado.
Poderia não haver nada disso.

PERIGOSAS ACHERON

Sete

Acreditei quase de olhos fechados que depois do prêmio em mãos, Heitor seria mesmo liberado, mas não é o que está acontecendo. Ele realmente está por aí em algum lugar. Nosso abraço durou segundos e não pude ao menos lhe beijar. Já havia alguém pronto para conversar com ele.

Eli tinha outro copo de uísque em punho pronto para me entregar. Agora estou aqui, bebendo aos poucos, esperando mesmo o gelo se transformar em água e virar uma bebida fraca, na verdade, não gosto de uísque, apenas precisava de uma bebida e ele estava em minha frente, foi algo bem básico. Minhas amigas continuam conversando alegremente, estou apenas observando, analisando e esperando o momento em que Heitor voltará até a mesa.

— Sabe o que acabei de descobrir? — Bella diz, levemente alterada pelo álcool. — Somos jovens. Somos *literalmente* jovens. E precisamos

curtir a noite.

— Concordo — Eli responde, tocando o rosto de Bem. — Não somos apenas jovens, somos jovens e lindos. Deveríamos encontrar um lugar para comer e beber mais. Lógico que nada elegante.

— Por que não elegante? — pergunto, ela entorna a bebida e sorri ao erguer o copo vazio.

— Precisamos gargalhar — concordo —, precisamos de um lugar que ninguém nos olhará torto por isso. Vamos? E nos desafio a não trocarmos de roupa. Quero que sejamos um choque com nossas vestimentas descontextualizadas.

— Então um carrinho de cachorro quente? — Ben questiona, em dúvida.

— Exatamente, Benjamin — Élide concorda. — Leu meus pensamentos.

Ele se inclina sobre ela depositando um beijo em sua boca. Apenas ignoro. Olho em volta procurando por meu querido namorado e o encontro do outro lado de *Netuno*. Ele acena quando nota que estou o olhando, peço licença a todos, avisando que irei falar com Heitor sobre a

proposta.

Vou em sua direção e sou recepcionada com um sorriso contente. Há um homem mais velho, talvez beirando aos cinquenta anos. Ao me pôr a seu lado, ele passa o braço em volta da minha cintura e eu cumprimento o *senhor* com um sorriso gentil.

— Vicente, esta é minha namorada Giovanna.
— Ele me apresenta, o senhor estende a mão em minha direção e eu pego, retribuindo o cumprimento. — Estávamos falando sobre o tempo que estive fora. Vicente estava me perguntando o *que* me ajudou a passar por essa experiência, então eu disse que não foi o *que*, e sim *quem*. Eu não conseguia fazer muita ligação de voz. Ou de vídeo, a recepção era horrível. Então e-mails eram a forma mais fácil de me comunicar. E todos os dias, ela me enviava um e-mail. Às vezes, era algo como: O gato da vizinha morreu. Ou: Descobri uma nova receita de macarrão, mas eu não sei fazer.

Vicente sorri e eu apenas sigo a deixa. Ainda não consigo mesmo fazer o bendito macarrão.

— Então vocês estão juntos desde o
PERIGOSAS ACHERON

documentário? — Negamos com a cabeça. — É bom ser jovem. Queria ter certeza que ele voltaria, não é isso?

— Nunca pensei que não voltar seria uma opção — respondo, Vicente olha para Heitor e depois para mim. — Eu o mataria. Se ele não voltasse, juro que o mataria.

— Giovanna é escritora de romances — Heitor emenda, como se aquele fosse o motivo de eu estar ameaçando sua vida. — Nos conhecemos anos atrás, ela estudou com minha irmã do meio. Mas somente meses atrás, nos encontramos de verdade.

— Como farão isso funcionar? — A pergunta de Vicente me faz parar. Como assim? — Um escreve a mais pura verdade, a outra a mais doce mentira. É um bom equilíbrio para um casal.

— Eu sempre guardava os capítulos que ela me enviava para ler à noite. — Sinto suas mãos se fecharem ao redor da minha cintura e o olho. — Foram as doces mentiras que me salvaram, sempre que estava perto de desistir ou perder a cabeça. Sempre tinha aquelas palavras. A gentileza, o amor e todos os conselhos que nem mesmo ela nota

PERIGOSAS ACHERON

escrever. Era como estar em casa.

Ele encara o chão por alguns breves segundos e Vicente engole em seco. Não digo mais nada, não aqui, na frente de um homem que nunca vi na vida.

— Preciso ler esse livro — Vicente diz depois do que pareceu uma eternidade. — Com certeza. Vou dar um minuto a vocês. Heitor, estou esperando junto com a equipe. Foi um prazer, Giovanna. Obrigado por não deixar esse menino perder a cabeça.

Apenas assinto, Vicente sai nos dando o que posso chamar de privacidade.

— Nunca me falou sobre isso — digo, ele dá de ombros num gesto simples e sorri. — Poderia ter me dito antes, não deveria ter falado do gato. Não era bem da sua conta.

— Era sua rotina. — Ele toca na mecha de cabelo que desprendeu do coque. — Seria impossível olhar para qualquer outra mulher, quando minha vida era esperar seus e-mails. Sonora mudou tudo, Gika. Mesmo indo para uma zona de conflito, eu tinha esperanças, e tenho certeza que deveria as ter perdido lá. Mas tinha você aqui. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cada dia na Síria, era um dia a menos longe de você.

— Faria outra vez? — Lembro do seu discurso.

— Não se eu estiver com você. — Maldito jornalista. — Nunca mais a deixarei para traz. Outro jornalista terá que contar essa história. As nossas se resumirão a todas ficcionais que quiser criar.

Aproximo-me o suficiente para sentir o calor do seu corpo, e encarar seu sorriso malditamente alinhado de perto. Sinto suas mãos me envolverem em um abraço na altura da cintura, e quando estamos quase lá, naquela parte que os lábios adormecem com a antecipação daquele beijo que é seguido de palavras causadoras de tempestades internas, uma voz feminina quebra o momento.

TAYLOR.

— Heitor, é a última — ela diz em seu português enrolado. — Vamos?

Ele assente e ao se virar para mim, trinca o maxilar. Dou um passo para trás, o liberando. Sua expressão é séria, mas eu apenas sorrio de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Bella quer comer. — Aponto em direção a mesa. — Quando terminar, me ligue.

— Gika... — Sei que vai se desculpar, mas dispenso. — Está bem. Nos encontraremos assim que eu terminar.

Então ele vai. Chamo o resto do grupo com um aceno de cabeça, e eles vêm em minha direção, logo depois saímos. Enfim deixando Netuno para trás.

**

— Se eu tivesse... — Bella está com a boca cheia — condenada à morte, iria querer que esse cachorro-quente fosse minha última refeição.

— Por que estaria presa? — Marco questiona a namorada enquanto todos nós a observamos.

— Não sei. — Ela ergue o dedo no ar. — Talvez, eu tenha encontrado você me traindo e o matado.

— Com qual arma? — Eli parece ligeiramente interessada.

— Acho que envenenado — Bella responde, como se estivesse realmente pensando em uma

cena de crime. — Armas de fogo me deixam nervosa, e arma branca requer mais força, matar um homem do tamanho de Marco a facadas, seria extremamente difícil.

Posso afirmar que seu *futuro* noivo se esquivou. Bella continua comendo, provavelmente pintando a imagem em sua mente.

— Concordo — Eli solta bebendo um pouco da sua cerveja deselegante. — E o que faria com o corpo?

— Se eu estou presa — Bella argumenta como se aquilo fosse óbvio —, não escondi direito. Mas como eu conheço Ben, que domina química como Sherlock...

— Não me faça cúmplice em seu crime — Ben se esquivava. — Sherlock adorava drogar o cachorro — diz de forma tão aleatória que me faz sorrir. O mais assustado ainda é Marco, claro, se fosse também meu suposto assassinato, ficaria desesperada. Porque esse rascunho pode ser um plano no futuro.

— Ben, eu serei a tia dos seus sobrinhos. — Bella se inclina sobre a mesa se aproximando do

PERIGOSAS ACHERON

meu irmão. — Gika jogou uma moeda na fonte, Heitor jogou uma moeda na fonte. Somos família. Não pode me deixar na mão, não quando minha liberdade está em jogo.

— Que tal você não me matar? — Marco oferece. Porém, Bella e Ben estão em uma guerra de olhares quase profundo.

Talvez estejam considerando o que aquele gesto idiota significou. Ninguém pensou exatamente que uma moeda na fonte traria amor eterno e um útero fértil. MEU DEUS. Espero que não.

— É isso, Benjamin? — Bella dispara voltando a posição inicial. — Esperei que você me apoiasse.

— Está bem, Isabella. — Ela sorri em vitória à resposta do meu irmão. — Só para meus sobrinhos não irem a visitar na cadeia.

— Bella! — Marco protesta, provavelmente temendo a namorada que parece um anjo, mas que aquele ponto, sua máscara já caiu por terra. — Sabe que só tenho olhos para você.

— É, e foi por isso que você quase enfartou

quando viu Giovanna e Élide — Bella solta levando a cerveja à boca. Quero gargalhar, porque ele não olhou para Bella e fez o comentário.

Ele passou os olhos pelas três, o maior erro da vida dele.

— Não foi dessa forma — Marco argumenta, mas Bella não está mesmo se importando. — Sabe que amo você.

— Eu sei! — Ela muda de humor quase gargalhando na cara dele. — Só você mesmo, te amo, Marco. Não me importa se achou minhas amigas maravilhosas, até porque elas são. Mas que não passe disso.

— Acabou de planejar o assassinato dele — Ben interrompe as declarações de amor. — Eu dormiria com um olho aberto. Bella tem essa cara angelical, mas não sei.

— Ah, Benjamin — ela arruma os cabelos para trás dos ombros com desdém —, ainda não viu nada. Heitor!

Sua comemoração chama a nossa atenção pra direção do seu irmão, que parece totalmente

destruído. Senta-se a meu lado e apóia a cabeça em meu ombro. Toco seus cabelos e Bella o encara com os olhos ansiosos.

— Parece cansado. — Bella o olha de soslaio como se não estivesse feliz. — Não deveria estar cansado.

— Não? — Ele fica ereto, cruzando os braços. — Nunca trabalhei tanto em minha vida e era para ser a droga de um final de semana de descanso. Eu mal consigo andar. Dormi por quatro horas essa noite. E estou acordado desde então.

— Está me dizendo que chegou às três da manhã? — indago, ele fecha os olhos como se estivesse ocultando aquela informação.

— Sim, as três e pouco.— Assinto para ninguém em especial. — É uma merda, Giovanna. Eu sei, estava errado. Muito errado. E estou estressado nesse momento.

— Achei que tivesse feliz. — Ben joga mais lenha na fogueira, mas Heitor quer dizer algo, talvez alguma coisa que ele sabe que irá me irritar. — Deu um discurso muito motivador e impactante. Deveria estar feliz, ganhou um prêmio.

— Obrigado, Ben — Heitor agradece, mas não soa muito como um agradecimento real. — Quais os planos para amanhã?

A pergunta é *quase* totalmente direcionada para Marco, mas Bella está pronta para responder.

—Mirante, às seis da manhã. — Não quero acreditar nas palavras dela. — Planetário as dez. A tarde é livre. Posso ver também o que tem mais na cidade para vermos durante o tempo livre.

— E a boate como sugeriu — complemento —, mas não precisa fazer nada disso. Vai trabalhar, não é? Por isso está nos perguntando?

— Prometo encontrá-la assim que eu terminar com Apolo. — Seu argumento não é muito bem-vindo a ninguém na mesa. — Sei que estou sendo uma péssima companhia, mas não posso ignorar as ligações de Apolo. Não sei por que ele aceitou o emprego senão sabe trabalhar.

Não respondo. A este ponto, qualquer frustração ou argumento é sem necessidade. Bella fala algo sobre chefes que não sabem nada, Eli argumenta que foi uma chefe que não dominava nada. Heitor apóia a mão sobre minha perna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parece que em um momento estamos profundamente apaixonados e nada irá nos separar, iremos mesmo ter nosso momento juntos; minutos depois o mundo entra em colapso e ele precisa sair correndo. Mantenho minha expressão neutra. Discutir não vai ajudar. Ele precisa descansar e isso é fato.

— Se vamos ao mirante — interrompo a conversa calorosa. — Deveríamos dormir agora. Passou da meia-noite. E Heitor está cansado. — Ele nega com a cabeça. Deve ter esquecido-se das próprias palavras. — Vamos, Heitor. Quando chegar domingo, não conseguirá nem mesmo dirigir.

— Está bem — concorda. — O que faria sem você, Giovanna?

— Talvez tivesse ficado na Síria — respondo.

Ele beija meu rosto, antes de nos levantarmos. Está totalmente abatido. Estresse tem a tendência de fazer isso com nosso corpo. Ele está quase flutuando para longe em pensamentos. Não sei se será capaz de alcançar nem mesmo o chuveiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Oito

Estou pronta para ir ao mirante. A mensagem de Bella foi bem categórica para que nos encontrássemos nos primeiros segundos do dia. Eu decidi ir com eles por vários motivos, inclusive por que eles são exatamente o que estão me mantendo aqui. Não sou a pessoa mais fácil de influenciar, mas as palavras de Ben voltaram para me assombrar assim que Heitor caiu no sono quando deitou na cama. Respirei para falar com ele, mas estava distante na terra dos sonhos.

Não o culpo, mas não adianta eu me enganar e ficar aqui na esperança de que *Apolo* encontre seu caminho para fora da *atmosfera*. Depois daqui, Bella terá um casamento para planejar, Eli um departamento para comandar e Ben voltará para finalizar seu mestrado antes de voltar para casa. Então, é como se fosse mais sobre nós, do que sobre Heitor e eu em um ponto de prioridade, quer dizer, era sobre nós dois, porém, não mais. A Terra se mantém se movimentando, continua girando e PERIGOSAS ACHERON

isso quer dizer que as coisas mudam de posição por segundo, ideias e planos também.

Enquanto trocava minha roupa, decidi fazer deste dia de hoje o momento para planejar para Bella o melhor momento da sua vida. Ela merece um pedido espetacular e como amiga, devo realmente garantir que ela o tenha. Se tiver que subir ao mirante, que seja.

— Gika, não vá. — Um sussurro rouco me encontra e giro em meu eixo para olhá-lo. — Vem cá. Ainda é muito cedo.

— Eu sei — respondo de onde estou, do outro lado do quarto. — Você pode nos acompanhar, mas não vou desistir. Sei que estou longe de ser a namorada perfeita para você, mas também estou longe de ser a amiga perfeita. Esse final de semana mostrou que quando não houver nada, sempre haverão elas. E nada, Heitor, nada pode substituir o que tenho com Élida e Isabella. Elas querem subir metros acima da cidade e é o que vamos fazer.

— Gio, eu estava cansado demais — justifica ao sentar-se.

— Não estou reclamando — continuo, usando
PERIGOSAS ACHERON

um tom ameno. — E parabéns por seu prêmio. Sabe que é merecedor e por mais que não acredite, eu estou feliz. E com certeza aplaudi-lo ontem foi um dos melhores momentos da minha vida. Você é realmente um exemplo de jornalista e por isso seu celular não para de tocar. Agora pedir para eu ficar aqui sabendo que daqui a pouco precisará correr para salvar Apolo ou seja lá quem for, seria muito egoísmo.

Ele está paralisado. Não falei para machucá-lo.

— Às vezes, para tê-lo pela metade é realmente melhor ficar sozinha — complemento. Ele se põe em pé e arruma os cabelos num gesto desajustado demais. — Ah, eu consegui um contrato para publicação do meu livro. Acredito que deveria saber isso.

— Uau, Giovanna! — Sua expressão muda para algo realmente orgulhoso. — Então ontem foi realmente nossa noite de sucesso?

Não deixo de me sentir cedendo um pouco por dentro. Era nossa maldita noite de sucesso e tudo que consegui foi um: Estou cansado demais para ouvir isso esta noite. Ele não usou palavras, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormir daquela forma foi rude.

— É — respondo, não sinto que esta conversa está indo para uma boa direção. — Preciso ir.

— Gika... — Ele precisa parar de usar meu nome como se fosse um pedido de desculpa. — Hoje à noite.

— O quê? — digo, sem ânimo. — O que você quer hoje à noite? — Agora realmente sou rude. — Heitor, vamos fazer assim. Não fazemos planos. Sem expectativas, sem frustrações.

Alguém bate na porta, ele está com as mãos apoiadas no quadril. Dou um passo em direção a saída, mas ele não se movimenta, sem protesto. O que ele esperou? Que eu fosse ficar fazendo planos com esperança que ele apenas fosse largar tudo e ficar comigo? Estamos nisso há tempo suficiente para saber que não vai acontecer.

— O pedido — ele assente —, é no final do dia. Espero que possa estar lá. Não é sobre mim, lembre-se. Eu posso lidar com toda decepção, mas não faça isso com Bella. Sabe que será o primeiro rosto que ela irá procurar para dividir o momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Concorda com um gesto de cabeça, sem dizer mais nada.

O deixo para trás, no corredor estão todos lá, estranhamente animados. Ninguém pode estar animado às seis da manhã, mas eles estão. Não digo nada, ninguém esperou mesmo que Heitor fosse conosco. Então apenas seguimos e segundo Eli a primeira parada é realmente na cafeteira de café delicioso. Café é sempre café, bebo, mas não sou a maior fã do sabor.

Na caminhada até o estabelecimento, sinto as palavras ditas voltarem a minha mente. Não deveria ser assim, não deveria ter dito nada daquilo. Estou fazendo ele se sentir mal por seu trabalho, mas não sou o tipo de pessoa que espera ou poupa palavras, apenas não sou. Quando ele se meteu aqui, sabia exatamente desse fato. Eu nunca serei a mulher que sentará em casa e vai esperar o marido chegar, isso se eu casar-me um dia. Não posso sentar em um quarto de hotel e segurar a mão de Heitor enquanto ele trabalha. Não foi uma viagem para isso. Estaria perdendo todas as lembranças e conhecimentos que estou tendo em Saturno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eli, Marco e Ben seguem mais à frente, enquanto Bella está caminhando lentamente ao meu lado, provavelmente conseguiu ler meu estado de espírito.

— Gio, eu sinto muito. — Suas palavras me surpreendem. — Talvez ele não fizesse isso se soubesse que estaria sozinha.

— Ou apenas faria, Bella — não é bem o momento de bancar o advogado —, mas eu estou com vocês. Não se preocupe, Heitor é tão procurado porque ele é bom no que faz. Não podemos pedir para ele não fazer.

— É que antes de sair de sua casa. — Ela solta as palavras e morde os lábios. — Ele... hã, meio que confessou que quer conversar com você.

Isso, eu acredito que todos sabemos a este ponto.

— E sabe sobre o que é essa conversa? — Seus olhos viajam até o céu claro. — Bella, não vou pedir para você me contar. Acredito que realmente seja trabalho dele. Não importa o que seja, apenas ele pode fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Concordo. — Ela sabe!

Meu estômago revira, queria mesmos saber do que se trata tudo isso, mas terei que esperar até o momento que nosso tempo livre irá colidir.

Marco estende a mão para ela pegar, que balbucia *um* “desculpa”, apenas assinto. Vou lado a lado com Ben. Ele tem o braço em meus ombros e as mãos dadas a Eli. Nossas conversas vão variando conforme o cenário, em alguns momentos encontramos casas históricas, que toda a arquitetura remete à fundação da cidade, e logo depois vem construções novas, como prédios espelhadas e modernos.

A cidade continua se mostrando uma mistura entre amor e razão. Ao mesmo tempo em que vemos casais felizes, há moradores se movimentando para ir ao trabalho. Aqui tem muitas universidades, fazendo com que muitas pessoas se mudem para cá, atrás de cursar uma graduação.

O resto do percurso fizemos de carro, o mirante fica mais afastado da parte central. Deixo meus pensamentos vagarem, lembro da proposta do livro e como isso fará meus pais felizes. Em muitos

PERIGOSAS ACHERON

momentos eu não acreditei que esse dia fosse possível, mas ele está aqui. Queria ter contado a Heitor em outro momento, provavelmente junto com o meu “eu te amo”, mas a cada momento eu prefiro segurar tudo dentro de mim. Não quero que pareça desesperado, mesmo que seja como me sinto quando não estou com ele ou brigamos. Eu me sinto desesperada pra desfazer aquilo, apenas deitar contra seu peito e ver filmes em preto e branco.

Eu amo nossos momentos, mesmo breves, mesmo sendo em finais de semana ou chamadas de vídeo. Eu não esperava me sentir ligada assim a alguém que não fosse meu irmão. É como se fôssemos capazes de dividir pensamentos. Mas eu...

— Eu amo Heitor — deixo sair.

Os quatro rostos estão virados para mim em um misto de surpresa e desentendimento.

— É o que vim fazer aqui — continuo. Agora eles se entreolham.

— Está me dizendo que esse final de semana se trata de você declarar seu amor por Heitor? — Eli questiona, como se agora entendesse toda minha

PERIGOSAS ACHERON

frustração.

— Sim. — Minha voz é um fio distante.

— O que está tentando nos contar? — Eli inquire, esperando uma explicação.

— Por isso estou irritada — confesso, mas nem mesmo sei a necessidade de expor tal sentimento. — Acho que fiz merda ao deixá-lo para trás.

— Gio, Heitor entende que veio para não ficar sozinha — Bella argumenta. — Não seria justo impedir que curtisse um pouco.

— Não pareceu bem uma atitude de uma pessoa que ama outra — respondo, soa meio idiota aos meus ouvidos.

— Isso não tem a ver com você amá-lo — volta a argumentar. — Está com medo de que ele duvide de seus sentimentos porque o deixou sozinho no hotel? — Não respondo. — Isso não significa que seu amor não é verdadeiro, mas que você também se ama acima de muita coisa. Deixar Heitor lidar com um café da manhã sozinho não tem a ver com amar ou não. É a vida adulta, Giovanna. Vão ter dias em que tudo parecerá que irá desabar, dias em

PERIGOSAS NACIONAIS

que precisará comer sozinha e outros que o *não* será muito apreciado por vocês mesmos. Ele sabe o que está acontecendo. Todos têm trabalhos e sabemos que às vezes, significa que temos que trabalhar o dobro, ele não pode ficar irritado porque saiu. Não pode exigir que fique em um quarto trancada. Ele pediu isso?

Nego com a cabeça. Ela exhibe um sorriso gentil e toca minha perna.

— Por que a gente não compra algo para ele?
— Eli sugere. — Não sei, deve haver algo aqui que seja lembrança de Saturno. Assim terão o que lembrar. Nem mesmo que seja um chaveiro.

— Eu vou ganhar um chaveiro? — Ben questiona.

— Não sei — Eli responde olhando com uma ponta de descaso. — Quer um chaveiro?

— Então Heitor ganha um chaveiro — Ben está apenas a irritando —, e eu não?

— Meu Deus, Benjamin — repreende. — Compraremos três chaveiros, assim quando forem para o parquinho não precisam ficar com ciúmes.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela se volta para mim. — Heitor entende, está apenas tão frustrado quanto você. Ele está claramente desesperado por um momento juntos. Apague essas projeções erradas, está bem?

— Então chaveiros? — Marco encerra a conversa quando chegamos ao estacionamento. — Esperando para o momento no parquinho.

Bella revira os olhos e sorrimos.

A escada para a parte elevada da cidade é imensa. Provavelmente é o lugar mais elevado de toda a cidade. Vamos subindo pela longa escada íngreme. Deixo o ar limpo e forte varrer meus pulmões e levar um oxigênio mais límpido até meu cérebro meio embriagado da noite anterior.

Com os pulmões ardendo como brasas acesas, chegamos ao topo. Cansados, claramente exaustos. Mas a visão é quase enlouquecedora. A paz que é transmitida, o silêncio do lugar, junto ao barulho das folhas nas árvores, deixa o momento tão mágico que eu poderia morar neste mirante para sempre. A cidade a frente é imensa e tudo que vemos daqui é uma contradição de cenário: a natureza tentando se manter imaculada, o concreto

se impondo. Progresso e natureza duelam para se manterem inalteráveis, mas não tem como fazer um sem destruir o outro e esse é o problema.

— Uau — Bella sussurra se aproximando da barra de proteção. —É como ver o todo.

Não respondemos. Estamos tentando ao máximo absorver aquela paz, naquele momento tão simples e tão cedo. Com certeza era isso que Bella esperava. O céu claro, os raios mornos de um Sol quase preguiçoso sobre nossas cabeças. O vento delicado sobre nossa pele, nos deixando com um frio, elevando todos os nossos pelos.

Trocamos olhares calmos, sem manifestação de vozes. É como se não precisássemos de mais nada, não a este ponto. Pego meu celular para tirar uma foto para enviar a Heitor. Ele precisa ver isso ao menos por foto.

Eli aponta em direção ao planetário e mais ao longe o observatório da Universidade Federal de Saturno. É quase uma cidade que clama para ser habitada. Com uma história envolvente e um cenário de tirar o fôlego, nos faz pensar como seria viver dia e noite em Saturno. Conviver com todas

PERIGOSAS ACHERON

as referências do espaço.

Mais ao longe, podemos também ver a enorme Catedral com a escadaria de mármore branco, imponente atrás da *Fonte Di Speranza*. Provavelmente não conseguiremos visitar todos os pontos turísticos ou mesmo os melhores. Segundo Bella, em uma viagem de carro pela parte da reserva natural que mantém os animais em preservação, tem uma cachoeira de águas cristalinas. O convite para ir ainda não foi feito, mas tudo pode acontecer. A cidade é feita de natureza transcendente. Eles levam a sério a preservação das reservas e animais.

Afasto-me da barra de proteção em direção aos bancos de madeiras que combinam com a estrutura de madeira firme, o que deixa esse passeio confortável. Sento-me no banco olhando diretamente para o céu.

Volto ao celular e envio a foto que acabei de tirar, por mensagem.

“Não quero brigar com você. Mas não posso evitar como me sinto, porque tudo que mais queria é que estivesse em todas as essas memórias. Não

PERIGOSAS ACHERON

me culpe por isso.”

O grupo se espalha indo para extremidades para ver em volta da cidade com mais precisão. Meu celular apita.

“Você é uma excelente fotógrafa. Teve um ótimo professor. Não estou a culpando, Gika. Quero exatamente a mesma coisa, apenas não posso lhe proporcionar isso, nesse momento. Nem que no futuro voltemos aqui sozinhos, mas teremos memórias eternas de Saturno, quanto a isso, posso lhe garantir”

Devolvo o celular ao bolso e sorrio para o tempo. Memória eterna é algo muito, muito fácil de conquistar quando apenas a sensação da pessoa causa grandes catástrofes dentro do seu estômago. Nada de borboletas, são delicadas demais.

Nove

Depois de um café da manhã *nada* saudável, decidimos matar um pouquinho do tempo até irmos para o planetário. Estamos mesmo aproveitando cada segundo na cidade e estou feliz. Pela primeira vez, me sinto genuinamente feliz por estar caminhando quilômetros, porque quando calcular nossos passos, provavelmente chegaríamos à Lua.

Mas Saturno é o tipo de cidade que precisa ser conhecida em longas caminhadas, estar próxima, estar *perto*. Bella continua nos contando histórias que aconteceram aqui, ainda no Guia Turístico de Saturno.

Ben e Marco vão andando mais a frente, Marco recebeu um e-mail sobre alguma coisa que está acontecendo no mundo dos esportes, e eles resolveram fazer um bate-papo. Eli e Bella estão andando ao meu lado, estou no meio e seus ombros ficam me empurrando para um lado e para o outro,

estou quase tonta com isso.

— Você realmente ama meu irmão? — a voz de Bella rompe o silêncio. — Sabe, porque é importante para mim. Não só pensando nele, mas pensando em você.

— Eu realmente amo seu irmão — afirmo, ela sorri gentil. — Não sei como aconteceu, mas não temos fórmulas para tudo, não é?

— Eli, você ama o Ben? — Hoje, Bella quer mesmo que compartilhemos nossos segredos *obscuras*.

— Foi o melhor ano da minha vida e ele nem estava aqui. — É uma afirmação muito forte, até. — Não sei, a gente vai ficando adulto e entendendo o que importa de verdade. Óbvio que senti a falta da presença física, mesmo que a ida à Sonora tenha sido dois dias apenas, mas quando é um relacionamento presencial, esquecemos de dizer várias coisas, assim não. É como se o que está no exterior não importa.

— Sonora realmente foi a melhor viagem das nossas vidas. — Bella está meio nostálgica. — Sério. Gio escreveu seu livro. Eli conseguiu enfim

PERIGOSAS ACHERON

seguir em frente, e eu conheci o Marco, quer dizer, fiquei. Mas também amadureci muito desde o festival. Gosto da sensação de ser adulta, o que eu detestava até o festival. Foi como um ritual de passagem para mim.

— Amor, posso jogar sinuca? — Marco se vira para Bella em um gesto quase infantil. — Ben quem me chamou.

Ele aponta para meu irmão ao seu lado, Ben está analisando a expressão de Marco depois da pergunta. Bem, alguns se sentem adultos, outros precisam pedir permissão. Ninguém disse que a vida é perfeita.

— Não acho apropriado insinuar que para jogar precise da minha permissão — ela olha para ele, depois para nós duas —, mas devo informar a AMBOS que podem ir sim, contanto que não se atrasem para a próxima parada. Nós vamos a ferinha de Saturno procurar o chaveiro.

— Obrigado, tia — Ben ironiza usando literalmente uma voz infantil.

Eles entram em um bar, enquanto seguimos para o espaço movimentado. Acho que nunca estive

PERIGOSAS ACHERON

antes das oito no meio de uma cidade, mas Saturno está acordada em plena função. A feira de artesanato, denominada “Feira de Vênus” e outros tipos de mercado está a nossa frente. Caricata até, lembrando filmes. Os mercadores estão conversando alto e imponente, não sei se um chaveiro vai ser algo realmente que faça sentido comprar para lembrar a Heitor que estivemos aqui.

Não dá para chegar com um chaveiro e dizer: Olha, eu amo você e tome aqui esse chaveiro. Não combina. Apenas *não combina*.

As barracas são padronizadas, mesma proporção, várias cores, dando um charme ao local. As pessoas estão sorrindo, elas estão gargalhando e interagindo. As vozes estão se misturando e se tornando indistintas. Bella vai olhando minuciosamente as peças, que provavelmente foram feitas à mão, são coloridas e com bons acabamentos.

Confesso que estou mais impressionada pelas pessoas ao redor, do que pelas peças expostas. Eli se volta para a barraca que tem roupas feitas à mão, renda para ser mais precisa. A vendedora está

dizendo que são peças que saem em maioria por causa dos turistas que vão para parte da reserva onde tem o rio. Ela não está muito se importando com essa parte da história, Eli quer mesmo levar a peça, provavelmente pensando em algum editorial, algo do tipo.

Ela ama esse tipo de viagem e acaba sempre divulgando tudo de diferente que faz nas redes sociais, eu não teria a energia para viver divulgando minha vida, até porque vivo em frente a um computador, o que não é algo que chame a atenção, a não ser dos criadores de computador, mas esses não querem saber da minha vida.

— Bella, em seu planejamento de viagem tem espaço para irmos até a tal reserva? — Eli questiona segurando duas peças suspensas na altura dos olhos.

— Temos a tarde livre — Bella responde do outro lado, mas quando nota o vestido rendado na mão de Eli, deixa as peças de decoração na outra barraca e segue em direção a amiga. — Eu definitivamente quero. Moça, volto em dois minutos — ela fala para a vendedora da antiga

barraca.

— Então agora vamos à reserva também? —
questiono, elas assentem. — Está bem.

Elas estão quase discutindo sobre as peças, não me envolvo. Fico apenas observando, a vendedora parece quase emocionada com todos os elogios de Eli. Bella explica que Eli basicamente vive de falar mal ou bem de peças de roupa, juro que vi uma lágrima desprender pelo rosto da *quase* senhora.

Paro em frente a barraca em que Bella estava antes. Preciso comprar algo para sua *futura* casa. Acho que a fará feliz algo que veio de Saturno. A feirinha de Vênus é algo que precisa ser lembrada.

Há uma espécie de prato para decoração de parede. Nele há desenhos a mão da *Fonte de Speranza*. Em outro há os planetas alinhados como uma representação do Sistema Solar. Mas o que me chama atenção é o que representa o *Gramado de Urano*. É o local do seu futuro pedido de casamento. Aproximo-me da vendedora e com discrição peço que enrole o objeto de decoração, digo que é presente e a moça loira e animada não

PERIGOSAS ACHERON

pode ver. Ela concorda com a cabeça e discretamente faz o que pedi.

Finjo estar olhando as outras peças da barraca. Há um peso de papel com Saturno no topo. Acho que seria um bom presente para Heitor, isso sim diria que estivemos em Saturno, apesar dele não usar tanto papel. Não sei, pelo peso também pode ser uma arma letal. *Vou levar.*

— O que está fazendo? — a voz de Bella me faz saltar.

— Meu Deus, Isabella! — Coloco a mão sobre o peito. — Comprando o presente de Heitor.

— Concordamos em um chaveiro. — Foi? — Acho que deveria se manter ao plano.

— Está dizendo que devo comprar apenas um *chaveiro* para seu irmão? — Ela assente, Bella não pode estar falando sério. — Escute o que está falando, Bella. Por Deus. Não é porque *não* estou em pleno contentamento que devo levar um chaveiro.

— Concordo. — Élida suspende uma sacola aos meus olhos. — Seu presente. O de Heitor deve

ser um chaveiro.

Preciso mesmo analisar bem o que estão me induzindo a fazer.

— Faz mais sentido o que comprei. — Pago a vendedora e pego as sacolas. — Não ajam como se fosse certo. Eu posso comprar o chaveiro também.

Agradeço pelo presente, mas não questiono o que seja.

— Certo, eu acho mesmo que deveria ser um chaveiro. — Bella volta até a barraca que eu estava e compra o que estava escolhendo. — Precisa ensinar uma lição para ele.

Semicerro os olhos. Não é possível que Bella acredite que o irmão está fazendo de propósito. Ensinar uma lição sobre uma coisa que ele não tem controle, não parece uma declaração de amor épica.

Continuamos nossa exploração pelas barracas da Feira de Vênus. Agora encontramos uma barraca de acessórios, pulseiras feitas a mãos, coloridas. Bella disse que precisamos de um acessório em comum.

— Precisamos de uma pulseira igual — Bella

declara, mas Eli estreita os olhos.

— Claro, depois disso podemos fazer uma tatuagem também — desdenho.

Ela eleva o dedo no ar como se fosse uma ideia genial. GENIAL!

— Meu Deus, Giovanna! — Seus olhos parecem que irão pular da órbita. — Vamos fazer uma tatuagem!

— Bella, não querendo ofendê-la — Eli se aproxima bastante —, mas você está drogada?

— Não! — responde, mas poderia jurar que sóbria não está. — Meu Deus, é genial. Quando voltarmos para casa, iremos fazer uma tatuagem.

Não contrariamos, ao menos ela não quer nos levar ao um estúdio de tatuagem nesse momento.

Depois de comprarmos as pulseiras iguais e outros acessórios, encontramos uma barraca aonde têm os tais chaveiros e outras coisas. Mas está lá. Espero que Heitor não leve isso para o lado pessoal, é apenas uma brincadeira. Bella exige que eu compre dois iguais. Bem, eu faço, porém com a desculpa que ela também comprasse um para ela e

Marco. Eli apenas compra dois sem ninguém mandar, mas eu tenho meus motivos para fazê-la comprar.

A frase do chaveiro de ferro é: Estive em Saturno e lembrei de você.

Acho que é bom ser lembrado, às vezes.

Encontramos os garotos de volta na saída da Feirinha de Vênus. Agora é partir para o planetário.

**

O Observatório Astronômico de Saturno é um lugar realmente encantador. Bella desta vez não tinha uma narrativa envolvente, sinceramente ela nem mesmo abriu a boca. Não sabia que ela gostava tanto de astronomia, mas parece que nossa pequena Isabella realmente gosta e entende do assunto. Não foi à toa que escolheu e insistiu nesse destino.

Viver com a mente nas estrelas é uma coisa, agora conhecê-las como algo real é o oposto. E ela repreendeu as piadas de Star Trek e Star Wars que Ben e Marco tentaram empregar. Preciso confessar que não domino nenhum dos dois assuntos, mas

eles estavam lá. Continuei apenas observando o espaço cheio de histórias milenares e que me fez ir longe, distante. Absurdamente para fora daqui. Estava anos luz de estar com a mente no planetário ou no Observatório Astronômico de Saturno.

Preciso confessar que quando o passeio acabou, me senti aliviada. E esperei que Bella não fizesse nenhum *quiz* sobre o que vimos.

Até a hora do almoço, Heitor não tinha dado nenhum sinal de vida, então apenas deixei para lá. Não quis mesmo saber aonde ele se encontrava. Outra vez, devo ser uma namorada muito exemplar.

Já tinha confessado meu desejo de descansar um pouco, então agora estamos voltando para o hotel, mas Marco inventa a desculpa mais estranha para falar comigo.

— Não podemos ir à reserva — sussurra em minha direção. — Não dará tempo.

— E o que faremos? — Porque fugir não é opcional.

— Vou enviar uma mensagem para Heitor. — Pega o celular, apenas a menção do nome faz

meu coração disparar. — Vou pedir para ele ligar para você e pedir fotos para alguma coisa. Está bem?

Assinto e menos de nove segundos meu celular vibra no bolso.

— Oi, HEITOR — digo seu nome com ênfase para o resto do grupo notar.

— É sobre o que mesmo? — Ele pergunta, limpo a garganta para me abster de uma resposta. — Ah, o pedido, não é?

— Sim, isso — todos param, mas eu queria mesmo que não estivessem me olhando. — Ah, Heitor. Não sei se Marco vai querer ir. Por que prometeu isso?

— Do que está falando? — Solto o ar descontente, mas ele não sabe imaginar mesmo. — Espero que esse plano dê certo.

— Está bem — digo, nossa conversa não faz sentido. — Posso ver com o Marco. Acho que ele não gosta muito de ser meu motorista, mas esses favores irão para sua conta.

— Gio, está me culpando indiretamente? —

Preciso sorrir. — Não faça isso. Ou quer que eu me demita?

— Longe de mim — desdenho. — Faça o que tiver que fazer. Até algum momento.

— Nos vemos mais tarde. — Me deixa saber, mas antes que eu responda já está falando com outra pessoa.

Encerro a ligação e olho para Marco.

— Bella, posso roubar o Marco um pouquinho? — Ela olha para ele que dá de ombros. — Tipo, quase a tarde toda? Heitor disse que podia usar o carro dele para ir até a reserva.

Não, Heitor não disse, mas ele vai dizer.

— Está bem. — Não parece satisfeita, mas não vai dizer para o namorado não supostamente ajudar o irmão.

Peço alguns minutos a Marco para poder tomar um banho, o cansaço do dia está em minhas pernas, e na esperança de encontrar Heitor no quarto. Ledo engano da mortal que reside em meu corpo. Não há ninguém. O quarto está vazio.

Quero gritar, pois é o que sei fazer de melhor.

Mas não faço, vou apenas tomar banho e preparar o pedido perfeito da minha melhor amiga.

10

“As palavras não ditas, formaria belos poemas de amor” – Eis que minha decepção pode se transformar em meu novo romance. Sorrio para meu reflexo no espelho de uma loja do shopping. O Shopping de Saturno também é uma coisa de outro planeta.

Estou olhando fixamente para as lanternas decorativas, Marco quer algo para iluminar o espaço durante o crepúsculo, então precisamos de algo que não apague com o vento. A vendedora da loja de decoração nos indicou esse corredor. Estamos olhando para umas lanternas redondas de luzes brancas. Ele está realmente engajado em fazer esse pedido ser perfeito. Gosto da determinação, preciso confessar.

— Conseguiu falar com Heitor antes de sairmos do hotel? — Nego com a cabeça, sua expressão muda para algo empático. — Gio, não deveria me meter, mas consegue entender o que

está acontecendo? — Acontecendo? — Quando tem campeonato ou qualquer sobre esporte minha vida vira um caos, não gosto da ideia de priorizar o trabalho, mas às vezes, são coisas que somente nós mesmos podemos fazer. Eu falei com ele ontem, está muito chateado, pode ter certeza.

— Não precisa defendê-lo — digo, mas tenho medo de soar arrogante. — Eu entendo, Marco. É quase ofensivo insinuar que não entendo. Mas não quer dizer que preciso ficar em pleno contentamento quando eu realmente queria estar fazendo esses programas com ele, não sozinha.

— Essa doeu. — Sorrio. — Entendo. Estar com seus amigos quando queria estar com seu namorado é a mesma sensação que estar sozinha.

— Soou como uma coisa ruim. — Coloco nove lanternas dentro do carrinho. — Não, não é isso.

— O que seria? — Sorrio para ele. Marco leva a sério esse negócio de sermos amigos. — O que? Prefere contar para Bella? Eles são irmãos, geneticamente feitos para defender um ao outro.

— Que belo argumento. — Ele aponta em direção ao corredor de confecções. Esse

PERIGOSAS ACHERON

supermercado é enorme e completo. — Eu só queria dizer para ele que estou lá, sabe? — Ele nega com a cabeça. — Estou no ponto em que eu o amo e queria mesmo que fosse sobre isso. Já são duas noites desperdiçadas e não consigo lidar bem. Não sou obrigada. Em algum ponto se ele não disser não a Apolo, vamos apenas notar que não fizemos nada.

— Por que não fala para ele? — O olho de soslaio. Marco acha mesmo que tivemos tempo.

— Marco, porque o maior espaço de tempo que tivemos juntos foi quando almoçamos ontem. — E brigamos, porém decidimos deixar para outro momento. — Estou mesmo tentando não ser a garota que despeja sua frustração no namorado, mas quando Bella me falou sobre o livro, eu só pensei o quanto queria contar para ele. Heitor está certo quando “brinca” que sem ele não existiria livro, porque não haveria mesmo. Porém era para ser nosso momento e quando eu contei para ele, me senti sem graça, sem entusiasmo. Não era para ser assim.

— Gio, vocês terão muito tempo para

comemorar o livro. — Teremos? Tem uma bola de cristal? Aonde ela está? Não me diga que no meio das pernas. Eu queria agora, não semana que vem. — Está feliz pelo que ele ganhou?

— Claro! Tinha que ganhar realmente — digo, elevando a voz. — Ele é um profissional excelente. Às vezes, preferia que fosse mediano, assim eu o teria mais um pouco para mim, mas esse é meu lado egoísta.

— Acho que nos tornamos um pouco egoístas quando se trata das pessoas que amamos — falou com tanta propriedade que não me sinto mais tão lunática. — Mas é a vida, não é? Todos procuramos realizações, porém nunca aceitamos que não conseguiremos tudo. Ele vai notar que vai ser errado não aproveitar nada.

— Você é um bom amigo, Marco. — Ele sorri. Marco continua extremamente lindo, mas como já havia atestado antes: não importa. — E obrigada por ter falado com sua mãe. Não deve ter sido fácil.

— Ah, foi fácil. — Preciso olhá-lo. — Giovanna, se seu livro fosse bom, nós não teríamos levado até minha mãe. É um excelente livro, com PERIGOSAS ACHERON

uma mensagem. Não fizemos isso por sermos seus amigos, acho que precisa mais do que uma boa amizade para publicar um livro, ele tem que falar por si só. Minha mãe faz isso há séculos, e sabe reconhecer realmente o que é bom.

Passo meus braços em volta do seu corpo, prendendo seus braços em um abraço desajustadíssimo. Ele sorri.

— E ela é realmente humana. — Dou um tapa de leve sobre seu braço. — Calma, Gika. O amor faz isso. E obrigado mesmo por fazer isso comigo, eu não tenho ninguém além da minha mãe, não tenho irmãs. E quando nem Ben e nem Heitor estiver por aí, sempre pode me ligar, está bem? Nem que seja para abraçar e bater ao mesmo tempo.

— Você é estranho — esbarro em seu braço —, mas gosto da proposta. Um dia, se seu *futuro* cunhado perder o medo de casamentos, podemos “ser” da mesma família. Não que eu esteja esperando um pedido de casamento.

— Nossos filhos serão primos. — Preciso revirar os olhos. Agora ele fará planos. — E nosso

PERIGOSAS ACHERON

primogênito seu afilhado, não esqueci disso.

— É bom mesmo. — Paramos em frente a prateleira com toalhas para piquenique. — Olha, vamos pegar a tradicional vermelha. Vocês são um clichê mesmo.

— Como você pode ser adorável e perversa ao mesmo tempo? — Dou de ombros exibindo um sorriso. — Mas a vida é feita de clichês, precisa superar isso em algum momento.

Pego a toalha o levando para a parte das bebidas. Precisamos mesmo fazer isso logo, o dia está se encerrando. Não sei como faremos isso sem levantar mais suspeitas do que já tem.

Além de álcool, Marco resolve comprar vários tipos de doces. Bem, se ele quer que a futura noiva tenha diabetes está no caminho certo. Como não somos obrigados, resolvemos comer jujubas.

Ele conta que está nervoso, muito, por sinal. Se fosse eu, estaria tendo ataques cardíacos. Com a intenção de saber aonde se encontram nossos amigos, ele liga para Bella que informa que ainda estão na reserva. Como demoraram para sair,
PERIGOSAS ACHERON

decidiram ficar mais um pouco. A segunda parte do plano requer que não tenha ninguém no hotel.

Segundo Marco, podemos nos trocar e seguir para o Gramado de Urano. Fingimos que o carro quebrou e eles irão até lá. Concordo com o plano quase genial. Quase, porque quem ainda está no topo dos planos geniais é a tatuagem.

**

Quando abro a porta do quarto, me deparo com Heitor, devidamente vestido com uma camisa social.

— Está muito mais bem vestido que a futura noiva. — Ele olha para a própria roupa e abotoa o relógio no pulso esquerdo.

— Gika... — Já estou mesmo revirando os olhos e cansada de ele falar meu nome daquela forma. — Não vou poder ir ao pedido.

Começo a gargalhar. Mas ele está sério. Não pode ser.

— Está mesmo dizendo isso? — Estamos de lados opostos. — Inacreditável. Heitor... Quer saber. Boa viagem para onde quer que você vá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Giovanna... — Ele vem em minha direção, mas eu já tinha falado sobre isso. — É minha última reunião. Podemos...

— Não, não podemos — digo, ele tenta pegar minha mão, mas a este ponto eu não quero contato. — Não é sobre você ou sobre mim. É sua irmã em um dos momentos mais importante da sua vida. Não precisa contar desculpas para mim, não sou a pessoa que vai precisar delas.

Ele está parado, totalmente inerte. Não digo mais nada e saio de sua frente. Preciso me trocar, Marco logo baterá na porta.

— Gika, se não fosse importante. — Se não fosse importante? — Será pior se eu faltar.

— Tchau, Heitor — digo, não estou mesmo a fim desta conversa.

— Giovanna, preciso que... — Agora preciso olhá-lo, porque ele realmente não quer fazer isso agora.

— Precisa do que? — Apoio minhas mãos na cintura. — Preciso entender? A este ponto eu não me importo. Mas eu me importo com sua irmã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você quer que eu entenda? Estou entendendo. No futuro, jamais irei te incomodar com o que penso, pode ter certeza. Agora não faça parecer que quer estar comigo, *mas* realmente precisa estar em outro lugar. A este ponto tudo seria um desastre se tivesse sido somente nós dois.

Alguém bate na porta. Ele fecha os olhos e pondera se vem em minha direção ou apenas se vai.

— Assim que eu voltar — PROMESSA? —, iremos conversar. Por favor, Gio, não deixe isso afetar sua noite. Quando eu estiver livre, ligarei.

— Depois do pedido iremos para Plutão. — Ele volta a me olhar.

— Pode ao menos me esperar? — Pede. Com muita coragem.

— Não — respondo imediatamente. — Não irei esperar. Se quiser, pode nos encontrar em Plutão. Agora, não peça para eu esperar aqui para o eventual momento que voltará. Não é um cometa, Heitor. Não posso sentar e esperar o acontecimento.

— Gio... — Eu vou jogar a droga o peso de papel na cabeça dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apenas vá, Heitor — peço e não espero resposta.

Entro no banheiro e bato a porta com força e velocidade.

Deixo o ar sair e infelizmente as lágrimas descem de forma inevitável. Não me preparei para tamanha frustração a este ponto.

PERIGOSAS ACHERON

Onze

Está tudo pronto. Perfeitamente arrumado. Há outras pessoas em volta, sentadas em toalhas de piquenique, observando o céu. Casais juntos, abraçados. Há luzes mais distantes e fracas, o céu realmente é o foco.

Lamento em pensamentos ter sido tão grossa com Heitor, mas a este ponto, não consigo mais lidar com todo esse trabalho. Esse momento é de Bella, ele deveria ter dito não, Apolo entenderia, mas não, ele preferiu dizer não para a pessoa errada, acredito que é um grande problema da população, encontrar as situações em que devem dizer não.

O plano de Marco está funcionando perfeitamente. Conseguimos falar com Ben sobre levá-las ao hotel e sugerir que ficassem prontas para boate, segundo a última mensagem de texto elas estranharam, mas Ben argumentou que antes de irmos, iríamos jantar em algum lugar e não

valeria a pena voltar à para o hotel.

— Ei, Gio — Marco chama a minha atenção, enquanto observo o nada. — Confesso que também estou irritado com Heitor.

— Não estou irritada — digo, mas minha boca está seca. — Estou decepcionada.

— Isso também — concorda. — Está com medo? — Desvio minha atenção até ele. — De ser assim para sempre? Primeiro foi à Síria, agora essa viagem. Será que está com medo de não conseguir o que quer desse relacionamento e por isso está com medo de aceitar que ama uma pessoa como ele?

Continuo o encarando. Medo? Será que as palavras não conseguem romper a barreira da minha boca por medo? Nunca considerei que esse seria o motivo principal, mas olhando para Marco me fez perceber que ele tem umas teorias certas.

— Você acha que será assim para sempre? — Minha voz é um sussurro rouco. — É isso?

Ele nega com a cabeça.

— Eu quero essa resposta de você — Inalo o ar

com força e depois o deixo sair.

— Tenho — digo, sem pensar em mais. — Não lido bem com frustração e sou apegada a promessas, só faça uma se puder cumprir. Fora isso, não faça a maldita promessa.

Ele se arrasta um pouco, ficando ao meu lado. Estamos sentados na ponta da toalha, ficamos totalmente lado a lado. Sinto meus olhos arderem, mas não quero que as lágrimas caiam. Apenas parece humilhante demais me sentir assim.

— Gio, não chore — diz, ao ver que estou mesmo em luta interna. — Não foi minha intenção. — Ele passa o braço em volta dos meus ombros e me abraça de um modo estranho. — Não borre sua maquiagem por Heitor, na verdade, por ninguém. Ele vai perceber que perdeu muito nessa viagem. Não é possível que um cara que consegue traduzir a realidade dura em quase poesia, vá apenas desperdiçar o momento com uma garota como você.

— Está sendo gentil. — Sorrio. — Não precisa ser gentil.

— É, seremos família. — Ah, OK. — Bella

PERIGOSAS ACHERON

tem você como irmã, eu também quero você como irmã.

— Gosto de como pensa. — Limpo a lágrima que realmente desceu. — Vai ficar tudo bem, espero que Bella possa perdoá-lo.

— Está fora do seu poder — diz, e está mesmo. — Precisa mesmo se preocupar com o que atinge você diretamente, entre Bella e Heitor, eles terão que lidar com isso. Também não gosto da decisão, mas não podemos controlar a vida de outra pessoa, as decisões dela. Tudo é uma questão de escolha.

— Queria que ele tivesse me escolhido como estava determinado quando fez o convite. — Nem mesmo eu sabia que meu nível de frustração era imenso. — Vou superar, em algum momento. Espero que Bella também.

Ele coloca uma pequena barra de chocolate sobre minhas pernas. Sorrio para o gesto, claro. O que chocolate e álcool não mata?

Ben avisa que estão chegando, agora Marco parece uma pilha de reações nervosas. Seus olhos estão aflitos e seu rosto pálido. Ficamos em pé e digo para ele se esconder atrás do arbusto, será uma

PERIGOSAS ACHERON

reação melhor quando ela me ver sozinha.

Meu vestido balança em minhas pernas e eu o seguro ao ficar em pé. As luzes das lanternas em forma de globo estão ligadas ao redor da longa toalha de piquenique. No extremo da toalha está tudo que compramos para nos embebedarmos. É a parte pela qual estou muito ansiosa.

Os três vêm em minha direção. Eli está me olhando com dúvidas, Ben sorri entendendo tudo e Bella parece irritadíssima. Está devidamente maquiada e em um vestido super leve, florido, porém preto. Será um momento memorável e provavelmente irá agradecer por ter insistido que ela se arrumasse.

— Achei que o carro estava quebrado. — Aponta para a toalha e apoia as mãos na cintura com irritação. — Cadê meu namorado?

— Trouxe o chaveiro? — questiono. Pedi que ela trouxesse o chaveiro que tinha comprado para Marco.

— Sim, querendo mesmo saber o motivo — responde, entediada.

Ben e Eli param mais distantes, enquanto eu dou um passo para fora da toalha e vou em direção aos dois. Bella gira seguindo meus passos com os olhos. Então Marco aparece, mas ela não o vê. Então ele se ajoelha logo atrás dela e eu aponto para onde ele está em pleno equilíbrio sobre um joelho e uma caixinha preta erguida na frente dela.

Ela leva uns segundos até quebrar o contato visual e olhar para seu namorado no gesto mais romântico da vida dele. Suas mãos vão a boca imediatamente, mas está completamente imóvel. O céu está com poucos reflexos do Sol e as estrelas brilham ainda tímidas demais sobre nossas cabeças.

— Bella — Marco diz o nome dela, mas ela está totalmente petrificada. — Não sei por onde começar a fazer essa pergunta. Eu tive o melhor ano da minha vida, sem dúvida alguma, e eu prometi a mim mesmo que quando encontrasse algo que me tornasse melhor ser humano, melhor homem, me agarraria a ele como se minha vida dependesse desse algo, então encontrei você. E o que seria “algo” se tornou uma pessoa. Um alguém que me transformou em todos os aspectos como

humano. Não é segredo que eu a amo. Você transformou tudo que eu via como defeito em mim, em qualidades. Nunca estive tão inteiro enquanto me dividia com outra pessoa e por esse motivo quero pedir seu para sempre, e mesmo sabendo que os dias podem ser contados, as horas calculadas, estou esperando nosso infinito. — Preciso mesmo chorar. — Isabella, você quer se casar comigo?

Oh, meu Deus! Eu vou chorar.

— Como você é estúpido. — Ela passa as mãos no vestido. — Você sabia a resposta mesmo antes de perguntar, só há uma resposta certa, Marco. A resposta sempre será *sim*.

Ele volta a cor natural do seu rosto, deve estar passando muito, muito mal. Sem muito equilíbrio ele fica em pé e todos ao redor estão os olhando. Então ele dá um passo à frente e a abraça, suspendendo-a do chão.

Eli bate uma mão na outra e dá um grito de vitória. Bella se vira para nós três sorrindo e chorando. É contraditório, chorar de felicidade é muito contraditório.

— Por que vocês não avisaram a Heitor? — ela

PERIGOSAS ACHERON

questiona, mas nos entreolhamos. — Certo, ele não pôde vir. Está bem.

Não parece bem. Eu não estaria bem se Ben tivesse a escolha de estar nesse momento e “escolhesse” não estar.

Ela volta-se para *seu noivo* que pede sua mão e coloca a aliança tão delicada em seu dedo. Ela faz o mesmo e eu estou feliz por estar aqui, por ter participado. Foi muito enriquecedor para minha inspiração.

— Então era isso que estavam planejando? — Ela aponta em volta. — Ficou perfeito.

— Quem melhor do que a romancista para fazer o pedido perfeito? — Marco diz, a abraçando novamente. — Ela é boa nisso.

— Para quem não sabia como era se apaixonar — Eli ressalta. — Está muito romântica. É o amor, a latência do sentimento que causa reações químicas poderosas.

— Não, eu não tenho mérito — dou um passo em direção a Bella —, mas estou feliz por estar aqui. Agora entregue seu presente.

Ela estende a mão para Ben que soca a mão no bolso e tira a pequena embalagem com o chaveiro.

— Sua primeira aquisição para sua casa — continuo, ela sorri e entrega para ele.

— Você é muito esperta, Giovanna. — Dou de ombros. — Oh, meu Deus. Eu vou casar!

Todos caímos na gargalhada ao céu aberto. Marco indica para sentarmos na toalha para beber tudo que somos capazes, menos Ben e ele, porque irão dirigir daqui a pouco.

— Quero contar ao meus pais! — volta a falar, animada demais para se conter. — Eles amam o Marco. — Limpo a garganta e ela sorri. — Eles também a amam, Gio. Mas não é o objetivo, não é? — Reviro os olhos. — Ah, meu Deus. Está bem! Eles gostam dos dois igualmente.

— Assim está melhor — respondo.

Ela ergue o copo no nível dos olhos para propor um brinde, fazemos o mesmo.

— Saturno estava sendo uma viagem memorável — diz, mas olha para o noivo. — Estou com meus amigos e você. E agora essa viagem

PERIGOSAS NACIONAIS

tornou tudo diferente. Eu esperei que Sonora tivesse sido a viagem da minha vida, pois eu fiquei com você lá, mas talvez nenhuma supere Saturno. E eu amo saber que tudo que fazemos juntos se torna tão especial. Espero mesmo ser o tipo de companhia que quer para seu “para sempre”, tenho certeza que você é o meu para sempre também.

— E se não durar por toda eternidade? — ele pergunta, só agora se dando conta do que prometeu.

— Nem todo “para sempre” vai durar a vida toda. — Ela toca o rosto dele como se o gesto significasse outra coisa, como um código entre eles. — Mas a eternidade vai acontecer em todos os momentos que seremos felizes juntos, eu prometo.

— Eu te amo, Isabella — ele diz ao se curvar e alcançar os lábios dela.

Bebemos o vinho e deixamos o silêncio reinar por alguns segundos.

A noite chegou com a escuridão e como prometido, o Gramado de Urano é realmente o melhor lugar para ver as estrelas. Depois de beber, deitamos alinhados para observar as estrelas. O brilho realmente é encantador.

PERIGOSAS ACHERON

Bella disse que desta vez não iria nos contar uma história, preferia que nós inventássemos nossa própria história baseado no que estávamos observando. Fico feliz, até mesmo as pessoas a nossa volta, estão mudas ou trocando sussurros delicados. É como se o brilho exposto ali, no céu escuro, tivesse tocando uma espécie de melodia, porém cada um a ouve de uma forma. Talvez, as notas sejam reconhecidas por nossos corações em sua capacidade de distinguir o que está sobre nossas cabeças.

Mesmo resistindo, decidimos que é o momento de irmos embora. Procuro por algum sinal de vida de Heitor, mas não há. Desligo o aparelho, na verdade, a este ponto nada mais importa. É nossa última noite aqui.

Tento ser a melhor companhia, mas talvez a este ponto não seja mesmo.

Eli nos deixa saber seu desejo por um restaurante que encontrou perto da Feira de Vênus. Apenas concordamos.

**

Plutão é realmente como imaginei, porém, não
PERIGOSAS ACHERON

distante e pequeno, mas sim um lugar cheio de referências ao universo.

Tem um cardápio nomeado em homenagem as constelações, segundo a anotação na barra da placa. Ao lado tem a composição de cada bebida.

Continuo lendo, mas não consigo me decidir facilmente. Já passam das 22h e as pessoas estão lotando o espaço. Ben e Marco preferiram sentar-se um pouco, Eli os julgou de senhores, mas eles não se importaram. Chegam momentos em nossas vidas que sentar é realmente a melhor coisa que podemos fazer.

Bella e Eli decidem por uma bebida chamada Lynx, ainda estou em dúvida. Elas se despedem, indo para a mesa, enquanto me sento no banco e continuo encarando o grande cardápio de bebidas. Não sei o que escolher. Não mesmo.

— Diga o tamanho da sua decepção que prepararei algo bem exclusivo. — O atendente grita por cima da música e espero explicações. — Parece decepcionada.

— Talvez esteja certo — respondo, ele sorri. — Não sei, tem algum que tem a capacidade de voltar
PERIGOSAS ACHERON

no tempo?

— Não exatamente — ele pega um copo grande —, mas por sua expressão, parece precisar de uma Fornax, para queimar em cinzas toda as decepções dentro do seu coração.

— Parece mesmo saber o que seus clientes precisam. — Ele faz a mistura de bebidas e coloca o copo preenchido com líquido cor de caramelo e gelo. — Está tão na cara assim?

— Bem, se uma garota para em meu balcão — ele diz apoiado no balcão. — E encara o cardápio de bebidas como se fosse uma tela de cinema, pode ter certeza que ela não está bem.

— Boa colocação. — Dou um gole na bebida extremamente gelada.

— E é a única coisa que caras fazem. — Agora preciso ouvir. — Tem dois dias que não falo com meu namorado. Se é que ele ainda é meu namorado.

— Lamento. — Ele assente. — A bebida é boa, com certeza entendo como apagará tudo. Irei beber tanto que não vou notar. — Ele sorri como se fosse

um plano infalível. — Quase diabólico seu plano.

— Anos atendendo em bares. — Dá de ombros. — Às vezes, sei mais da vida dos outros do que da minha própria. Fique à vontade para compartilhar sua amargura. Sei que não é nenhum daqueles dois que nos observa conversar, mas continuam me analisando. Homens são tão previsíveis. Estão achando que estou jogando algum papinho para você.

— Um é meu irmão. — Não viro em direção aos casais. — A loira é a irmã do meu namorado e acabou de ficar noiva do que tem os cabelos mais escuros.

— Ela realmente está tentando ler meus lábios — ele continua, disfarçadamente olhar para eles. — O que seu namorado fez?

— Me fez vir até Saturno e trabalhou a viagem completa — digo, ao virar o que restou da bebida. — Apenas isso. Nada mais, nada menos.

— Qual o problema dele? — sua pergunta me faz sorrir. — Deve ter mesmo um problema.

— Estou tentando descobrir — indico para ele

colocar outra bebida.

Ele deposita outro copo e pede licença para atender outra pessoa no extremo do balcão. Sinto uma mão sobre meu ombro e viro imediatamente assustada.

— Cadê seu celular? — a primeira pergunta que Heitor tem a coragem de proferir.

— Está no carro. — Volto meu foco para o cardápio.

— Descarregou? — Ele passa para meu lado.

— Não, eu desliguei mesmo. — Ele passa a mão nos cabelos e continuo encarando a parede firmemente.

— Certo, está irritada — sua constatação faz uma onda de raiva desfilar por minhas veias.

Não respondo, apenas não respondo e saio em direção ao banheiro. Não posso lidar com ele agora. Não farei isso sem brigar. Então é mais fácil deixá-lo para trás agora, do que despejar todas as verdades entaladas que consegui engolir durante o final de semana inteiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Doze

Passei mais tempo que o necessário dentro do banheiro, mas a agitação não passava, então fiquei mesmo segurando a borda da pia com as mãos fincadas na cerâmica, queria ter forças para quebrar, não seria justo, mas seria libertador.

Na saída, me deparo com Eli e Bella paradas na porta do banheiro como duas guardas, apenas nego com a cabeça. Eu não quero conversar, quero um tempo, apenas um momento sozinha, não é pedir demais.

— Gio, está bem? — Bella pergunta, sorrio para Elida. Provavelmente o mais perto de entender meu estado de espírito ali, será ela.

— Vamos dar um tempo a ela — Eli pede segurando o braço de Bella. — Se quiser, posso acompanhar você até o hotel, se precisar descansar.

— Vou apenas tomar um ar — digo, apontando para saída.

— Eu vou com você — Eli oferece.

Bella não responde, mas não nos acompanha também. Marco está certo, Bella é geneticamente programada para defender Heitor, ela nunca vai abraçar cegamente meu lado, sempre haverá aquela ponta que não pode decepcionar o irmão mais velho. Bella além de tudo, o admira como pessoa, então é complicado quebrar esse pensamento do irmão perfeito e de sucesso que ela tem sobre ele. E na verdade, eu não quero. Prefiro que fique como está.

O lado de fora está tão movimentado quanto dentro da boate. Sinto a brisa noturna tocar minha pele levemente suada do espaço abafado e Eli solta um suspiro.

— Às vezes. eu me sinto mal. — Sua afirmação me faz olhá-la. — Trabalho muito; às vezes. mais do que quero ou realmente preciso.

— Não venha bancar advogada de Heitor aqui — respondo de imediato. — Tenho o direito de estar chateada, decepcionada e o que quiser sentir. Não pode pedir para uma pessoa não se sentir como ela está se sentindo. Sentimento nem sempre é causado, ele nasce do nada. O amor não aniquila

nenhum outro sentimento, então haverá momentos em que amar Heitor será a melhor sensação do universo e haverá momentos, como este, que o amor vai me machucar, porque nem sempre irei conseguir o que quero, como quero. Então sim, não posso controlar como me sinto, assim como não controlei quando me apaixonei por ele ou quando tudo virou essa droga de amor.

— Então você me ama? — a voz dele me paralisa, Eli está olhando fixamente em meus olhos. — Droga, Giovanna!

Viro-me para olhá-lo. Droga, Giovanna? Sério mesmo que é o que estou ouvindo? Logo atrás dele estão Ben, Bella e Marco. Somos a droga de um circo.

— Droga, Giovanna?! — esbravejo. Uma garota não quer ouvir um “droga” quando fala da merda dos seus sentimentos. — Você é inacreditável mesmo. Quer saber, Heitor, a este ponto eu não me importo. Eu treinei por dias como dizer essas malditas palavras a você. Pensei que haveria um momento perfeito, que vir a Saturno mesmo quando eu não queria, seria importante para

PERIGOSAS NACIONAIS

você. Então eu pensei: Por que não? Eu estava tão desesperada para me declarar, que só queria cinco minutos em sua presença. Então não me venha com: Droga, Giovanna!

— Porque esse final de semana era sobre isso!
— Do que ele está com raiva? Tem zero direito de ficar irritadinho. — O que você queria que eu fizesse?

— Dissesse NÃO a Apolo. — Ele meneia a cabeça como se aquilo tivesse sido genial, dois dias atrás. — Se ele não sabe executar a porra de um cargo, então não aceite o trabalho.

— Então você me ama? — suas palavras parecem desencaixadas do seu tom de voz.

— Eu não sei! — esbravejo sem motivo aparente. — Amo, mas não agora. Nesse momento eu não amo você.

— Não era para ser assim. — Ah, nossa. Que esperto! — Porque eu realmente tinha um plano.

— Pretendia executar na beira da estrada amanhã? — Sinto que o álcool não está me fazendo bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar essa atitude de lado por um minuto? — Assinto. — Gio...

— 55 segundos... — Cruzo os braços na frente do corpo e ele olha para Ben como se aquilo fosse culpa do meu irmão.

— Eu amo você, Giovanna! — ele esbraveja, algo quase beirando a fúria. MAS ESSE SENTIMENTO É MEU! — É isso? Eu queria dizer primeiro, por isso estou irritado. Porque eu venho me segurando há um bom tempo, mas você torna as coisas difíceis. Não fiz de propósito.

— O quê? — Sinto meu coração doer.

— Trabalhar desse jeito. — Claro, se tivesse sido, diria que é um nível de maldade bem escroto. — Eu tinha um final de semana planejado ao seu lado. Eu tinha uma pergunta muito importante para fazer, mas não tive tempo. Não tive tempo de pensar nas palavras, nem no gesto. Eu não consegui pensar em nada, além das tragédias no mundo. E isso me deixou com raiva. Giovanna, eu amo você.

Sua voz é mansa e quase delicada.

— E sempre que a olho por mais de cinco

PERIGOSAS ACHERON

segundos eu quero gritar meus sentimentos por você. — Ele se aproxima, porém não muito, o espaço seguro entre nós dois. — Porque eu a amo, com fúria, com calma, de todas as formas que você é capaz de ser. O pacote completo. O sarcasmo, a forma como se perde dentro da sua cabeça e como tenta cuidar de todos mesmo quando parece não se importar.

Respiro para responder que aquilo não é elogio, não parece algo bom essa imagem que ele está pintando, mas então ele segura minhas mãos que estavam caídas nas laterais do meu corpo.

— Eu te amo por sua imaginação. — Posso dizer que todos estão apreciando bem o show de horrores ou amores. Não decidi bem. — Você é brilhante. E o que eu quero perguntar a você é algo não para hoje ou amanhã, mas para um futuro e eu sei que ama planejar tudo, então vou perguntar e dar a chance de se preparar para isso, está bem? — Seguro o ar, não faço ideia do que seja. — Quero mesmo que sua mente brilhante divida espaço comigo.

— Por que está falando da minha mente? —

Ele sorri e aperta meus dedos.

— É a única coisa que importa. — Dou de ombros. Uau, somos estranhos. — Decidi que é a hora de abraçar a vida adulta e ter minha casa, nada de prédios. Jornalismo não está fazendo muito bem para mim. E preciso de sua resposta para saber o tamanho do espaço para seu próprio espaço, nós dois juntos escrevendo, provavelmente queimaremos muitas luzes enquanto pensamos.

— Uau — respondo, mas estou mesmo tentando processar. — Heitor, eu... eu... — Dou um passo para o lado e olho para Bella e Eli que estão com as mãos unidas na frente do corpo. — Foi por isso que me fizeram comprar um chaveiro?

— Um chaveiro? — Heitor ressalta, enquanto elas assentem. — Então isso significa que...?

— Precisamos de duas cópias. — Meu corpo relaxa diante da minha própria resposta. — Desculpa por ter sido tão incompreensível, mas eu queria que esse momento fosse nosso.

— A culpa foi minha. — Ele me puxa mais para perto. — Eu deveria ter dito não. Na verdade, até segunda-feira meu celular estará desligado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acho necessário — digo, realmente próxima a ele.

— Ah, definitivamente é necessário. — Ele joga o celular para Ben. — Vamos fazer as últimas coisas da lista amanhã e voltaremos na segunda. Eu realmente não me importo com Apolo nesse momento, porque a garota mais incrível que eu conheço me ama e nada pode atrapalhar esse momento.

— Eu te amo, Heitor — consigo dizer, sem engasgar.

— Eu te amo, Giovanna. — E com um pouco de gentileza até demais, eu diminuo todo espaço entre nós dois e beijo seus lábios.

Espero que agora não tenha plateia.

Não acredito mesmo em tudo que aconteceu nesses poucos minutos.

— Podemos aproveitar um pouco de Plutão e vocês me contam o que aconteceu enquanto estava fora — ele sugere. — Qualquer coisa, sou todo e exclusivamente seu.

— Eu disse sim! — Bella grita sem se conter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou mesmo esperar que uma resposta parta de mim.
— Vou me casar! E aparentemente você também.

Heitor não vira em direção a irmã. Ele continua me olhando como se ignorasse uma criança que está disposta a chamar sua atenção.

— Se eu continuar sem me movimentar — ele sussurra —, ela vai parar? — Nego com a cabeça, então ele se vira para ela. — Ei, Bella! Parabéns! Que bom que vai se casar com um amigo, vai ser muito, muito interessante.

— Eu sei! — Bella ignora o sarcasmo e se joga nos braços do irmão. — Mesmo texto serve para você. Yeah!

Não muda o tom de voz, mas claramente está usando o sarcasmo do irmão como resposta.

— Depois do show de amores, podemos nos embriagar? — Eli questiona com um sorriso falso. — Todo mundo ama todo mundo. Yeah, também.

Bella deposita um beijo no rosto do irmão e arrasta os outros para dentro de Plutão outra vez. Heitor leva alguns segundos até voltar a sua atenção a mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, Giovanna aceitou mesmo minha ideia? — Sabe exatamente que eu não recusaria. — Pensei que daria bastante trabalho até convencê-la. Hã... — Ele olha para dentro da boate como se só agora se desse conta de algo. — Gio, droga.

— Droga outra vez? — repreendo. Ele soca a mão no bolso e me olha com preocupação.

— Não, não parece justo Bella ter sido pedida em casamento. — Não? Como assim? — Marco acabou apenas me contando no dia da viagem, eu quero muito mesmo morar com você, se acha que não será uma boa ideia fazer isso sem casarmos antes, nós podemos mesmo fazer tudo como quiser.

— Calma aí, Romeu! — Dou um passo para trás. — Eu não sou Bella. Definitivamente não preciso de um pedido de casamento.

— Então isso é um não ou um nunca? — Está aí algo que nunca pensei.

— Precisamos decidir agora? — Ele está analisando minha expressão. — Não acho que precisamos de um contrato para sermos felizes. Se um dia, você precisar de um contrato para me fazer provar meus sentimentos por você, daí eu faço.

PERIGOSAS ACHERON

Mas eu não sou o tipo de pessoa que sonha com todo esse movimento.

— Movimento? — Ele sorri. — Somente você, Gika, para se referir a casamento como “movimento”. Está bem, só quero deixar claro que eu topo qualquer coisa com você. Também não acredito que um contrato vá nos salvar, mas estou disposto, está bem?

— Obrigada pela oferta. — Depois de movimento, somente oferta torna esse momento mais constrangedor. — Vamos pensar sobre isso no futuro. Agora, me fale sobre essa ideia. O que tem em mente?

— Bem, meu pai praticamente me obrigou a comprar um imóvel. — Claro, sonho de qualquer garota ouvir uma história que começa por “obrigou”, mas eu recusei sua proposta de casamento com “movimento”, não somos um padrão. — Eu também não acredito nisso, mas como foi tentador pensar que eu poderia fazer algo como queria. Daí notei que todos os meus planos incluíam você. Minha mãe perguntou: Que tipo de cozinha você quer? E eu respondi: Não sei, posso

perguntar a Giovanna. Ela então anotou. Em outro momento ela disse: Sabe o espaço que precisa para seu escritório? E eu respondi: Não, precisamos apenas nos certificarmos que precisa ser grande o suficiente para caberem duas mesas. Então minha mãe me entregou uma lista em branco e disse: Esses planos você tem que levar até sua namorada, não sou a Giovanna.

— Você não fez sua mãe me odiar, não é? — Ele nega com a cabeça.

— Não, mas me fez perceber que eu estava planejando por nós dois. — Sei que estou sorrindo como um serial killer que vê uma presa fácil. — Apenas chega um momento em nossa vida que parece sem sentido planejarmos as coisas sozinhos. E eu realmente quero isso com você. Nunca estive tão pronto para viver com alguém, como estou para morar com você. Só vai demorar um pouco, mas até lá. Será perfeito, porque eu te amo, Giovanna. Sem dúvidas ou arrependimento. E foi seu amor que me fez sobreviver à Síria ou a mim mesmo. E eu gosto de ter sobrevivido a mim. Quando penso em meu passado e no desespero de fugir, noto o

PERIGOSAS NACIONAIS

quão danificado estava. Consegui me reestruturar, sabendo que estava aqui. Por mim e depois por você.

— Heitor... — Ele volta a diminuir toda distância entre nós dois.

— Não, Gika. — Se aproxima dos meus lábios, mas não finaliza o beijo, apenas roça seus lábios aos meus. — Eu não me importo. Não importa o que seja sua esperança, o importante é ter uma. Não pode se culpar por eu talvez ter me apegado a você. Apenas permita que eu fique, é tudo que quero.

— Está bem — consigo dizer, depois que um nó imenso se instalou em minha garganta. — Podemos aproveitar um pouco de Plutão?

— Seu desejo é uma ordem. — Sabe ser ridículo como ninguém, mas eu o amo assim mesmo.

Voltamos a boate, mas desta vez eu estou tranquila. Eu realmente encontrei *minha pessoa* no mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Treze

Estamos todos sentados em uma mesa; somos jovens, mas não temos animação ou energia para dançar, então gritar acima da música alta acaba sendo o maior divertimento que iremos tirar dessa boate.

Heitor está com o braço sobre meus ombros, e com a mão livre segura minha mão mais próxima, enquanto conversa com Marco sobre algum tipo de esporte, está mesmo difícil de entender qualquer coisa com esse barulho. Ben, Eli e Bella estão conversando animadamente, mas outra vez, é quase impossível de se ler os lábios deles. Então desligo a mente por um instante, me permito viajar o suficiente para longe dali.

Mas parece que todos têm um alarme que soa dentro de suas cabeças para que sempre que eu estiver pronta para me lançar em meus pensamentos, ser acordada.

— Então — Heitor fala próximo ao meu

ouvido. — O que estava conversando com cara do bar?

— Que cara no bar? — Será que Heitor notou que eu não saí daqui?

— Quando eu entrei aqui, estava falando com um cara no bar. — Realmente preciso expor meu descontentamento.

— Não era um “cara” no bar — corrijo. — Era o atendente. Queria o quê? Que me comunicasse por linguagem de sinais? Como eu ia pedir alguma coisa sem me comunicar? Não tenho tempo para suas suposições e se continuar voltarei para lá. E nos veremos em casa.

— Calma — branda. Ah, não achei que seria uma opção. — É só que...

— Tem ciúmes que outros homens falem comigo? — Parece pensar bem em uma resposta. — Sabe, e se eu morasse com um cara por seis meses e nunca contasse a você?

Ele sorri agora entendendo que tudo que vai, volta.

— *Touché!* — Ele se vira o suficiente para me

ver de frente. — Naquele ponto não era importante. Mas desde Sonora nenhuma outra mulher cruzou meus pensamentos. Acha fácil, Gio? Sei lá, se apaixonar pela amiga da sua irmã? Não, não é bonito. Mesmo assim aconteceu. O que restou da Síria foram mais do que imagens na memória da câmera. Taylor e Alec sabem exatamente o que vimos e o que sentimos. Acha mesmo que um lugar com conflitos é um espaço para romance?

Sinto suas palavras me tocarem, mesmo assim, queria ter sido informada, agora parece que estava escondendo algo, como se precisasse ocultar que Taylor é uma mulher, por outros motivos.

— Não acho — respondo, mesmo querendo acabar com aquilo. — Eu gosto de saber, não importa o que. Apenas gosto de saber. Não por Taylor ser mulher, mas preciso que confie em mim para compartilhar qualquer tipo de informação. Porque eu confio em você, por isso contei sobre a morte do gato. Era para se sentir em casa, comigo, não um mundo de distância.

Ele sorri, como se agora entendesse o que estava fazendo. Era minha forma de nos aproximar

mesmo estando longe.

— Está bem, me convenceu — diz, roubando meu ar ao se aproximar. — Vamos voltar para o hotel? Acho que seus amigos aqui já tiveram bastante de você.

— E de quem é a culpa? — Não consigo me conter em rebater sua insinuação.

— Você não vai esquecer, não é? — Nego com a cabeça. — Amanhã, nós dois iremos explorar Saturno. Se os outros não puderem ficar, nós dois ficaremos...

— E Taylor e Alec? — Ele dá de ombros. — Está bem, gosto da oferta. Ah, comprei um presente para seu novo escritório, na verdade, seria para o antigo, mas espero mesmo que só use no novo, também pode ser uma arma letal. Até considere jogar em sua cabeça.

— Está me dizendo que comprou uma arma letal para meu novo escritório? — É, foi exatamente o que fiz. — Com certeza é uma mulher que pensa na utilidade dos objetos. Um dia jornalista, no outro defensor do universo. Por esse motivo quero passar o resto da minha vida com PERIGOSAS ACHERON

você. Sempre será interessante esperar por todas as surpresas que fará.

— Não vou fazer surpresa nenhuma —
defendo-me.

— Ah, acredite em mim — diz, de um modo engraçado —, todos os dias com você, são uma surpresa. Você é a pior pessoa de se ler. Nunca sabemos quando ama ou odeia algo. Então é sempre um tiro no escuro.

Ah, só elogios que aquecem o coração.

— Não parece uma pessoa agradável. — Nada que tenha a palavra “tiro”, parece bom.

— É o que torna tudo emocionante. — Ah, entendi.

— Então deveria morar com uma montanha-russa — rebato. Não me sinto “super” amada nesse momento.

— Mas você é uma montanha-russa. — Isso soa como duologia de sentimentos.

— Não é uma boa comparação. — Nem sei por que estamos brigando.

— Não importa em qual parte estamos, Gika.

— Não? Achei que importasse. — Seja na parte alta ou na parte baixa, nunca se perde a emoção. Afinal, o que vale é o passeio.

— Você é quase adorável — confesso tocando seu rosto. — Arrogante, às vezes. Cheio de si, mas quase um cordeirinho. Pena que o que há embaixo se assemelha bastante com um lobo-mau.

— E eu acreditei que não iria ganhar uma declaração de amor explícita. — Sou excelente com as palavras. — Mas então? Vamos embora daqui?

— Embora? — Bella grita sob a música curvando-se sobre o irmão. — Não, não mesmo. Eu não quero saber o que está desesperado para fazer com minha melhor amiga. Você ganhou um prêmio, conseguiu um “Eu te amo”, convenceu a mulher mais difícil que conheci na vida a se mudar com você. E sua irmã ficou noiva do seu amigo. Então vai manter sua bunda sentada aí. Não me importo se não teve tempo de aproveitar o que queria, quando estiverem morando juntos, podem fazer o que quiser, na hora em que quiserem.

Eu levo à mão a boca, porque as palavras de Bella se sobressaíram acima das vozes, a música

PERIGOSAS ACHERON

ficou lenta e o som que era ensurdecedor, agora é algo calmo. Todos ouviram a insinuação dela para o irmão, que não está desconfortável, mas a olha sem reação.

— Tenho ao menos a permissão para levar minha namorada para dançar? — Heitor questiona, eu não sou a garota que dança, mas tudo bem.

—Não — ela responde ao ficar em pé. — Você vai dançar comigo. Eu sou sua irmãzinha, mereço uma dança com meu irmão.

Ela pega a mão dele o arrastando, Ben troca de lugar com Eli e Marco apenas nega com a cabeça. Sorrio para meu irmão. Será que pretende dançar comigo também?

— Então é isso? — sua pergunta me faz sorrir. — Você vai apenas morar com Heitor?

— O que você queria? — pergunto, tranquila.

— Não está grávida, não é? — Ah, meu Deus, Benjamin.

— Está insinuando que estou o que? Gorda? Irritada? — Ele fixa os olhos nos meus. — Não, Ben. Apenas um homem querendo ficar com uma

mulher. Sem filhos.

— Quer dançar comigo? — Ele estende a mão em minha direção. — Sei que você quer.

— Quero, só porque preciso contar algo. — Seguro sua mão. — Não, Ben. Não estou grávida.

Não tão próximo de Heitor e Bella, nós nos encaixamos para a tal dança. Preciso confessar que Plutão é um tanto estranho com essas mudanças de músicas, mas acredito que ninguém consiga passar a noite com uma musica tão alta. Jogo meus braços sobre os ombros do meu irmão.

— Vou publicar meu livro — confesso, ele exibe um sorriso encantador, como se soubesse o tempo todo. — Acha que nossos pais ficarão felizes com isso?

— Muito, Gika. — Ele sorri, Ben tem uma forma de sorrir que é exclusivamente minha. — Acredito que por você e Heitor também. Bem, nossa mãe vai chorar horrores e talvez acabe em terapia, mas ela vai superar que o bebê dela cresceu.

— Não fale como se eu fosse uma criança. —

Ben ama me provocar. — Mas estou feliz que está feliz.

— Como não? Você e Heitor se merecem. — Parece algo ruim. — São perfeitos um para o outro. Precisa que eu converse com ele?

— O que dirá a Heitor que eu mesma não posso dizer? — Sua expressão demonstra pura lógica.

— Ele pode até tê-la em casa, mas você ainda é minha irmã. E eu irei protegê-la. — Isso foi uma ameaça? — Não gosto de ficar longe de você.

— Nem eu. — Recosto minha cabeça sobre seu ombro. — E eu sinto sua falta. Muito mesmo. Ainda é meu homem favorito.

— Estou mais tranquilo agora. — Preciso sorrir de sua resposta, mas quando abro meus olhos, há outra pessoa me encarando. — Será que um cara pode ter um momento com a própria irmã ou está difícil?

— Você a teve o final de semana inteiro — Heitor rebate.

— E de quem é a culpa? — É quando provamos que somos irmãos. — Estou te olhando,

Heitor. Nunca saberá o que lhe atingiu.

— Não esperei nada menos que isso, Benjamin — Heitor responde para Ben, mas me olhando. — Obrigado pela compreensão.

Ben entrega minha mão ao meu namorado como se aqui fosse um baile do século passado. Ambos têm a mesma altura, o que significa que sou bem menor, recosto minha cabeça contra o seu peito e inalo seu cheiro familiar. Agradeço realmente a sequencia de musicas lentas, minha cabeça parecia congestionada com tanta batida desordenada dessas músicas, que não são grandes sinfonias, mas a galera parece amar, mas não faço parte da galera, nem de perto, muito menos de longe.

— Ninguém vai ignorar o fato que estive trabalhando o final de semana inteiro, não é? — Ouço sua voz próxima ao meu ouvido. — Apolo realmente encheu meu saco, não faço ideia do lugar que encontram-se Alec e Taylor. Mas decidi que não importa, preciso mesmo compensar para você.

— Está aqui, agora — aperto meus braços em volta do seu corpo —, então não importa. Hã, você PERIGOSAS ACHERON

quer voltar para o hotel agora? Sinceramente estou morta. Lembre de nunca deixar Bella planejar viagens.

— Lamento que será a primeira pessoa que ela ligará sempre que precisar perguntar do casamento.

— Fecho os olhos. Não tinha pensado sobre isso.

— Marco não tem irmã — digo para Heitor, ele assente. — Será que ele me deixaria ser madrinha dele? Do casamento quero dizer. Não posso ser a madrinha de Bella, não irei lidar muito bem com toda preparação. Eli é a pessoa ideal. Eli entende de moda, de cor, de penteados. E nesse momento, sei que Bella está em conflito.

— Então precisa dizer para Bella. — Ah, como se fosse fácil. — Não sei se... Nunca planejei um casamento antes, então não sei como funciona. Precisa mesmo contar a Bella.

— Quando ela tocar no assunto. — Não sei como funciona nada disso também. — Direi, gentilmente.

— Gika... — Heitor repreende.

— *Giovanna, gentilmente* — corrijo, ele

assente sorrindo. — Como você vai conseguir viver comigo por muito tempo?

— Se eu contar que na verdade será a coisa mais fácil que farei na vida, você acreditaria? — Não, mas gosto do entusiasmo. — Tenho irmãos trigêmeos, fui noivo de Francine e depois para Síria. Tenho uma armadura de ferro e uma paciência quilométrica. Quando os trigêmeos nasceram, foi o momento que eu vi que um é bom, e dois é o suficiente. Minha mãe sempre dizia isso, quando perguntavam: Teve apenas um casal? Agora meu pai tem cinco filhos e minha diz que é a vingança do universo.

Parece algo que ela diria mesmo.

— Sua mãe não parece odiar seu pai. — Ela até fala sobre ele com orgulho.

— E não odeia — Heitor concorda. — Porém, meu pai nunca foi o melhor exemplo de marido, e apesar de ter acabado em divórcio por vontade da minha mãe, ela não o odeia, apenas não o ama mais. Humor de divorciados. O que não acontecerá conosco, já que iremos não iremos casar.

— Parece ressentido. — A música para e eu me
PERIGOSAS ACHERON

afasto do seu corpo.

— Nenhum cara quer ouvir não. — Eu não disse não.

— Sabe que não foi um não. — Apoio minhas mãos nos quadris. — Entretanto, não está em meus planos subir no altar, colocar vestido rodado e sorrir a noite toda. Se um dia se ver tentado a fazer isso num fórum, com desconhecidos e depois comer batata frita, ficarei feliz em dizer sim. Mas enquanto casamento significar tudo que *não* quero fazer, a resposta é não, definitivamente. Sua mãe terá o casamento de Bella, meus pais o de Ben, porque com certeza, ele irá casar em uma igreja.

Ele dá um passo para trás, estamos parados no meio da pista com corpos vibrantes ao nosso redor. A luz pisca causando náusea, mas irei sobreviver.

— Quando tiver um ano que estivermos morando juntos — proponho —, e eu tiver um segundo livro pronto, você pode voltar a considerar um contrato. Antes disso, não. Se sobreviver um ano comigo, talvez consiga para sempre.

— Pode falar sobre essa proposta a seus pais? — questiona ao segurar minha mão. — Não quero
PERIGOSAS ACHERON

que eles pensem que não estou a levando sério.

— Se isso o deixar tranqüilo. — Voltamos para a mesa. Todos estão muito animados, mas não permito que Heitor se sente. Os quatro viram em nossa direção, então respiro para dizer que preciso ir. — Foi uma boa noite, preciso ir.

Bella semicerra os olhos, intercala o olhar entre mim e Heitor.

— Isabella, acordei às cinco da manhã — rebato sua insinuação. — Tenha piedade do meu corpo. Não descansei. Com ou sem Heitor eu não iria demorar muito aqui. Sem contar as superdoses de álcool que ingerimos desde o seu pedido.

— É, vamos todos. — Eli olha para mim, como se realmente precisasse de um tempo. — Bella, uma viagem nunca me destruiu tanto quanto essa. Nem mesmo Sonora foi tão intensa quanto subir mirantes, e andar quilômetros até a reserva.

— Desculpa se eu queria fazer memória. — Bella levanta as mãos no ar, saindo da mesa.

— Você foi pedida em casamento — Eli

argumenta. — Seria inesquecível até se não tivesse deixado o hotel.

Elas farão um bom casamento, juntas. Se sobreviverem uma a outra até o dia. Viagens também podem ser cansativas. Muito cansativas, por sinal. Meu corpo está cedendo, provavelmente hoje serei eu quem vai dormir ao mirar a cama, Heitor não pode me culpar por isso. Não mesmo.

Catorze

E pela primeira vez desde que cheguei a Saturno eu dormi. Dormi de um modo brusco até, mas Heitor apenas desmoronou ao meu lado e fomos para longe, muito longe. Bem, mas agora ele não está aqui. Pelo que vi no relógio, já passou das dez da manhã.

Sinto minha cabeça latejar pelo álcool de ontem. Mesmo tomando banho e molhando meus cabelos com água fria, não resultou em tranquilidade.

A porta se abre de modo abrupto, mas não é Heitor, são Bella e Eli. Bella se joga na cama ao meu lado e Eli senta com delicadeza me entregando comprimido de analgésico. Então Bella me entrega um copo imenso escrito: *Vitamina de morango e mais*. Espero nunca saber o que significa essa mais. Nunca é bom se conhecer todos os componentes das comidas.

— Então? —Bella pergunta erguendo as

sobrancelhas de um modo sugestivo. — Está tudo bem entre vocês dois agora? Quer dizer...

— Está sim. — Sinto o comprimido descendo aos poucos, quero vomitar, mas não faço. Odeio beber remédios. — O que estão fazendo aqui? Cadê seus namorados? Em fato, cadê meu próprio namorado?

— Piscina — responde, mostrando o Sol intenso pela janela. — Sabe, Gika, quero dizer que estou feliz, meu pai quer que eu compre uma casa, mas não parecia justo deixar minha mãe sozinha. E ela disse que não, também, não lida bem em ficar sozinha, sabe como é.

— Estou feliz por você também. — Ela segura minha mão e entrelaça os dedos. — Marco é um bom homem, foi divertido planejar tudo com ele.

— Queria dizer que escolhi Eli como minha madrinha oficial — Bella declara, assinto, ela olha para a cama. Está escondendo algo. — Está bem! — esbraveja, fazendo Eli colocar a mão na boca. — Heitor me obrigou a escolher Eli. Disse que estaria ocupada demais — Estarei? —, planejando outras

PERIGOSAS ACHERON

coisas. Não quero que fique chateada.

— Vou superar — respondo. Eli sabe. Uma vez eu pedi que se ela fosse casar com Lucas, chamasse Bella para madrinha. — Acho que fez uma excelente escolha. Eli é uma escolha segura.

— Então, piscina? — sugere, batendo uma mão na outra com animação. — O sol está perfeito. E pelo que vi, a área da piscina está lotada. O que tem em mente além da piscina?

— Não pensei à frente — não mesmo, hoje era o dia que íamos embora, não estendi meus planos ou espírito para esse dia —, mas podemos ir. Minha cabeça está melhor.

— No final da tarde podemos ir ao Mirante uma ultima vez. — Eli me arrasta para fora da cama. — Vamos, Gio. Ainda somos jovens. Mesmo com o espírito massacrado. Vou dar uma olhada na piscina.

Não discordo. Ela vai para varanda e Bella deita passando os canais da TV. Procuro pelo biquíni extra que trouxe, mas não me sinto tentada em entrar numa peça tão pequena. Não sou muito de expor meu corpo. Gosto mesmo de me manter

PERIGOSAS ACHERON

agasalhada.

— Vocês sentem ciúmes? — Eli pergunta. Olho para Bella e estranhamos a pergunta. — Sabe, ciúmes deles?

Bem, nunca parei para fazer uma análise detalhada de quem eu sou. Até então nunca senti ciúmes de Heitor, mas talvez apenas não tenha tido oportunidade; porém não sou de ficar importunando, querendo saber do passado, apenas deixo para lá. Nesse tipo de coisa, não devemos ficar remexendo.

— Não sei. — Minha resposta tem um atraso tão grande, que não notei que Bella saiu em direção a varanda. — Por que teria?

— Porque as garotas da outra mesa estão claramente tentando chamar a atenção. — Eli não muda o tom de voz, mas acredito que tentou soar decepcionada. — Enfim, troque de roupa. Vamos. Não é porque seu irmão é grande que quero dividi-lo.

— Uma grande pensadora — Bella desdenha, mas volta para a varanda.

Sorrio ao entrar no banheiro. Mesmo pegando no pé de Heitor sobre Taylor, ele nunca me deu motivo para duvidar dele ou algo do tipo. Não acredito mesmo que uma pessoa aleatória vá despertar sua atenção por apenas jogar conversa fora.

Coloco meu vestido sobre o biquíni e arrumo meus cabelos em um coque volumoso. Pegos meus óculos escuros e volto para o quarto, onde as minhas duas queridas amigas estão olhando pela varanda como duas águias mirando a presa.

— O que acreditam que irá acontecer? — Cruzo os braços na frente do corpo esperando uma resposta para minha pergunta. — Eles vão apenas trair vocês embaixo da varanda do próprio quarto? — As duas se empertigam à minha segunda pergunta. — São melhores do que isso. Autoconfiança é mesmo uma roupa que vocês deveriam vestir.

— Vi que ficou com ciúmes de Taylor — Bella provoca.

— Por dois segundos — replico, inconformada com sua constatação. — E foi PERIGOSAS ACHERON

diferente, eles viveram juntos por meses a fio. Seu noivo está com seu irmão, ele nunca faria nada e meu irmão está com seu irmão. Também não fará nada. Parem de pintar homens como seres impulsivos. Não acho que faz parte da testosterona ser irresponsável.

— É o tópico do seu próximo romance? — Bella provoca.

— Apenas vamos, Isabella — digo ao abrir a porta. — Não me cansem, está bem?

Elas me seguem para fora.

Na área da piscina, ambas vão andando um pouco mais a minha frente, bem, eu realmente prefiro ir mais devagar. Todos estão de camisa, não acreditei que iriam mesmo, querer tomar esse sol. A parte coberta da piscina é extensa e está mesmo lotada. Acredito que hoje é o dia em que todos fazem tudo que é possível para se livrar da ressaca.

Bella e Eli tomam as cadeiras que estavam sobrando ao redor da mesa, mas não reclamo. Primeiro toco os ombros de Ben e beijo sua têmpora, logo depois mostro minha língua para Eli, vamos ver se ficará com ciúmes também. Dou um

PERIGOSAS ACHERON

tapa de leve sobre o ombro de Marco, que sorri, provavelmente lembrando do nosso momento amor e ódio no supermercado. Paro ao lado de Heitor e apoio minha mão em seu ombro.

— Sem espaço para mim — digo ao olhar em volta. E literalmente não há uma cadeira. — Vocês são ótimos amigos, fazem meu coração esquentar.

— Não tem problemas — Heitor responde, antes mesmo de eu conseguir exalar o ar, estou sentada sobre suas pernas. — A melhor cadeira do recinto com certeza é meu colo.

— Cara, ela é minha irmã — Ben justifica como se aquela cena doesse em seus ossos.

— É sim, Ben — Heitor provoca. Ainda preciso saber o nível de amor que um cultiva pelo outro. — Então prefere que eu a deixe em pé? Não, ela está mais confortável aqui. Não é, *meu amor*?

O quê?!

Sinto meu coração acelerar e meu corpo estremecer, por algum motivo eu olho para Marco. PARA MARCO! Que sorri. Ele sorri, porque

Marco sabe que eu tinha medo, foi a única pessoa para quem confessei e conversei sobre essa merda toda. Mas não estou desconfortável, apenas... apenas... um pouco impactada, vamos dizer assim.

— Com certeza é o melhor lugar de todo universo — provoco Ben e me volto para Heitor.

As mulheres da mesa ao lado se despedem ao passarem por onde estamos. Eles dão um “adeus” ao mesmo tempo, não as sigo com os olhos, mas Bella faz sem disfarçar. Envolver Heitor com meus braços e beijo seus lábios levemente. Não quero que Ben tenha um infarto antes dos trinta.

— Vai haver chuva de meteoros, hoje, à noite — Marco diz com bravura, ele sabe que Bella está com ciúmes. — Elas são estudantes de Física e vieram para Saturno somente para esta noite.

— Hum — Bella murmura, mas eu queria mesmo gargalhar ali. — E qual o motivo de elas repassarem tal informação?

— Heitor disse: Ah, acho que Gika nunca vai superar o fato que trabalhei o final de semana inteiro. — Marco faz uma imitação ridícula de PERIGOSAS ACHERON

Heitor. Na verdade, se ele não houvesse enfatizado a tal referência, nunca saberia. Porém, Heitor não parece satisfeito com o ato de deboche do amigo. — Então elas ouviram: Acho que sua namorada iria gostar da chuva de meteoro que terá hoje.

— Assim... do nada? — Bella questiona, incrédula. — Apenas sugeriram.

— Não, Isabella — Marco usa outro tom. — Elas queriam mesmo sair com a gente, porém tivemos que dispensar. Nossa agenda está lotada e o revezamento é grande.

Agora Heitor sorri. A irmã o olha com desprezo.

— Então, chuva de meteoro? — questiono, Heitor assente. — O melhor ficou por último?

— É, o universo me ama — ele responde e olha para Ben.

— Certeza que a chuva de meteoro esperou sua agenda ficar disponível para cruzar a atmosfera — Ben diz, sem ânimo. — Muita pretensão até para você, Heitor. Preciso afirmar.

Heitor dá de ombros, envolvendo meu

corpo com seus braços, o que nos uni. Eli aponta para piscina e sei o que quer fazer. Ela quer cair dentro da água, mas não sei se estou muito a fim de cair nessa água.

Ela se livra do vestido que comprou na Feira de Vênus e cai na água espalhando-a pelo piso seco. Heitor sugere com a cabeça que eu vá, mas me recuso. Não sei se é o que quero. Ele pede para eu ficar em pé e tira a própria roupa.

Ao meu redor, todos estão apenas trajando suas roupas de banho. Bella não espera convite e apenas pula molhando todo meu vestido. Agora que fiquei em pé, olho para minha roupa praticamente toda ensopada. Respiro fundo, mas não reclamo. O celular de Ben toca, e ele se afasta para atender. Heitor e Marco resolvem acabar logo com isso e entram na piscina. Desta vez foi mais do que mereci, então tiro o resto ao invés de praguejar.

Sabe o momento que disse que meu irmão era maior do que eu?

Esse é o momento que odeio esse fato.

Ben me ergue do chão, beija minha têmpora e sussurra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua mãe mandou lembranças. — A última coisa que diz antes de me despejar na piscina.

O ouço gargalhar e quando volto a superfície todos estão me encarando, provavelmente esperando que eu derreta, mas não, alguém outra vez me dá uma rasteira. E quando volto, descubro que é Ben.

— Está tentando me matar? — questiono ao me aproximar dele.

— Não, apenas quero que pare de dizer não para tudo — diz, ao tentar secar o rosto com a mão molhada. — A única coisa à qual disse sim, foi a Heitor e não parece justo com o resto do grupo. Então, se nós iremos entrar todos na piscina, você também vai.

Olho em volta e sem pensar — provavelmente com meu espírito infantil ativado — espiro água na direção de Bella, que revida, mas cai sobre Heitor que revida sem ver e desta vez cai sobre seu inimigo mortal, Ben.

— Democracia é um ato esquecido? — minha voz se sobressai ao ato infantil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Venha, *meu amor*. — Heitor me puxa ficando a minha frente. — Eu te defendo.

Preciso gargalhar, Ben joga água como se tivesse dez anos e Heitor muito menos. Essa briga vai durar a vida inteira, até que, uma criança de dez anos está nos fitando, totalmente atônita, deve estar se perguntando “Como ele sonha tanto em ser adulto, se aquilo é ser adulto?”

— Hã... Vocês querem jogar bola comigo? — o garoto questiona, é quase da minha altura, nos entreolhamos e assentimos ao mesmo tempo.

Não fará mal algum brincar com uma criança solitária enquanto deixamos o dia passar. O garoto sorri, satisfeito e nos deixa saber que se chama Gustavo. Dizemos nossos nomes e fazemos um grande círculo.

Acho que estamos mesmo desesperados para que esse dia não acabe. Mas fico feliz que ele esteja passando assim.

PERIGOSAS ACHERON

Quinze

Acredito que o mundo e Heitor e eu temos opiniões divergentes sobre o que é *realmente* curtir férias. Depois do almoço todos voltamos para nossos quartos, então ele disse: Preciso apenas fechar meus olhos por dez minutos, quase três horas atrás. Para minha sorte, está passando um dos filmes de sua lista. *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, preciso confessar que dei muitas risadas, agora vendo os créditos subirem, sinto que não foi tão ruim assim ficar deitada vendo um filme, enquanto Heitor dorme tranquilo.

Toco seus cabelos bagunçados e lentamente ele se vira para me fitar.

— Quando eu estou do seu lado — força a saída da voz — sempre parece mais confortável dormir. Sério.

— Está dizendo que sou seu sonífero? — Ele esboça um sorriso e deita a cabeça sobre minhas pernas.

— Não, apenas fico tranquilo demais. —
Volta para onde estava e me puxa para seu braço.
— Como se o mundo pudesse acabar e estaria tudo bem. Eu te amo, Gio. É tão bom falar isso em voz alta. Eu te amo há muito tempo.

Eu também.

Mas não digo, estou concentrada em seus olhos. Outra vez afundo minha mão em seus cabelos. Eu amo conversar com Heitor, mas não agora. Nesse momento quero sentir nossa troca de calor, meu coração pulsa forte com suas palavras. Eu amo suas palavras. Ele as domina como se ele fosse a própria língua, o próprio idioma, como se conhecesse palavras exclusivas; como se quando passasse por sua boca, tivesse outro significado, um que ele mesmo inventou e consolidou.

Mas eu amo o silêncio de Heitor. Há tantos significados quanto qualquer texto escrito. Até mesmo seu silêncio tem um poder. Uma força que com certeza me mantém refém, aprisionada no gesto, segura e protegida.

Ele não se movimenta, continua me encarando.

E sem nenhum motivo aparente, sinto uma lágrima descer por meu rosto. Quente, úmida e incoerente. Totalmente desproporcional ao momento. Ele a toca, secando meu rosto.

— O que foi? — sussurra, mas eu sorrio.

— Eu nunca quis nada — confesso, realmente estou quase constrangida, mas não posso me sentir. Se eu decidi morar com Heitor, não poderá haver lados escondidos. — E do nada, eu tenho tudo. É como... mesmo quando não desejei, eu desejei.

— Você tem medo de tudo, Giovanna. — Tenho. Porque medo me mantém segura. — Não se vive com medo. Precisa mesmo abandonar sua zona de conforto. O mundo é um campo minado, corremos quando devemos, mas nunca estamos seguros. Primeiro você tinha medo do fracasso, e acredito que fracassou em apenas pensar assim. Depois medo de se apaixonar, mas não se pode controlar o universo, *meu amor*. Ninguém pode. As coisas continuarão a cair sobre sua cabeça, vão até te soterrar, mas precisa mesmo aprender a levantar com rapidez, logo mais nem mesmo a maior carga

irá derrubá-la.

— Então entenderei que venci? — Parece uma pergunta estúpida.

— Não, apenas significa que está vivendo a vida. — Queria mesmo sorrir. — Só precisa de um lugar seguro, o resto do mundo sempre será uma estrutura danificada.

— Então vai cair em minha cabeça? — Agora ele toca meus cabelos.

— Todos os dias. — Parece algo ruim. — Por isso, precisa pensar bem como quer nossa casa, lá será o único lugar aonde você pode desabar e o mundo não.

— Como não amá-lo? — Sorrio, mas ele não faz. — Sabia que me apaixonaria por você em Sonora?

— Sim. — Sua resposta é sincera. Porém não acredito em tamanha convicção. — Porque eu realmente queria seu amor. Por algum motivo, parecia algo tentador demais ficar com você, quase como fazer algo heróico.

— Está dizendo que sou uma batalha? —

Esboça um sorriso, mas nada além disso.

— Estava tão disposta a lutar que eu queria realmente ser *sua* batalha. — Queria? — Convivi tempo suficiente com você, para saber no que estava me metendo. Eu não apenas sabia, como queria toda sua bagunça comigo.

— Ainda estou decidindo se isso é bom ou ruim. — Ele arrasta meu corpo pelo espaço que falta, me fazendo sorrir. — Levando em conta que todas as suas coisas são organizadas e alinhadas umas ao lado da outra, quero mesmo saber como resolveremos isso.

— Usaremos nossos pontos fortes — diz nos lábios. — E trabalharemos nos pontos fracos. Logo teremos mais equilíbrio do que imagina.

Sinto sua mão subir por minha pele fria, me causando arrepios. Arqueio meu corpo contra o seu e acabo em seus lábios. Nosso primeiro momento desde que voltou de viagem. Tento desligar meus pensamentos, esquecer que houve brigas, ressentimentos e muita decepção. Mas a vida nem sempre vai me dar o que quero, e sinceramente, às vezes, é melhor assim.

— Estava com saudades — diz ao se afastar, estranhamente eu estava aqui o tempo todo. — Como, Giovanna? Como é possível apenas uma pessoa nos dominar assim?

— Não tenho respostas — eu nunca as tenho, nem sei mesmo o motivo da pergunta —, mas preciso dizer que é recíproco. E sobre Taylor, eu não quis insinuar... Eu confio em você. De verdade.

— Eu deveria ter dito, apenas não achei relevante. — Pensando pelo lado que sempre que trabalharmos com o sexo oposto, teríamos que fazer um relatório, então torna irrelevante mesmo. — Acredito que quando gostamos de verdade de outra pessoa, qualquer outra se torna insignificante nessa colocação. Taylor era apenas uma colega de trabalho, continua sendo.

Sorrio. Mais próxima. Geralmente passamos horas conversando quando estamos juntos. Sempre em breves sussurros preguiçosos.

—Lembrei! — volta a dizer como se tivesse realmente acabado de lembrar algo muito importantes, antes esquecido. — Tem um diálogo

PERIGOSAS ACHERON

em O fabuloso destino de Amélie Poulain que me lembrei de você quando revi. — Ergo minhas sobancelhas e espero. — “Está apaixonado. Mas nem a conheço. Claro que a conhece. Desde quando?”

— “Desde sempre, desde seus sonhos.” — O diálogo volta fresco à minha mente. — O que quer dizer?

— Que faz sentido. — Faz? Não acredito nisso. — Sabe? Em Sonora fez sentido se apaixonar, talvez porque tenha sido “Desde sempre, desde os “meus” sonhos”.

— Não pode ser possível — digo e me afasto o suficiente para olhá-lo. — Você... você... não pode ser. Pense, Heitor. Nos conhecemos, sei lá, oito anos atrás. E...

— Eu sei. — Os números não fazem muito sentindo em minha mente. — Era a garota que estudava com minha irmã, eu trabalhava. Depois encontrei Francine, fiquei noivo, mas você lembra que...

— Você me levava café todos os dias. — E eu era uma estagiária. — Deixava alguns recados

PERIGOSAS ACHERON

grudados em meu monitor. A gente saía para almoçar...

— Tínhamos quase uma vida juntos — emenda. — Não foi do nada. Sonora estava ali e quando eu ouvi suas palavras, era como... não sei. Desde os *meus* sonhos.

— Então as pessoas tinham motivos para me odiar. — Eram quase oitenta por cento da equipe da revista, achando mesmo que eu era privilegiada. — Mas em Sonora você enfatizava que “faria o mesmo por Eli”.

— O que queria que eu dissesse? — Não sei. — Você nunca ao mesmo considerou me olhar da mesma forma. Em oito anos, sempre olhando para o lado. Ou para o monitor. Ou lendo, eu dizia algo, você não sorria. E era como um enigma. Até que um dia você vira para mim e diz que precisa se apaixonar. Eu teria fechado o festival por você se pudesse. Eu queria mesmo sua paixão. Por isso não olhei para Taylor, era impossível. Tem ideia de quanto eu ficava ansioso na Síria? Era um dia a menos. Literalmente um dia a menos. Mas não tem nada a ver sobre sua função na revista, é apenas

uma excelente escritora.

— Então...? — Ele sorri, como se eu estivesse fazendo questão de não entender nada.

— Desde sempre, desde os *meus* sonhos. — Seus dedos se entrelaçam aos meus e um sorriso quase travesso aparece em seus lábios. Quando ele tem uma ideia que significa que eu não vou topar de primeira. — Fiz uma pesquisa de um lugar onde não foi. Sei que está cansada, mas queria mesmo que fosse comigo.

— Heitor... — Ele retira o edredom como se tivesse tomado uma dose de adrenalina. — Já vamos ao mirante a noite. Você falou com as meninas?

— Não, porque será somente nós dois! — Está bem. — Vamos, troque de roupa. Quando voltarmos, pode se arrumar para ir ao mirante.

Olho para minha roupa. Espero mesmo que ele entenda que essa roupa não é apropriada para muitos lugares. Não critico, calço minhas sapatilhas e ele coloca uma camisa. Pelo seu entusiasmo, vamos andando. Se ele ao menos soubesse o tanto que andei nos últimos dias, não ficaria

PERIGOSAS ACHERON

entusiasmado mesmo. Não reclamo, como diria Ben, reclamo demais, não faço nada.

**

— Eu não sei — Heitor responde pela décima vez. Estou com a lista que a mãe dele disse gentilmente para me entregar. — Gika, eu não me preocupo mesmo como a cozinha vai se parecer, contanto que tenha utilidade. Não sei, ela poderia se parecer mesmo com uma cozinha, sabe? Assim não rola erro.

— Certo. — Passo para o outro item. — Tem preferência de onde fiquem os quartos? Quantos quartos pretende ter? E entre parênteses têm: Baseado na quantidade de filhos. FILHOS com “s” no final. Sua mãe está quantos anos no futuro?

— Se considerar que é um *imóvel* em que pretendemos morar por muito tempo. — Preciso revirar os olhos — Ela deve mesmo acreditar que em algum momento da nossa juventude iremos procriar. É normal. Mas *eu não sei*.

— Heitor, achei que iríamos planejar isso juntos. — Ele aponta para mim e depois para ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Planejar juntos não significa fazer uma pergunta e você responder *eu não sei*.

— Está bem, cinco quartos. — Paro no meio da rua, estávamos com um braço enrolado um no outro, agora não mais. — Gika, eu disse cinco quartos, não cinco filhos. Pensando bem, quatro quartos, se tivermos mais de três filhos eles podem dormir no mesmo quarto.

— Heitor! — soou mais indignada do que pretendia, mas ele está sorrindo.

— Você que estava na Fonte de Speranza pedindo filho. — Ah, foi exatamente o que eu fiz. — Só acredito que como pai, meu dever é mesmo entregar a encomenda.

Paramos em frente a uma casa antiga, porém perfeitamente pintada em tom cinza-esverdeado. O pequeno portão branco de ferro está aberto. Heitor sorri como se eu devesse reconhecer de quem é aquela casa. Mas infelizmente não conheço ninguém em Saturno, então terei mesmo que decepcioná-lo.

— É a casa de Vincenzo e Violleta Conti. — Não sabia que a casa estava para visitação. — É
PERIGOSAS ACHERON

um patrimônio histórico de Saturno. É aberto a visitação.

— Por que Bella não sabe sobre isso? — Ele aponta para a placa de ferro escuro na entrada.

— Eles não atualizaram o Guia. — diz, como fosse óbvio. — Não muitas coisas dentro da casa, mas eles tentaram manter exatamente no mesmo lugar por anos. Nunca foi habitada depois dos Conti, mas sempre tinha alguém para manter a ordem. Eles eram um casal muito respeitado por seus vizinhos. Essa casa foi habitada pelos Conti a primeira vez em 1940. Desde então nunca mais pertenceu a mais ninguém.

Estou absorta diante da casa. Tem um andar, janelas retangulares de madeira e pintura branca. Talvez mantendo a originalidade. Há plantas no jardim, na verdade, parece que a qualquer momento um dos dois irá aparecer ali na janela e suspirar diante da visão de Saturno, ou mesmo... mesmo olhar para a Fonte. O monumento fica virado para a casa, mesmo metros de distância.

Olho para a Fonte, tem muitas pessoas jogando moedinhas lá dentro.

— Vamos ver como era a casa de Violleta e Vincenzo? — ele volta a falar diante do meu silêncio.

Dou um passo à frente. É como se agora que estou aqui eu pudesse senti-los de alguma forma. A casa de uma pessoa fala muito sobre ela, se é feliz, organizada, se preza pelo conforto. É um espaço íntimo, muito por sinal. Mas estou feliz em estar na sala de estar dos Conti. Móveis clássicos, uma foto imensa de cada um na parede que fica de frente para entrada. E eles eram apenas lindos. Violleta poderia ter sido uma estrela de cinema com rosto.

Deve ter sido muito difícil deixar tudo para trás e apenas apoiar a carreira do marido, mas naquela época não era como se houvesse opção, casar significava mesmo fazer tudo que seu marido queria. Porém, ela não parece triste, na verdade, parecia feliz e tranquila.

Uma pessoa nos cumprimenta. Continuo sentindo meu coração acelerar, está batendo por todo meu corpo, irradiando a batida perfeita.

Eles eram felizes, como puderam. Cada

PERIGOSAS ACHERON

pessoa pode mesmo ser feliz com o que é concedido.

Continuamos o passeio em silêncio. Os objetos dispostos, parados, com leves camadas de poeira. Fico imaginando, o quanto ela deveria odiar o momento em que tudo ficava assim outra vez. As noites em que o marido esquecia-se de voltar para casa cedo porque descobriu algo novo.

No quarto, além da cama, tem uma poltrona que parece bastante confortável. Provavelmente onde ela sentava e ficava lendo enquanto o dia passava. Fazia um chá quando chegava da escola, sentava ali e aprendia mais um pouco, apenas pelo prazer de depois repassar tudo isso.

Sua cozinha, totalmente branca com um piso em xadrez, me faz sorrir. Como eles chegaram a esse consenso? Como foi apenas dizer: Vamos intercalar as cores do piso, uma cerâmica preta outra branca. A mesa é um tom de vermelho e as cadeiras também. Aqui declara que foi o último espaço a ser reformado, provavelmente algo que Violleta quis fazer para se sentir dentro dos anos 70.

No último quarto tem uma maquina de costura. Algumas prateleiras vazias e uns livros empilhados. Parece realmente como minha casa deve se parecer. Livros espalhados, mas aqui, nesse momento, sinto que sempre foi uma casa habitada por adultos. Não tem jeito ou espírito de crianças, para eles devem ter sido algo ruim considerando o quanto eles queriam filhos.

De volta à calçada, depois de muitos minutos presos ao passado de Violleta e Vincenzo, continuo sentindo que a qualquer momento ela aparecerá em sua janela para olhar a Fonte e apenas me verá ali, tentando fazer conjecturas de sua vida. Algo que acabou mais de quarenta anos atrás.

— Então? — Heitor consegue dizer, olho outra vez para a janela, apenas para ter certeza que está vazia. A cortina balança com o vento e sorrio. — O que achou da casa de Violleta?

— Estou inspirada — digo, acredito que a ideia foi essa, me trazer para uma história de amor de sucesso. — Podemos passar na Fonte outra vez?

Ele assente, vamos em silêncio, apenas

PERIGOSAS ACHERON

absorvendo os últimos raios de sol. Ele coloca uma moeda sobre minha mão e sorrio. Não quero sentir que não fiz tudo. Dona Camila está certa. Se vamos pensar a longo prazo, precisamos pensar sobre toda a vida. Não somente do que é importante no presente.

Fecho os olhos e desta vez de frente para a Fonte de Speranza, eu jogo a moeda dentro da água. Ela faz um barulho quando encontra os outros objetos de ferro no fundo.

— Um filho por moeda? — Heitor está com as mãos escondidas dentro do bolso.

— Talvez a primeira vez ela não tenha levado tão a sério — confesso, realmente constrangida por ter desdenhado.

— E desta vez? — Volto a olhar o monumento uma outra vez. — É o que você quer?

— Um filho seu? — Quer dizer, nosso?

— Sim. — Caminho em sua direção e fico na ponta dos pés.

— É tudo que mais quero. — Beijo seu sorriso. — Porém, não agora. Ou amanhã. Um dia

PERIGOSAS NACIONAIS

no futuro, Violleta — digo alto, olhando para o céu.
— Daqui uns quatro anos. Cinco. Não sei, apenas
espero ser capaz — continuo dizendo para as
nuvens brancas sob nossas cabeças.

— Vamos, seus amigos estão a esperando.
— Seguro sua mão o sigo.

Olho uma última vez para trás. A casa está lá,
mirada na Fonte. É como se eles conversassem
entre si, e tivessem segredos engraçados. Com
certeza eles foram felizes, porque mesmo depois de
não estarem em sua casa, ainda parecia um lar feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Dezesseis

A temperatura caiu em Saturno. Agora não parece mais tentador subir no ponto mais alto da cidade, na verdade, queria mesmo cair sobre a cama e somente sair de lá quando fosse o último segundo antes de partir.

Olho para minhas camadas de roupas – não são muitas, mas são necessárias – Acredito que o cabelo preso fará muito bem para amanhã, a velocidade do vento está realmente maior do que no outro dia que subimos.

Bella está realmente animada com a chuva de meteoros. E eu preciso da dose de coragem que ela tomou. Estou sentada, enquanto Heitor organiza tudo cuidadosamente para dentro de sua mochila. Disse que não adianta deixar para amanhã, sempre se ferra com esse pensamento.

— Não vai mesmo ligar seu celular? —
questiono, ele pausa o que está fazendo e me olha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe, talvez Apolo...

— Não posso fazer o trabalho dele para sempre. — Assinto, não pode mesmo. — Hoje é domingo. Sempre haverá um jornalista para contar uma história, mas não precisa ser eu. Não vou ser meu pai. Prometo.

— Seu pai? — Ele fecha a mochila e a coloca apoiada contra a cadeira.

— Sim, meu pai ama trabalhar. — É? Talvez por isso eu nunca o veja? — Ele tem cinco filhos e provavelmente não consegue saber a idade exata deles. Não quero ser meu pai, porque quando eu morrer, o jornalismo continuará no mesmo lugar. Não quero olhar para trás e pensar: Escrevi um milhão de textos. Não pode ser esse meu legado. E esse final de semana foi tudo que eu fui. Meu pai.

Meu medo.

O medo que Marco mencionou, se sempre seria assim. Apenas trocada por uma dúzia de trabalho. E é como soltar e deixar todo medo que um dia residiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Fico feliz por isso — consigo dizer —
De verdade.

Sua expressão é de total confusão. Então
fico em pé estendendo minha mão em sua direção.
Precisamos ir nesse momento.

**

Antes de encararmos a caminhada, Eli
sugeriu que para a subida ser algo mais
interessante, tomássemos uma dose de vodca.
Muito interessante mesmo, porque não tomamos
uma dose de vodca, tomamos umas três doses.

Tudo por dentro queima como um vulcão
acordado, mas ao menos estamos gargalhando
muito. Acredito que foi a melhor ideia mesmo.
Amanhã voltamos para nossa realidade, hoje é tudo
o que temos e apesar de todas as memórias que
Saturno nos proporcionou, nós queremos usar até
mesmo os últimos segundos. Queremos nos sentir
jovens, apesar da idade, livres, apesar de todas as
amarras.

Decidir se o mirante é melhor de dia ou à
noite, será um trabalho difícil para quem quer
considerar, não para mim, eu não tomo esse tipo de
PERIGOSAS ACHERON

decisão. Mas a cidade está ali. Com suas luzes acesas, que piscam esporadicamente.

O ar continua gelado, mas o silêncio é tudo o que ouvimos. Aponto para o banco que estive antes, algumas pessoas estão deitadas no chão. Em apoios, estão encarando o céu. Bella vai até a barra de proteção com Marco e sinceramente não sei em qual o momento, Eli se perdeu do grupo.

Heitor passa os braços em volta do meu corpo, e sinto o seu calor melhorar a sensação de estar a céu aberto numa noite fria.

— No que está pensando? — sussurra contra meu ouvido.

— Absolutamente nada. — Pela primeira vez na vida.

— Essa é uma novidade. — Viro-me para ele. — Em nada? Devo me preocupar?

— Na verdade, eu estou pensando. — Sim, sempre estou. — Quando jogou a moeda na Fonte, qual foi o motivo?

— O motivo óbvio de se jogar a moeda na Fonte. — Amor eterno?

— Heitor... não pode dizer que... — Ele tira os braços de volta do meu corpo e sorri. Ele olha para Ben e sorri outra vez.

— Eu te amo, Giovanna — diz, alto suficiente para Ben, e as outras pessoas ali, ouvirem. Fecho os olhos. Não deveríamos ter bebido. — Ela não consegue entender — ele diz para alguém, um desconhecido que sorri, eu quero ficar brava, mas não consigo. A vodca se agita em meu sangue e eu quero gargalhar. Ele está quebrando o silêncio do lugar. — Te amo. Assim. Alto. Para sempre. Moeda na Fonte. Atrapalhando estranhos. Dessa forma. Eu não me importo se está com vergonha, ninguém aqui nos conhece.

— Você é o jornalista que ganhou o prêmio! — Um cara grita, mas ele dá de ombros.

— Ei, alguém me conhece. — Ele se vira o cara que dá de ombros. Ben está sorrindo. — Não, eu não vou ser o jornalista que ganhou porra nenhuma, a partir de hoje lembre-se de mim como “O namorado da Giovanna”. Quero que Saturno saiba que tudo começou em Sonora. Mas paixão é algo breve, poderia ter sido *realmente* qualquer um,

mas não aqui. Porque eu amo você, Giovanna. E sempre, sempre que escrever como o coração do seu personagem bateu acelerado, lembrarei que foi comigo que se sentiu assim pela primeira vez. E ninguém pode apagar aquela sensação, elas estarão impressas em breve e o mundo precisa saber que me sinto da mesma forma.

— Agora sabemos — outra pessoa responde, nego com a cabeça. Eu quero matá-lo, porque odeio atenção. — Esperando esse livro.

Respiro para responder, mas não há tempo. Nos viramos na primeira queda do ponto luminoso. Bem, não há o mais o que dizer. Está acontecendo.

Olho em volta, talvez encontrar um amor seja mesmo como ver uma chuva de meteoros. Algo admirável, apesar de aterrorizante. Mas deixar o medo para trás, nos mostra que a vida é feita mesmo de eventos únicos se formos capazes de admirá-los. Para quem não aproveitou a subida ou ao menos não a quis fazer, perdeu um dos eventos naturais mais belos da natureza.

O frio continua aqui, mas na “jornada” há sempre uma pessoa disposta a aquecê-la se for

PERIGOSAS ACHERON

necessário. Sempre haverá alguém para dizer: É uma subida, mas farei com você. Esse é o ponto da sua vida em que percebe tudo que queria fazer, e que mesmo o que desejou em silêncio foi capaz de realizar.

Não deixe o medo roubar sua vida de você.
Procure sua chuva de meteoro. E no final, será a melhor subida da sua vida.

Dezessete

Eu vou jogar esse notebook contra a cabeça de Heitor.

— Giovanna, eu não sei. — Se ele responder mais uma vez dessa forma, não me importo, não mesmo. — Sério.

A campainha ressoa, ele está lendo algo em seu próprio notebook. Aponta para a porta, pedindo que eu atenda.

Do outro lado está dona Camila. Sorridente e ociosa.

— Só Élide consegue lidar com Isabella — declara ao passar pela porta. — Não posso mesmo lidar com sua irmã, agora. Diga que precisam de mim, por favor.

— Se sua resposta for mais do que um “eu não sei” — digo ao apontar em direção a mesa —, ficarei feliz em ganhar ajuda, sim. Seu filho é incapaz de dar uma opinião, sendo que ele tem PERIGOSAS ACHERON

opinião para tudo na vida, menos como quer que se pareça sua casa.

— Ele é filho do próprio pai. — A sua constatação causa um arrepio em meu corpo inteiro. — Vamos, querida. Não somos obrigadas, mas há uma regra.

— Há? — questiono. Heitor gira o suficiente para olhar para sua mãe.

— Não há mudanças se não quiser se envolver no projeto — declara. Heitor olha para a mãe como se naquele momento tivesse vendo dois inimigos unidos. — Qualquer coisa, Gio, é só me ligar. Agora vamos, te amo, filho.

— Não parece — responde.

Pego meu notebook, minha bolsa e me despeço com um aceno. Ele estreita os olhos como se eu tivesse acabado de vender minha alma ao diabo. Não posso adivinhar tudo que ele quer. O para sempre envolve dona Camila, então, melhor unir forças quando estou em desvantagens e montar mesmo uma forte linha de frente.

Ela envolve seu braço ao meu e diz:

— Não, ele não parece com próprio pai. — Sorrio. Ao menos isso. — Eu quero mesmo fazer isso com você, Giovanna. Bella tem a própria sogra. — Ela revira os olhos. — Se quiser, pode chamar sua mãe.

Assinto. Será uma boa ideia. Assim nem mesmo eu, escolho nada.

Respiro fundo para encarar a nova etapa que me propus a viver.

Sem medo.

Extra

Bella

Sempre tive muitos dilemas.

Como por exemplo: Ter uma boa profissão ou ser feliz?

Porém, não é uma resposta fácil. Porque você pode ter as duas ou nenhuma. Então eu decidi ter as duas. Mesmo que a boa profissão não pague rios de dinheiro, eu prefiro assim. Uma vez meu pai insinuou: Ah, Bella, você pode estudar o que quiser, não é como se precisasse de dinheiro. Meu irmão quase odeia esse fato sobre meu pai e eu meio que aprendi a odiar também. Ele é um bom pai nos trinta minutos em que o vejo. É, trinta minutos. Lembra sobre a “boa profissão?”, ela também pode ser uma armadilha disfarçada de: Nunca verá sua família acordada.

Foi assim, por anos, até que minha mãe disse que bastava. Não viveria com uma aliança no dedo de enfeite, sem ter um marido.

Ele enfatiza que somos sonhadores como minha mãe.

— Jornalismo é sonho. — Garantiu certa vez, quando Heitor mencionou que seria isso que faria da vida. Meu pai esquece que somos mesmo como minha mãe e prezamos a dignidade acima de tudo. Heitor tem um nível de orgulho muito alto e meu pai sempre fazia escolha pobres de palavras ao aspirante a jornalista. — Esse menino precisa tomar um tombo do mundo, Camila.

Então veio o divórcio e meu pai começou a aparecer mais, e até mesmo a insistir que Heitor contasse como era ser jornalista. Ele pode ter um nível alto de orgulho, mas também gladia com a humildade e o reconhecimento de que foi mais fácil viver a vida que nosso pai nos proporcionou.

Porém o medo latente do meu irmão era ser uma cópia fiel do seu progenitor. Ele luta contra isso todos os dias. Até confessar que pediria a Giovanna para se mudar com ele. SE MUDAR!

No primeiro momento eu fiquei atônita, tão chocada que não proferi uma única palavra. Ele ajoelhou no chão, apoiou as mãos sobre meus

PERIGOSAS ACHERON

joelhos e disse:

— Falei morar, não matar. — Seu tom de deboche me fez sorrir.

Heitor querer *morar* por livre e espontânea vontade com Giovanna?

GIOVANNA, O SER HUMANO MAIS DIFÍCIL QUE HABITA A TERRA?

— Ela está grávida? — Nem mesmo eu, acredito nessa pergunta infeliz.

— Bella? Só preciso que vá na casa dela e a convença a ir a Saturno. — Assinto às palavras de comando. Ele é meu irmão mais velho e apesar de tudo, Heitor ainda é a melhor pessoa que conheço, depois da minha mãe. Quando eu tinha medo, somente ele me ajudava. — Quero que seja especial.

— Por quê? — Não é que não queira isso, mas quero entender como ele chegou àquela conclusão tão clara. Afinal, sua história com Francine estava bem aí na porta. — Sabe, não sabia que estavam nesse ponto.

— Justamente. — Faz um gesto de “É óbvio

que você não sabe”. — Não pode controlar nada. Mas eu quero fazer isso.

— E se ela surtar? — Porque ela vai.

— Ela não vai. — Vai sim. — Ou vai. Não importa.

— Importa — revido. — Acima de tudo, Giovanna é minha amiga.

— E eu sou seu irmão. — Meneio a cabeça. — Não confia sua amiga ao seu irmão?

— Confio — respondo, com mais certeza do que acreditei que teria. — Sabe que Gio não faz o tipo de casamento... hã. Só não quero que se machuque.

— Me dê mais créditos. — Ele pode ferrar tudo. — Apenas a faça ir para Saturno, está bem?

— Está bem! — digo mais animada com nosso segredo. — Espero que os trigêmeos tenham juntos, o que tivemos em nossa infância.

Ele remexe nos meus livros sobre a mesa e solta uma risada sem graça.

— Um pai ausente? Uma mesada exorbitante? — Ele ergue um exemplar de um livro
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e minha visão se embaça com as memórias adormecidas.

— Um ao outro — digo, ele ergue a sobancelha como se não fosse fácil. — Quando eu for mãe, meus filhos irão pisar em minha cabeça.

— Também acho — respondo em um tom de sarcasmo. — Você tem uma cara bem *abusavel*.

— Isso nem é uma palavra. — Dá de ombros e joga a almofada contra ele que usa os braços como escudo. — Você só pode escrever, não pode criar palavras.

Vem em minha direção, segura minhas mãos e me faz cócegas, começo a gargalhar e ao mesmo tempo tenho forças para chamar nossa mãe.

— Oh, mãe! — grito, ele sabe que ela vem correndo. — O Heitor precisa ir embora.

Ele me solta e cai de costas na cama. Jogo-me de costas caindo sobre seu braço aberto na cama. O teto do meu quarto ainda tem estrelas e planetas que acendem quando tudo fica escuro. Fizemos essa colagem quando eu tinha catorze anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Heitor, deixe Isabella em paz! — ela grita assim que abre a porta, a olhamos com grandes sorrisos nos lábios e seus olhos brilham. — Meus bebês estão juntinhos.

— Seus bebês estão prontos para fazerem bebês — provoco. Minha mãe não é daquelas mulheres que acreditam na santidade dos filhos. — Está sabendo da novidade do primogênito revoltadinho?

— Sim, eu que o mandei seguir em frente — ela diz como se ele fosse uma alma perdida em busca da luz. — Agora posso sair, namorar em paz.

— Eca — dizemos juntos.

— Próxima parada são meus netos — ela solta como se fosse uma ordem. Ou seja, o que minha mãe quer, é nos dar permissão para procriarmos porque ela quer netos. — Quero muitos netos.

— Quer namorar e ter netos? — Heitor questiona. Não parece ser o plano perfeito. — São os novos *goals* das vovós do século XXI?

— Se a mulher do seu pai pode ter vinte e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

oito anos — desdenha — e ter filhos com quatro anos, eu posso ter um namorado da minha idade e netos. Já que meu útero não transforma mais nada magicamente.

— Oh, meu Deus, mãe — Heitor repreende colocando as mãos nos ouvidos. — Preciso ir trabalhar, minhas contas não se pagam sozinhas.

— Está tudo bem com o Marco? — ela intercepta o filho na saída. — Sabe, nunca mais o vi aqui.

— Mãe, não pode nos obrigar a ter filhos! — esbravejo sem calcular o volume da minha voz. — Sério mesmo.

— Está bem. — Ela segura o braço de Heitor e toca o rosto dele. — Parece cansado.

— É porque estou cansado — argumenta. Ela toca o rosto dele novamente. — Mãe, não posso ser demitido.

— Tem bolo! — ela anuncia nos fazendo ficar alerta.

— Tudo bem, meu pai é super rico. — Acho que é a primeira vez que ele realmente diz

PERIGOSAS ACHERON

aquilo. Heitor nunca se importou mesmo com nosso pai desse modo. Ele só queria um pai; o que o nosso, quase não foi capaz de ser, então ele ignora todo o resto como protesto. — Dez minutos. Agora me diga mãe, como quer seu namorado? Conheço alguns pretendentes à sua altura.

— Prefiro mais altos — diz, realmente de modo inocente.

— Mãe, digo altura... — Ele olha para trás e nego com a cabeça. — Está bem. Mais altos. Entendi.

Não acredito mesmo que Heitor está “arranjando” namorados para minha mãe. Ele até mencionou que um dos donos do jornal está solteiro, minha mãe disse que não, até Heitor mostrar uma foto.

— Parece adorável — responde ante a foto do senhor de cabelos grisalhos e com elegância até mesmo no sorriso.

Quase engasgo no meu próprio suco, mas Heitor se mantém firme vendendo qualquer possível pretendente. Ela está empolgada com a aprovação iminente do filho, achou que Heitor iria

PERIGOSAS ACHERON

resistir, bem, mas ele não fez. Estranho? Muito, mas talvez esteja tão empolgado com a ideia de Giovanna, que acredita que nossa mãe merece mesmo não ficar sozinha, mesmo que eu esteja aqui. Ela não ficará sozinha.

Toda a seleção de possíveis parceiros fez sentido quando *eu mesma* fui pedida em casamento. Naquele momento eu realmente entendi que minha mãe não merecia ficar sozinha.

Acho que é basicamente um recomeço para todos os membros da minha família. Para minha mãe, desde o divórcio. Para Heitor, desde o término com Francine, para mim desde todos os meus corações partidos e remendados.

Apenas assim, mas acima de tudo, tínhamos um ao outro.

Sempre é bom para um recomeço.

Agradecimentos

Heitor e Gio ainda são meus espaço preferido, conseguem me proporcionar vários sentimentos em poucas páginas. Realmente não tinha a intenção de voltar até o casal, mas Laura Grazielle não permitiu que fosse capaz. Então temos mais uma dose do casal. Aliás, haverá a dose final em breve. Estamos preparando a última novela que se chamará Final feliz em Florence.

Fiquem ligados!

Encontre-me nas redes sociais para saber quais serão os próximos lançamentos:

@eu.andreianascimento (Instagram)

@euandreianascimento (Wattpad)